

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

FABELIS MANFRON PRETTO

O (RE)CONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL: AS VIVÊNCIAS
DOS MORADORES DO DISTRITO DE GUARAGI, PONTA GROSSA (PR)

PONTA GROSSA

2014

FABELIS MANFRON PRETTO

O (RE)CONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL: AS VIVÊNCIAS
DOS MORADORES DO DISTRITO DE GUARAGI, PONTA GROSSA (PR)

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

PONTA GROSSA

2014

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

P942 Pretto, Fabelis Manfron
O (Re)conhecimento do patrimônio cultural rural: as vivências dos moradores do Distrito de Guaragi, Ponta Grossa (PR)/ Fabelis Manfron Pretto. Ponta Grossa, 2014.
177f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky.

1.Campo e cidade. 2.Rural e urbano.
3.Cultura. 4.Patrimônio cultural rural.
I.Monastirsky, Leonel Brizolla. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em Gestão do Território. III. T.

CDD: 910

TERMO DE APROVAÇÃO

Fabelis Manfron Pretto

“O (RE)CONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL: AS VIVÊNCIAS DOS MORADORES DO DISTRITO DE GUARAGI, PONTA GROSSA (PR)”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: 
Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky
UEPG


Prof.ª Dr.ª Cecilia Hauresko
UNICENTRO


Prof. Dr. Celbo Antonio Ramos Fonseca Rosas
UEPG

Ponta Grossa, 04 de fevereiro de 2014.

*Aos meus pais Daniel e Mônica,
pelo amor, dedicação e
exemplo de vida!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a paz nos momentos de aflição e luz nos momentos de dúvida e incerteza.

Aos meus pais Mônica e Daniel que sempre abrem mão de tudo se preciso for, para acompanhar-me. Por serem exemplos de vida, pela sabedoria dos conselhos nos momentos de dúvida, pelo ânimo nos momentos difíceis, pelo amor incondicional.

Ao professor Leonel Brizolla Monastirsky pela amizade, paciência e confiança com as quais me orientou, colaborando na minha formação profissional e crescimento pessoal e por sempre encorajar-me a seguir em frente.

Aos meus pais pela companhia nas pesquisas de campo e a população do distrito de Guaragi, moradores permanentes e temporários, que com muita gentileza e disponibilidade me recebiam em suas casas e compartilhavam comigo suas histórias, experiências e vivências.

Aos professores Cecilia Hauresko e Celbo Antonio da Fonseca Rosas pela dedicação e contribuições na banca de qualificação e defesa e pelo incentivo a continuar a caminhada.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa que contribuíram no meu aperfeiçoamento profissional.

Aos amigos, os mais antigos e os mais novos, pela torcida e apoio. Em especial Anna Paula Lombardi, pela constante preocupação, incentivo e alegria.

Aos familiares, especialmente a minha avó Anita, pelas orações.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

Sonho de Caboclo

*Esta noite eu tive um sonho
Acordei muito assustado
Sonhei que o mundo moderno
No sertão tinha chegado
O verde da minha roça
eu vi tudo arrasado
O ribeirão poluído
Carreador tudo asfaltado.*

*Deus me livre
O que vai me acontecer
Se esse tal mundo moderno
Fizer meu sertão morrer.*

*Vi um caboclo inspirado
Com uma guitarra na mão
Olhando a luz de mercúrio
Cantando "Luar do Sertão"
Uma boiada passar
Sem tirar poeira do chão
E um menino abrir a porteira
Apertando um botão.
Até mesmo a caboclinha
Que foi sempre a inspiração
De um caboclo em serenata
Teve uma transformação
Trocou a sua janela,
Luz da lua e o violão
Pela luz de um luar falso
De uma televisão.
Eu fui num baile na tulha
Tava cheio de mulher
Trocaram o nome da tulha
Agora virou "discoté"
Um cantador esquisito
Pulava e fazia vorta
Me disseram o nome dele
Era um tal de "João Treis Vorta".
Por fim o sonho acabou
E eu nem pude acreditar
Levantei as mãos pro céu
E agradei por acordar
Olhei da minha janela
Vi o mesmo sabiá
Cantando no mesmo galho
Tudo ainda tava lá.*

Adauto Santos

RESUMO

Essa dissertação discute sobre o conceito de patrimônio cultural rural. Um estudo a partir dos atores sociais que vivenciam o espaço rural do distrito de Guaragi no município de Ponta Grossa – PR. Buscou-se compreender a partir das vivências dos moradores permanentes e de veraneio do distrito o que constitui essa categoria patrimonial. Na primeira parte da pesquisa é feita uma discussão teórica, onde são apresentadas reflexões sobre o atual contexto das relações entre campo e cidade, rural e urbano para entender como as novas dinâmicas e configurações entre esses espaços refletem na identidade do ator social que vive no campo e também sobre questões referentes ao patrimônio cultural num contexto amplo e mais especificamente sobre o patrimônio cultural rural. Na segunda parte, é feita a apresentação e discussão dos dados obtidos em campo e uma discussão sobre o patrimônio cultural imaterial, bem como as discussões finais e contribuições conceituais. Discutiui-se conceitos como cultura, identidade, relação campo e cidade, rural e urbano, paisagem, memória e patrimônio para compreender e, com isso, colaborar com a ampliação e discussão a respeito do conceito de patrimônio cultural rural.

Palavras-chave: campo e cidade, rural e urbano, cultura, patrimônio cultural rural.

ABSTRACT

This dissertation discusses the concept of rural cultural heritage. A study from the social actors who experience the rural district of Guaragi in the county of Ponta Grossa - PR. It was sought to understand from the experiences of permanent and summering residents of the district what represents this heritage category. In the first part of the research it was done a theoretical discussion, where it was shown some reflections about the current context of the relations between country and city, rural and urban, to understand how the new dynamics and configurations among these spaces can reflect on the social identity of the actor who lives in the countryside and also on issues related to cultural heritage in a larger context and more specifically about the rural cultural heritage. In the second part, it was done the presentation and discussion about the data obtained in the field research and a discussion about the intangible cultural heritage as well as the final discussions and conceptual contributions. It was discussed concepts such as culture, identity, relationship between country and city, rural and urban, landscape, memory and heritage, to understand and, thus, to collaborate on the expansion and discussion of the concept of rural cultural heritage.

Keywords: field and city, rural and urban, culture, rural cultural heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Localização do distrito de Guaragi, Ponta Grossa – PR.....	15
Fotografia 1 -	Vista a partir do distrito da cidade de Ponta Grossa.....	67
Fotografia 2 -	Residência no distrito de Guaragi.....	68
Fotografia 3 -	Trator e roçadeira acoplada utilizados na manutenção de propriedade.....	69
Fotografia 4 -	Cerca em uma propriedade do distrito.....	72
Fotografia 5.a -	Plantação de soja no distrito.....	78
Fotografia 5.b -	Plantação de milho no distrito.....	78
Fotografia 6 -	Forno externo em residência de morador	82
Fotografia 7 -	Participação dos moradores em cavalgada festiva.....	88
Fotografia 8 -	Celebração religiosa que antecede as festividades em homenagem aos santos padroeiros.....	90
Fotografia 9.a -	Procissão durante as festividades.....	91
Fotografia 9.b -	Andores.....	92
Fotografia 9.c -	Devota fazendo suas preces.....	92
Fotografia 10.a -	Venda de produtos na Festa do Colono.....	93
Fotografia 10.b -	Tendas para venda de produtos na Festa do Colono.....	94
Fotografia 11 -	Grupo de musicistas de viola e violão em apresentação na Festa do Colono.....	95
Fotografia 12 -	Grupo de dança tradicional Gaúcha.....	96
Fotografia 13 -	Dança durante a festa em homenagem a Nossa Senhora Aparecida.....	96
Fotografia 14 -	Área de vegetação em propriedade do distrito.....	102
Gráfico 1 -	Equipamentos e edificações que compõe a paisagem rural e são utilizados pelos moradores	105
Gráfico 2 -	Hábitos e tradições.....	106
Gráfico 3 -	Itens e utensílios domésticos.....	107
Fotografia 15 -	Ninho de joão-de-barro em residência no distrito.....	109
Fotografia 16.a -	Ninhos de guachos em araucária.....	114
Fotografia 16.b -	Moradora de veraneio exhibe cordas desfiadas por ela para "ajudar" na confecção de ninhos de guachos.....	114
Fotografia 16.c -	Local de alimentação dos pássaros.....	115
Fotografia 17 -	Fogão à lenha utilizado em uma das residências de veraneio.....	117
Gráfico 4 -	Equipamentos e mobiliários dos moradores de veraneio.....	121
Fotografia 18.a -	Forno externo utilizado no passado.....	122
Fotografia 18.b -	Equipamentos de trabalho e utensílios domésticos de diversas épocas preservados por uma família.....	123
Gráfico 5 -	Hábitos dos moradores de veraneio e observações feitas por eles sobre os moradores permanentes.....	124
Gráfico 6 -	Edificações mantidas nas propriedades pelos moradores de veraneio.....	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Habilidades e Conhecimentos dos moradores.....	71
Quadro 2 -	Alimentos e bebidas consumidos.....	83
Quadro 3 -	Formas de expressão artística.....	89

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

	Introdução.....	12
1	O Patrimônio Cultural Rural: conceitos e reflexões.....	21
1.2	Reflexões e Apontamentos conceituais.....	23
1.2.1	A cultura e o espaço de produção cultural.....	24
1.2.2	Campo e cidade, rural e urbano: espaços e modos de vida dinâmicos.....	26
1.2.3	O modo de vida rural nos hábitos diários: memória e identidade.....	37
1.3	Paisagem e patrimônio: os traços culturais e fragmentos da memória rural no espaço.....	47
1.4	Do passado, no presente, ao futuro: o patrimônio cultural rural.....	52
1.4.1	Ações de preservação e institucionalização do patrimônio histórico-cultural brasileiro.....	56
2	O patrimônio cultural rural: as vivências dos moradores permanentes.....	64
2.1	O modo de vida e a vida do modo rural.....	66
3	O patrimônio cultural rural: vivências urbanas e patrimônio imaterial.....	111
3.1	Vivências urbanas no campo: a experiência do modo de vida rural dos moradores da cidade.....	112
3.2	Palco e ação: a paisagem e o modo de vida.....	127
	Considerações.....	133
	Referências.....	138
	Apêndice A – Questionário moradores permanentes.....	144
	Apêndice B – Questionário moradores veraneio.....	164

INTRODUÇÃO

O processo de globalização abrange diversos fatores – político, econômico, social, cultural – e impulsiona mudanças que ocorrem em todos os lugares, mas em cada lugar com uma lógica diferente e com diferentes intensidades. (HALL, 2006). Um dos resultados do processo de globalização é o movimento por modernização que paradoxalmente impulsionou também a preservação do patrimônio histórico e cultural, na tentativa de preservar os vínculos dos indivíduos com o passado e manter as bases identitárias de um grupo social.

Apesar de existir um impulso pela modificação e pela modernização, ocorre uma negação a esse processo que impulsiona a manutenção das especificidades de cada lugar – características intrínsecas a cada espaço e resultantes de um conjunto de condições que ocorrem apenas naquele local como hábitos, tradições, histórias, por conseguinte, o patrimônio cultural resultante da congregação desses elementos singulares de cada espaço.

A cultura de um grupo é resultado dos saberes, das técnicas, dos valores e conhecimentos transmitidos entre as gerações; mas não é um conjunto inerte, mas dinâmico devido à incorporação de inovações externas a ela ou pela própria dinâmica interna da sociedade (CLAVAL, 2007). Analisando os traços culturais que se desenvolvem e reproduzem no cotidiano de um grupo, é possível perceber como é essa relação com o meio e com os outros indivíduos.

As relações entre os grupos sociais e as configurações espaciais mudam no decorrer do tempo, influenciadas tanto pela globalização como pelo processo de aculturação no local, que leva novos símbolos, objetos, modos de agir e pensar, compartilhadas entre esses grupos, mas mantendo cada qual suas características. Alguns traços culturais são preservados, mas aparecem discretamente por estarem parcialmente modificados e, portanto, são difíceis de serem identificados porque estão ocultos ou são mal interpretados pelas alterações que ocorrem durante a história.

Campo e cidade também passam por um processo de reestruturação das suas relações. O campo passou a desempenhar novas atividades, recebeu novas funções e novos atores sociais – influenciados pelo processo de formação dessas novas configurações que se estabelecem de forma intensa e dinâmica. Entre esses

dois espaços ocorre uma relação dialética que se caracteriza ora pela complementariedade, ora pela dicotomia.

Mesmo com a aproximação e a intensificação da presença do modo de vida urbano no campo alguns traços culturais e elementos simbólicos são preservados, porque fazem parte da memória social desse grupo e estruturam a identidade dos indivíduos do campo, sendo preservados e disseminados entre as gerações. Esse conjunto de elementos que se mantem presente no cotidiano e na memória dos moradores do campo pode ser considerado seu patrimônio cultural.

A salvaguarda dos patrimônios tem como intuito preservar a história da sociedade. Contudo, a discussão sobre patrimônio perpassa jogos de poderes políticos, econômicos, ideológicos e culturais e com frequência apenas parte da memória social é preservada, existindo uma disparidade em favor dos patrimônios urbanos quanto a estudos e ações das diversas escalas de poder. Algumas categorias patrimoniais ainda apresentam lacunas e necessitam de aprimoramento, como é o caso do patrimônio do espaço rural.

Outra dificuldade que permeia a discussão em torno do inventário do patrimônio é a não existência de metodologias ou de um ementário para a salvaguarda de patrimônios históricos e culturais. Uma forma de identificar os patrimônios de um grupo social é através de sua vivência. A fenomenologia aparece como uma possibilidade de distinguir o patrimônio pelo reconhecimento de quem o (re)produz, por parte da experiência do que é vivido pelo sujeito.

Pela ótica fenomenológica, o espaço é considerado pelas experiências vividas e pela realidade percebida por meio da subjetividade. O espaço de vivência é construído e percebido pelos sujeitos nas práticas sociais, que também carregam o espaço de significados, valores e sentimentos. As considerações possibilitadas pela fenomenologia auxiliam na construção de um saber onde a humanidade do sujeito é recuperada e o conhecimento é construído a partir da realidade do sujeito (PEREIRA, 2010). Nesse trabalho o intuito é utilizar a fenomenologia como a metodologia que viabiliza o reconhecimento do patrimônio cultural rural partindo dos moradores do campo, das suas experiências e relatos.

A fenomenologia como método de pesquisa foi muito difundida por Yi-Fu Tuan. Esse autor propõe a valorização da experiência do sujeito e partir das categorias geográficas de espaço vivido e lugar. Contudo, para a elaboração dessa pesquisa acredita-se ser mais pertinente a utilização do conceito de paisagem

entendendo que esse conceito geográfico possibilita a melhor compreensão sobre os patrimônios da cultura rural a partir das experiências do sujeito. A paisagem, dentro de um viés cultural, contempla as diversas formas de percepção sensorial do espaço. A paisagem também é espaço da memória – e tão dinâmica quanto à memória – pois congrega os eventos de diversos momentos históricos numa única cena; é espaço onde se encontram as experiências do eu e do grupo com o qual o sujeito se identifica, do passado e do presente.

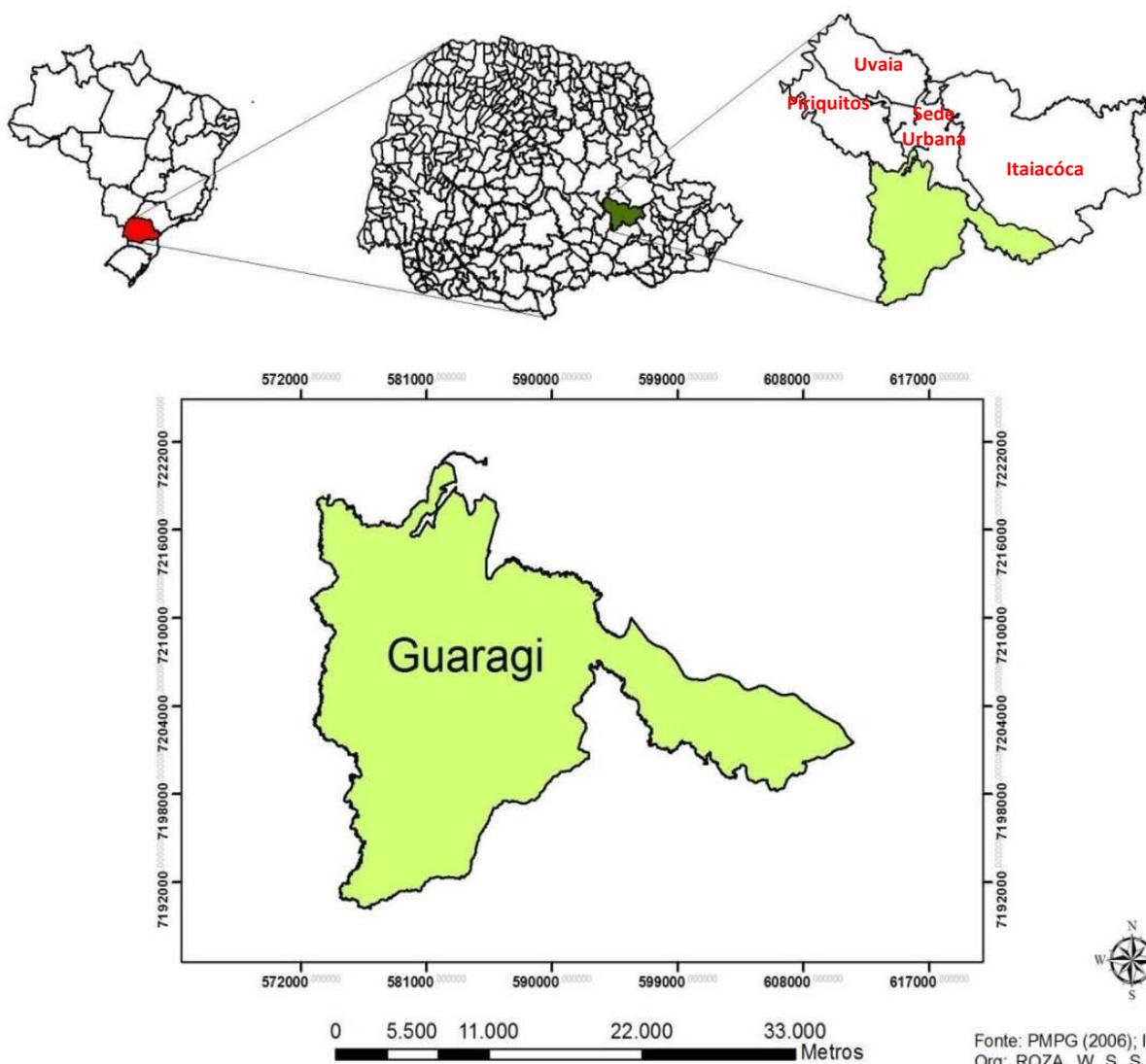
Nos anos de 2010/11 o distrito de Guaragi foi foco de pesquisas realizadas pela autora, que buscava compreender quais eram os laços identitários da população residente no local e como o contato com o urbano influenciava na identidade dos sujeitos. Essa pesquisa estava vinculada a outras realizadas por um grupo de pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa sobre os distritos rurais do município de Ponta Grossa.

O município de Ponta Grossa tem o início de sua história em 1729, com a construção da Capela de Santa Barbara do Pitangui, onde também funcionava um cartório distrital. Em 15 de setembro de 1823 o até então Bairro de Ponta Grossa, foi elevado a Freguesia e a Vila em 1855, e seus territórios foram estipulados a partir dos territórios da paróquia de Sant’Ana. Nesse momento histórico, Ponta Grossa contava com os distritos de Itaiacóca, Conchas e Carrapatos (atual Guaragi). Em 1862 Ponta Grossa chega a categoria de cidade. (BARRETO, 2011).

A região onde hoje é o distrito de Guaragi teve as primeiras ocupações no século XVIII, com o nome de Bela Vista, inicialmente como passagem dos bandeirantes e posteriormente como pouso dos tropeiros. Nos anos de 1823 à 1879 o local foi chamado Carrapatos. Posteriormente, com o desenvolvimento econômico, social e cultural trazido pela instalação da ferrovia na região, o território do atual distrito de Guaragi, tornou-se o município de Entre Rios que gozava de certo prestígio e desenvolvimento econômico e sociocultural. Todavia, com o passar dos anos e o crescimento de cidades ao redor de Entre Rios, muitos moradores mudaram-se em busca de outras atividades econômicas e Entre Rios foi desmembrado: parte do município passou a pertencer a Palmeira e outra parte a Teixeira Soares – a parte que pertenceu a Teixeira Soares hoje é o distrito de Guaraúna. Em 1957, Ponta Grossa reintegrou essa porção territorial que hoje é o distrito de Guaragi.

O município de Ponta Grossa possui atualmente cinco distritos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o distrito sede; PiriQUITOS, que está vinculado à malha urbana; Itaiacóca, Uvaia e Guaragi que estão afastadas do perímetro urbano (Figura 1). Guaragi é localizado a 32 km da zona urbana de Ponta Grossa, com acesso pela PR 151 e 438. Possui população de aproximadamente 2936 habitantes, sendo desses 1241 moradores da vila e 1695 moradores da área rural. (IBGE – Censo 2010).

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DO DISTRITO DE GUARAGI, PONTA GROSSA – PR



Fonte: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (2006); Instituto de Terras, Cartografia e Geociências (2011).

Org.: ROZA, Willian Samuel Santana da. (2011).

Com base nas pesquisas e reflexões realizadas pela autora sobre o contexto cultural encontrado na vila do distrito de Guaragi, percebeu-se que alguns elementos – costumes, locais, paisagens, utensílios, comportamentos, etc. - eram apontados pelos moradores do distrito de Guaragi como tipicamente rurais e representavam para essas pessoas imagens felizes e por esse motivo a maioria dos entrevistados busca preservá-los e incentiva as futuras gerações a mantê-los. Esses elementos citados nas entrevistas ligam essas pessoas ao passado no campo, ao modo de vida rural, e se mantem presentes em suas memórias. Assim, surgiu a seguinte indagação: quais são esses símbolos, ligados ao modo de vida rural, mantidos e tão presentes no cotidiano das pessoas, mesmo com a crescente influência do modo de vida urbano no distrito de Guaragi?

Essa pesquisa tem como objetivo apresentar reflexões sobre o patrimônio cultural rural do distrito de Guaragi, no município de Ponta Grossa - PR, fazendo apontamentos para a identificação de elementos simbólicos representativos, levantados a partir da experiência dos sujeitos, auxiliando a valorização desses indivíduos no contexto social.

A relação com a paisagem rural, os valores, as formas de relação social e os traços culturais formam o conjunto de elementos que estrutura a identidade rural baseada nas experiências e hábitos singulares desse espaço. As pesquisas sobre o patrimônio cultural rural ainda não são muito numerosas no Brasil. Na tentativa de auxiliar no registro do patrimônio cultural rural, o projeto Fazendas Históricas Paulistas, aparece com destaque por contar com a participação de pesquisadores de diversas áreas e instituições de pesquisa e ensino como Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas e Universidade Estadual de São Paulo, congregando um número grande de pesquisadores e instituições públicas e privadas que se propõe a estudar essa categoria patrimonial. No entanto, parte do material ainda está em fase de elaboração. Dessa forma, a temática aqui estudada aspira contribuir com o desenvolvimento da discussão.

Nesse momento, é importante fazer uma ressalva histórica. A autora viveu a maior parte da sua vida em contato direto com o que se propõe a pesquisar: o patrimônio cultural rural. Grande parte de sua história se deu no campo, portanto vivenciou a realidade estudada, todavia, não na mesma área de recorte dessa pesquisa. A proximidade com essa realidade traz a reflexão que propõe Christlieb (2006, p. 234) *“La geografía cultural exige que el investigador se introduza hasta los*

límites de lo posible em la lógica territorial del grupo que estudia[...]”; dessa maneira, a autora acredita que haja um enriquecimento da pesquisa, por ter vivenciado a lógica da formação de patrimônios rurais, no campo e por estar, durante a pesquisa balizada pelo conhecimento científico.

Para Yi-Fu Tuan (1983, p. 9) é importante valorar-se a experiência que “é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade.” Ainda segundo Tuan (1983, p. 10) “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência”. Com base na experiência e vivência da pesquisadora, foi possível estabelecer uma relação mais próxima dos entrevistados e compreender sua forma de expressão do que consideram como patrimônio cultural rural.

Para Demo (1989) o humano, a carga histórica do pesquisador é diretamente refletida em sua produção. Assim, não existiria um conhecimento científico puro, produzido em vazios teóricos ou sociais, pois ele depende da realidade do pesquisador, que como pessoa tem uma vida, uma história, identidade(s), e dessa forma a ideologia e senso comum também seriam componentes da ciência. Ainda nesse sentido, não é possível produzir ciência não histórica, porque há uma dependência direta do contexto para que surjam inquietações sobre determinados fenômenos, ou seja, em muitos casos é uma sociedade que impõe a pergunta, e o estudo dos problemas tem a ver com as soluções.

O conhecimento para ser científico, não pode ser acrítico, imediatista, crédulo e justificador de posições vantajosas. Todavia, existe sim credulidade em relação à ciência que é colocada como uma verdade absoluta e é usada para justificar a posição vantajosa dos atores que estão relacionados ao processo de produção do conhecimento, sejam os cientistas ou os que investem na produção desse conhecimento. Dessa maneira, os cientistas sociais são os que estão mais próximos das relações de poder, e muitos optam por permanecerem numa colocação maior de poder do que se por a serviço da construção de um mundo menos desigual. (DEMO, 1989).

Todavia, para Tuan (1983, p. 181) “A cultura afeta a percepção”, e segundo Meinig (2002, p. 35) “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que está em nossa mente” mostrando que a forma de percepção do pesquisador sobre uma paisagem e, logo,

sobre uma cultura afetam diretamente, portanto, no resultado final da pesquisa. Dessa maneira, a pesquisa em campo foi momento de recordação e aprendizado e a pesquisa teórica possibilitou um “mergulho” para (re)conhecer as dinâmicas que ocorrem nesse espaço.

Para a elaboração desse trabalho utilizou-se a revisão bibliográfica para os conceitos referentes à pesquisa, sobretudo, campo e cidade, rural e urbano, paisagem, identidade, cultura, memória e patrimônio cultural. Pela compilação desses conceitos procurou-se elucidar o patrimônio cultural rural, no atual contexto do distrito de Guaragi, utilizando esse espaço como análise de caso para contribuir na conceituação desses patrimônios em vista das novas configurações econômicas, sociais e culturais do campo.

A pesquisa qualitativa, sobretudo aquela pautada na fenomenologia como modo de valorizar as experiências vividas pelos entrevistados, proporciona dados que possibilitaram desenvolver e compreender as relações sociais entre os sujeitos e deles com o espaço que ocupam. Assim, se compreende o contexto social específico de um grupo. O uso de entrevistas qualitativas possibilita que a pesquisa se volte para a construção real do mundo dos entrevistados, construído em sua vida diária. (BAUER; GASKELL, 2005).

Para compreender aspectos da vida no campo dos moradores de Guaragi foram aplicados 11 questionários (com 39 questões) às famílias de moradores permanentes no distrito e 10 questionários às famílias de veraneio (com 29 questões), respondidos nas residências dos entrevistados. As perguntas eram voltadas a obtenção de dados sobre a vivência, experiências, hábitos, tradições e costumes dos moradores permanentes e de veraneio. Foram utilizados questionários (APÊNDICES A e B) com perguntas qualitativas e quantitativas, como também a observação *in loco* e registros fotográficos.

A ideia de patrimônio cultural rural nessa pesquisa se dá a partir do sujeito (re)produtor desse patrimônio, seja ela material ou imaterial. A escolha por dois grupos sociais distintos, moradores permanentes (os que tem residência fixa no campo) e os moradores de veraneio (aqueles que tem residência fixa na cidade, mas possuem casa no campo, onde passam fins de semana, feriados e férias) se deu porque o morador permanente aponta como patrimônios aquilo que (re)conhece como tal, o que gosta e que acha fundamental e essencial na sua vida; já o morador de veraneio é o sujeito que busca experimentar e se apropriar desse patrimônio

rural. São duas visões distintas nos pontos de vista, mas complementares no sentido que apontam para um mesmo conjunto: os patrimônios culturais rurais.

A seleção dos entrevistados foi de maneira aleatória e procurou-se abranger o maior espaço territorial do distrito. O intuito inicial das atividades de campo para obtenção dos dados, era a entrevista de apenas um membro de cada família, para os moradores permanentes – aqueles que vivem e trabalham em Guaragi – e para os moradores de veraneio – aqueles que tem chácara ou casa mas não residem no local. Todavia, quando se apresentava a proposta da pesquisa para os entrevistados, os familiares demonstravam interesse e vontade e participavam ativamente da formulação das respostas dadas. Acredita-se que isso tenha proporcionado riqueza às respostas, pois as famílias eram geralmente constituídas por pessoas jovens, adultos e idosos, com diferentes escolaridades e experiências de vida.

As entrevistas buscaram atingir o ponto de saturação. Segundo Bauer e Gaskell (2005) a saturação é o momento em que as respostas dos entrevistados tornam-se mais comuns ou já não apresentam mais tantas novidades. Essa semelhança nas respostas passa a ocorrer porque apesar das experiências serem únicas e individuais, a representação da realidade é produto de um processo social em construção.

As formas de compreensão das relações entre campo e cidade são muito diversificadas entre as diversas ciências que se ocupam dessa discussão, tanto quanto as discussões pertinentes à identidade e memória social e ao patrimônio, pois engendram questões ideológicas, políticas, econômicas e culturais. As formas de interpretação da realidade são muito variadas e o resultado final de uma pesquisa depende de uma série de fatores, que vão desde as discussões teóricas apropriadas e a escolha de uma área de estudo, até a metodologia de obtenção de dados e a própria experiência do pesquisador. Dessa maneira, essa pesquisa parte de um estudo de caso, dentro de um contexto específico – um distrito rural - e pretende apresentar reflexões que contribuam para o desenvolvimento científico e social.

O trabalho está estruturado em três capítulos:

No primeiro capítulo intitulado “O patrimônio cultural rural: conceitos e reflexões” é realizada uma discussão teórica, com base em literatura apropriada, sobre os principais conceitos que norteiam o desenvolvimento da pesquisa. Discute-se nesse capítulo sobre a cultura e as modificações culturais de um grupo pelo

contato com modernidades – termo utilizado para especificar inovações na forma de bens materiais e ideias que podem exercer influência, impulsionando mudanças na cultura de um grupo social. Também é realizada a discussão em torno dos ‘termos’ campo e cidade, rural e urbano e as novas configurações da identidade do sujeito que vive no campo pela aproximação com o modo de vida urbano. A memória é abordada juntamente com as discussões sobre patrimônio, especificamente o patrimônio cultural rural.

No segundo capítulo, intitulado “O patrimônio cultural rural de Guaragi: a partir das vivências” são apresentados os resultados da pesquisa de campo e dos questionários aplicados aos moradores permanentes do espaço rural de Guaragi, procurando identificar nos hábitos e na experiência cotidiana quais elementos constituem o patrimônio cultural rural, juntamente com as reflexões sobre as mudanças na paisagem e no modo de vida rural.

No terceiro capítulo, com o título “O patrimônio cultural rural: vivências urbanas e patrimônio imaterial” são apresentados os dados obtidos juntos aos moradores de veraneio mostrando o que buscam no campo, quais as suas experiências ao vivenciar o campo. Nesse capítulo ainda é feita a compilação entre o primeiro e segundo capítulos, o que resulta na discussão da categoria de patrimônio cultural imaterial, sua instituição e discussões sobre o tema e se apresentam as primeiras constatações referentes à pesquisa como um todo.

Essa pesquisa se propõe a identificar o patrimônio cultural rural a partir dos sujeitos que são (re)produtores desses patrimônios materiais e imateriais do campo. Os moradores permanentes e os moradores de veraneio são os atores da pesquisa por apresentarem dois pontos de vista distintos, mas complementares para o reconhecimento do patrimônio cultural rural. Por meio das práticas sociais, dos hábitos, das experiências, dos relatos das pessoas que vivenciam o campo é possível perceber a existência de um patrimônio singular ao campo, que é preservado mesmo com a intensificação do contato com o modo de vida urbano. Apenas quando há o (re)conhecimento da existência e importância de um patrimônio, é possível respeitá-lo e também valorizar a forma de vida inerente ao seu contexto de formação e manutenção.

CAPÍTULO 1: O PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL: CONCEITOS E REFLEXÕES

No modo de produção capitalista, se cria e estabelece na sociedade uma intensa busca pela modernização que, impulsionada pelo processo de globalização, leva a mudanças dinâmicas a todos os locais, ainda que com intensidades diferenciadas. O chamado desenvolvimento desigual e combinado. (SMITH, 1988).

Paradoxalmente, esse movimento renovou o interesse em preservar os vínculos com o passado, como forma de reafirmar a identidade das sociedades através da conservação de signos e símbolos culturais, uma forma de “defesa” do local diante da globalização e da rapidez da produção e da vida social imposta a partir de revolução industrial.

Para Hall (2006) a globalização atravessa fronteiras nacionais, integra e conecta comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo. Para Hall, dizer que haverá uma homogeneização da cultura mundial é um quadro simplista e exagerado, pois para ele há três tendências que contrapõe esse pensamento: a primeira é a fascinação pela diferença, onde o local é explorado por suas características singulares, havendo o reforço das identidades locais graças à globalização, e uma nova forma de articulação entre o que provem do global e o local, gerando ainda novas formas de identificação globais e locais; a segunda é a maneira heterogênea de atuação da globalização nos diversos locais do planeta, o que manteria as diferenças; e a terceira se dá porque apesar da globalização ser um “fenômeno” ocidental, é crescimento e inserção das ‘culturas não-hegemônicas’ (a cultura oriental e toda a periferia do mundo) no ocidente.

Para Warnier (2000) a globalização não é um fenômeno recente, mas um processo antigo dinamizado pelo desenvolvimento dos sistemas de comunicação e transporte que associados à dinâmica cultural facilitaram a disseminação da cultura mundial. Para esse autor, a globalização se dá, sobretudo pela produção de produtos mundializados e pelo consumo padronizado. Entretanto, apesar de existir certa coerção para que ocorra uma homogeneização cultural global, esse processo impulsiona a preservação de vínculos com a cultura local.

Para Woodward (2013) no processo de globalização há interação de diversos fatores, como o econômico e o cultural, que causam mudanças nos padrões pré-estabelecidos. Essas mudanças refletem na produção cultural e na formação da identidade do sujeito. Todavia, as mudanças causadas pela

globalização não são homogêneas, mas apresentam-se de maneiras diferenciadas. Um dos motivos é porque cada sujeito participa de diferentes instituições – família, grupo de trabalho, religião, instituições de ensino, entre outros – onde existe uma produção simbólica e discursiva que exerce influência na manutenção do passado.

Considerando-se os traços culturais de uma sociedade, é possível perceber a relação do homem com o meio e as relações sociais que se estabelecem no espaço geográfico. A cultura pode ser compreendida a partir das relações econômicas, sociais e políticas que ocorrem nesse espaço e dele com o mundo.

Essas relações mudam com a história (pela globalização e pelo próprio processo de aculturação do local), mas existem traços culturais que se mantêm por mais tempo e que, em muitos casos, são difíceis de serem identificados - porque estão parcialmente modificados, porque estão ocultos ou são mal interpretados. Segundo Cosgrove (1998) a cultura é constantemente produzida nas ações humanas, e muitas vezes não é perceptível por não ser reflexiva, mas escondida na rotina e vida na cotidiana. Esses traços culturais se desenvolvem e se (re)produzem no cotidiano das pessoas, nas formas material e imaterial, e por isso aparecem de forma discreta e podem ser modificados pelas alterações que ocorrem na história de cada grupo.

Num contexto de mudanças entre a relação da cidade e do campo, intensificado pelo processo da globalização, o sujeito que vive no campo recebe a influência dessas novas configurações que se estabelecem de forma intensa e dinâmica. Contudo, alguns traços culturais e elementos simbólicos são preservados, o que remete a ponderar que sejam elementos da memória social desse grupo e que estruturam a identidade dos indivíduos do campo. O receio em perder os vínculos com o passado e a desestruturação da identidade dos sujeitos, incentivou a necessidade de preservação de alguns vínculos pretéritos – uma das defesas do local diante à globalização – na forma dos patrimônios históricos e culturais.

Todavia, considerando-se a estreita relação do patrimônio cultural com a memória, a escolha do que será lembrado ou não, é feita num jogo de poderes conflitantes (disputa política, econômica, ideológica e cultural), e com frequência, apenas parte da memória social é preservada, e por isso não representa de maneira integral e igualitária a história de um grupo; outro fato que ocorre também é que não é sempre considerado o desejo da comunidade, mas sim uma escolha realizada por

instituições de produção científica ou de preservação patrimonial institucional, de forma técnica e objetiva.

As discussões pertinentes às diversas categorias de patrimônio tem avançado. Entretanto, ainda há grande disparidade de estudos e ações, das diversas escalas de poder, em favor dos patrimônios urbanos. Categorias como o patrimônio rural - que englobam o patrimônio imaterial, natural, histórico e cultural - ainda necessitam de avanços nas discussões e ações. Os patrimônios da cultura rural auferiram visibilidade com o início da modalidade de turismo rural acerca de três décadas, com a valorização do modo de vida rural, da paisagem rural e tudo que ela contempla.

A memória social das pessoas que vivem no campo é estruturada nas suas experiências e hábitos. Sua identidade rural não está baseada apenas na relação de produção agropecuária, mas também na mistura de diversos traços culturais referentes ao vínculo dos habitantes com a paisagem rural, com a terra e relações de amizade e confiança com os demais membros da comunidade.

Essa pesquisa busca identificar o patrimônio cultural rural com base na vivência dos sujeitos do campo. Na busca da valorização das experiências e sentimentos das pessoas se propõe a utilização da fenomenologia como forma de valorizar a subjetividade do indivíduo, para que através de suas memórias, da sua forma de interpretar o espaço e sua história, se possa identificar esse patrimônio e o conceito que existe sobre o patrimônio cultural rural a partir dos moradores do distrito de Guaragi, no município de Ponta Grossa - PR.

1.2 REFLEXÕES E APONTAMENTOS CONCEITUAIS

Compreender um espaço e as relações sociais entre os agentes que vivenciam esse espaço é uma tarefa complexa, já que o espaço é multidimensional e é apreendido e construído por meio de uma gama de variáveis, que perpassam o campo da economia, política, cultura, questões sociais e tantas outras, constantemente alteradas ao longo da evolução de um grupo social.

Nesse trabalho há a busca pela compreensão do que é o patrimônio cultural rural, pelo viés cultural e através dos moradores do distrito rural de Guaragi. Há diferentes formas de apropriação de um patrimônio histórico e cultural. A localização

e a representação dos bens expressivos a serem preservados devem pertencer ao contexto do grupo social que representam. Assim, os patrimônios rurais são singulares e são produzidos no contexto social do campo, formados em um contexto histórico específico e com um conjunto simbólico e de relações sociais característicos desse espaço.

Os distritos rurais apresentam especificidades e podem ser considerados espaços híbridos, entre campo e cidade. Essa questão reflete também na formação da cultura local, e logo, dos seus patrimônios históricos e culturais. Com o olhar voltado para os traços culturais de um grupo, é possível perceber a relação do homem com o meio e as relações sociais que se estabelecem no espaço geográfico.

1.2.1 A cultura e o espaço de produção cultural

A Geografia Cultural é uma das formas de compreensão da realidade, possibilitando que *“no sólo se estudian los aspectos culturales del espacio sino también el espacio visto a través de los cristales de las diferentes culturas.”* (CHRISTLIEB, 2006, p. 220). Através do contexto histórico, político e econômico e das relações sociais entre os sujeitos, a cultura deve ser analisada como em constante transformação, moldando-se às necessidades atuais dos atores sociais, criando e recriando significados para as coisas e espaços.

As ciências contribuem para conhecer melhor a realidade espacial e a Geografia Cultural pode também ser considerada um posicionamento científico, que baliza a forma de compreensão do espaço, e permite compreender a complexidade das paisagens produzidas pelo ser humano e usar esse conhecimento para tomar decisões sobre este espaço. (CHRISTLIEB, 2006).

A cultura é uma das formas pela qual o sujeito apropria-se do espaço. Nos seus hábitos o indivíduo expressa a forma como vive, pensa e interage com a sociedade e é possível identificar a herança cultural que trás em si. A cultura de um grupo se molda na forma de interpretação que esse grupo tem da realidade vivida; o conceito de cultura é formado pela interação do indivíduo e da realidade cotidiana, onde seu comportamento e sua vivência criam um conjunto de valores, ritos e significados, compartilhados pelos outros membros desse grupo. Formam-se então as realidades e os signos criados para expressão dessa cultura:

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. (CLAVAL, 2007, p. 63).

Dessa forma, Paul Claval defende a ideia de que a cultura, o espaço e a sociedade não representam conceitos prontos, mas são formados, muitas vezes de forma irracional, pela subjetividade do ser humano. A cultura não é um conceito fechado e finalizado em si; é produto da sociedade em constante transformação, se (re)criando e adaptando as novas condições que surgem no decorrer da história. Assim, o patrimônio cultural de um grupo determinado, também engloba todos os produtos da sociedade que tenham intrínsecos uma carga simbólica e proporcionem ao indivíduo sentimento de pertencimento como mostra Claval (2007, p. 157) “O símbolo reúne: ele faz esquecer as diferenças que existem entre os membros de um grupo ou de uma mesma cultura; ele realça aquilo que compartilham”.

Nos primeiros estudos a cultura era considerada apenas o conjunto das características puras de determinado grupo, ou seja, que não havia passado por nenhum tipo de modificação pelo contato com outros grupos culturais. Com o desenvolvimento das pesquisas relacionadas ao tema, percebeu-se que sempre há o contato com outros grupos e no decorrer do tempo, ocorrem transformações constantes nas características culturais, tornando a cultura dinâmica não apenas pelas mudanças resultantes do contato com fatores externos, mas com transformações dentro do próprio grupo social. (CUCHE, 1999).

A cultura é produzida nas relações entre grupos e indivíduos numa sociedade permeada por diferenças e desigualdades, logo existem diferentes posições sociais, políticas econômicas e culturais, reflexo dessas desigualdades. Assim, determinados grupos tem maior ou menor poder e, portanto, exercem maior ou menor influência sobre outras culturas. Todavia, isso não indica que exista uma cultura superior a outras e até mesmo os grupos mais fracos não tendem a desaparecer no contato com outros grupos. (CUCHE, 1999).

Para Warnier (2000) cada cultura é única e social ou geograficamente localizada e possuidora de especificidades. O encontro entre grupos culturais diferentes pode ocasionar relações de assimilação, cruzamento, interpenetração das

culturas, podendo coexistir mais de uma cultura no mesmo local. Isso pode ser percebido no distrito de Guaragi, quanto à presença dos moradores permanentes e de veraneio. Quando ocorre o contato há a troca de experiências, de conhecimentos, de formas de vida, sem ocorrer, contudo, a desestruturação de nenhuma cultura.

Quando um sujeito entra em contato com outra cultura - através de sua rede de relações com diversos indivíduos e capacidade de alcance a diversos espaços - pode absorver parte da nova cultura com a qual tem contato no processo denominado por Cuche (2009) como aculturação. A aculturação não deve ser entendida como a falta de cultura de um grupo frente a outro, mas sim como um processo de incorporação por um grupo de novos elementos culturais vindos de outro grupo. Isso também não representa que a cultura de um sobreponha-se a de outro, mas que pode haver inclusive uma troca cultural entre diferentes culturas. De maneira, o sujeito que (re)produz e vivencia a cultura rural pode incorporar elementos do modo de vida urbano ao seu cotidiano sem, contudo, perder os vínculos com a cultura rural.

1.2.2 Campo e cidade, rural e urbano: espaços concretos e modos de vida dinâmicos

A proximidade com a cidade, a facilidade de acesso e a falta de serviços diversos para atender a população, faz com que o contato entre os moradores do campo e o centro urbano seja intensificado. Essa aproximação intensa entre o campo e a cidade reflete na cultura do morador do espaço rural, que passa por significativas alterações nas últimas décadas devido às mudanças na configuração da relação entre campo e cidade, entre o modo de vida rural e o urbano, o que se reflete diretamente nos traços culturais das pessoas.

O debate entre o que é cidade e campo, e urbano ou rural sempre esteve presente nas diversas ciências e vem sendo retomado com mais intensidade, devido às modificações que advêm das novas formas de contato entre esses espaços. A discussão sobre a definição de limites territoriais entre cidade e campo é ampla nas diversas ciências sociais. A necessidade e importância de delimitar esses espaços se reforçam especialmente na escala política e econômica, pois os gestores dos recursos públicos precisam adequar a captação de impostos às características

produtivas de cada um desses espaços e devem atender de maneira satisfatória as necessidades da população que vive no campo e na cidade.

Nas discussões que procuram distinguir o rural, urbano, campo e cidade, uma corrente culturalista se volta à diferenciação desses espaços e vivências pelo modo de vida. Pautados, sobretudo, na sociologia rural, essa corrente se preocupa principalmente com os valores e relações sociais que se estabelecem no campo.

Uma das mais importantes estudiosas brasileiras dessa corrente é a socióloga Maria de Nazareth Baudel Wanderley, para a qual o rural não é um espaço isolado e sim um espaço que recebe novidades, às absorve ou não, que também passou por mudanças, mas manteve especificidades sociais, ecológicas e culturais ao longo da história, que caracterizam inclusive a forma pela qual os sujeitos se inserem na sociedade. Para essa autora o modo de vida rural é uma maneira pela qual o sujeito que vive no campo vê o mundo e vive o mundo; o modo de vida rural são as lentes de uma identidade rural que modelam o modo de viver e ser no campo e de interagir com outros espaços. (WANDERLEY, 2001).

Com o desenvolvimento desse trabalho, foi possível perceber que a cultura do campo modelada pelo modo de vida rural está tornando variada, diversificada, por diversos fatores como a intensificação do contato com a cidade e o modo de vida urbano e as modificações naturais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento histórico de uma sociedade. Dessa forma, não há a pretensão de caracterizar nessa pesquisa o que é a cultura rural, pois não haveria como fazê-lo sem tornar-se generalista. Mas pretende-se oferecer uma acepção do que o é o patrimônio cultural rural, com base na vivência daqueles que tem sua experiência de vida ligados ao campo e ao modo de vida rural.

Para tanto, esse trabalho parte da compreensão dos conceitos de campo e cidade, sobretudo como espaços físicos, mas também como produtos da sociedade, historicamente constituídos por maneiras distintas de apropriação e uso do espaço e de seus recursos naturais e com relações sociais e culturais específicas, mas também da relação entre esses dois espaços, ora complementares, ora dicotômicas. Rural e urbano caracterizam as formas de vida e relação social nesses respectivos espaços, congregando cada qual um grupo de elementos simbólicos que se refletem no espaço e nas formas de relação entre os sujeitos, com o espaço que habitam e com outros espaços com os quais mantem relação.

Para Biazzo (2008) campo e cidade são materialidades consolidadas na forma de paisagens contrastantes. O rural e o urbano são manifestados nos atos e práticas sociais, incorporados pelos sujeitos ao longo da vida e pelos agentes coletivos e instituições são por vezes incorporados outras vezes herdados. O rural e o urbano são representações oriundas de diferentes universos simbólicos e são reproduzidos pelos sujeitos em seu convívio social.

Para compreensão e definição do recorte espacial dessa pesquisa será apresentada uma discussão desses conceitos. Todavia, não é pretensão discutir profundamente e apresentar novas definições para rural e urbano e campo e cidade. Contudo, percebeu-se que é necessária a atualização dessas definições, sobretudo porque a intensa dinamização nas relações que ocorrem entre esses espaços e seus habitantes refletem na formação de novas identidades, novas necessidades, novas formas, novas funções e novos atores sociais. Essa nova dinâmica que ocorre no campo afeta todos os aspectos da vida da sociedade rural – econômico, social, cultural, político – e mostra uma nova composição não apenas física, como também social entre campo e cidade.

Por décadas entendeu-se que desenvolvimento e crescimento eram palavras sinônimas e o único caminho para o desenvolvimento era a industrialização. Esse conceito, enraizado no mundo ocidental capitalista, ainda está presente, e tem como foco a modernização (SOUZA, 1996). Alicerçado nesse pensamento, o campo foi por muito tempo considerado espaço de atraso, onde as condições mínimas de vida são conseguidas por meio de grande esforço. Era local de isolamento e a comunicação com outros espaços ocorria com muita dificuldade. As características econômicas e culturais do campo conjeturavam um espaço de pouca tecnologia, com compasso diferenciado e mais lento no processo de evolução.

Cada espaço apresenta desenvolvimento técnico diferenciado e desigual, pois as atividades humanas estão em constante evolução e apresentam diferentes estágios técnicos que são materializados nesse espaço e assumidos pelos grupos sociais (BEZZI e NETO, 2009). A nova dinâmica que está se estabelecendo no espaço rural mudou as características do campo e do que era considerado rural, antes pautado, sobretudo, nas atividades socioeconômicas desenvolvidas nesse espaço.

O rural já não pode ser mais entendido apenas como aquilo que está vinculado com as atividades agrícolas e pecuárias, visto que o modelo de produção do campo passou por modificações - recebe cada dia mais tecnologias, mais trabalhadores ocupam funções que antes eram tipicamente urbanos e obtém sua renda de outros trabalhos não ligados a terra - e se aproxima do modo de produção que era considerado urbano. Cidade e campo são historicamente espaços com relações econômicas complementares, que tem se intensificado, assim como as relações culturais entre esses espaços.

A reestruturação produtiva do campo passou da utilização da mão-de-obra humana, da posse da terra, dos vínculos produtivos com a terra, para a venda da mão-de-obra utilizada pela agricultura moderna e maquinizada e à produção e a prestação de serviços especializados e voltados para o mercado urbano (como exemplo o turismo) tornando ainda mais forte a conectividade entre cidade e campo.

Mesmo com as mudanças que ocorrem no campo e sobre o que é considerado rural, ainda existe um conjunto de características que podem ser consideradas rurais, preservadas por aqueles que vivem e que buscam vivenciar o campo. Segundo Bezzi e Neto (2009) frente às mudanças que são impostas pelo modo de produção capitalista, os grupos sociais se abrem às novidades, às mudanças necessárias para a adaptação do local ao sistema produtivo global. Todavia, o sujeito que vive no campo pode preservar sua herança cultural, absorvendo parcialmente as mudanças.

A manutenção de muitos traços da herança cultural rural frente às mudanças pode ser atribuída ao desejo de preservação dessa herança, como também a preservação de hábitos e tradições que fazem parte da (re)produção social e econômica das famílias e ainda se mostra viável se comparada as modernidades que estão sendo gradativamente inseridas no campo.

Para Rocha (2009) a conectividade e a mobilidade entre os sujeitos que vivem no campo e na cidade está aumentando em quantidade e qualidade, pelo desenvolvimento de redes materiais e informacionais; todavia, o aumento dessa conectividade está diretamente relacionado com a condição econômica dos sujeitos, e no campo a classe média é responsável pelo maior consumo de tecnologias de comunicação. Dessa forma a *internet* seria um dos meios mais eficazes para estabelecer mais vínculos entres esses dois espaços, aumentando a integração entre eles:

O campo, durante séculos primou pelo isolacionismo, pela dificuldade de comunicação e pela ausência de atendimento. Isso levou a formação de grupos sócio/culturais bem diferenciados, no ritmo de evolução, nas respostas tecnológica no processo de apropriação da natureza construindo um mosaico cultural rico e diferenciado. A integração entre os povos e as culturas foi ocorrendo em conformidade com os processos de aculturação [...]. (ROCHA, 2009, p.43).

No caso de Guaragi, os moradores apresentam muitos bens e equipamentos que eles próprios, nos seus discursos, consideram como urbanos e símbolos de modernidade como computadores e aparelhos celulares com acesso a *internet*. Para Araujo e Haesbaert et al. (2007) a criação de sentidos e significados para objetos fazem parte do domínio da prática e são construídas nas relações sociais perpassando os campos da ética, política, gnosiológica e estética e apontam o caráter espaço-temporal dos signos. Desse modo, os significados e simbolismos atribuídos a tudo que circunda o cotidiano dos moradores rurais representa a formação histórica da cultura desse local, formada nas relações entre os membros de um grupo, que podem ser perpetuadas e/ou modificadas.

No distrito, as pessoas utilizam e desenvolvem no dia-a-dia, no trabalho e lazer, objetos e atividades consideradas tipicamente ligados ao modo de vida rural e que remetem ao campo, apesar de usufruir de bens urbanos:

O rural passa a ser entendido como espaço singular, valorizado por seus bens patrimoniais, frequentemente associados tanto aos sistemas ambientais e produtivos quanto aos sistemas simbólicos das culturas locais. Em conjunto esses sistemas compõem a paisagem rural, tida como um dos principais atrativos do meio rural, não apenas para seus habitantes, como especialmente para categorias de origem urbana. (SILVA, 2009, p. 66).

As definições do que é cidade e campo, rural e urbano permeiam os campos da economia, cultura, história, política, das relações sociais e de tantas outras possibilidades de análise e apreensão da realidade, mas num contexto amplo concordam que cidade e campo tratam de espaços materializados e rural e urbano são modos de vida, como articula Rocha (2009, p. 44) “As noções de cidade e campo estão relacionadas à forma, a uma morfologia, enquanto que as noções de urbano e rural dizem respeito à dimensão ontológica, um espaço humanizado, produzido historicamente”.

Ainda nessa perspectiva, Carneiro (1998, p. 73) afirma que o rural e o urbano seriam as representações sociais que podem ser reelaboradas e passar por mudanças no tempo e no espaço convencionadas pelo universo simbólico que se apresenta e, portanto, rural e urbano não são conceitos estáticos, mas sim em constante transformação, sobretudo se for considerada a fluidez – material e simbólica - crescente que se estabelece entre cidade e campo.

O atual contexto reflete a formação de novas relações entre campo e cidade e a manutenção de velhas formas, uma vez que as relações sociais entre esses espaços são diretamente afetadas pelos movimentos e mudanças socioeconômicos pelos quais a sociedade passa, tendo como diferença a forma como se materializaram essas mudanças e o processo histórico de cada sociedade. O rural e o urbano estão sendo ressignificados pelo processo de aproximação e apresentam uma relação dialética de complementaridade e dicotomia. É na relação entre os atores sociais que se constrói o rural contemporâneo. (ANTONELLO, 2009).

A configuração espacial e os limites entre esses dois espaços devem ser abordados, no momento contemporâneo, pela sua diversidade ambiental, cultural, econômica e social, com relações recíprocas e complementares em muitos níveis e sob muitos aspectos, mas isso não denota que não existam e sejam mantidas e reafirmadas as especificidades.

Para Tuan (1983) a cidade tradicional era uma construção, que podia ser considerada metafísica, edificada pelo homem em oposição às naturais e divinas; era também o símbolo de comunidade, de povo, e os grandes portões e muralhas serviam para defender a população que lá vivia. As cidades sempre chamaram atenção para si por concentrarem o desenvolvimento das atividades religiosas, econômicas e culturais.

Dentro desse debate, a cidade pode ser compreendida como centro urbano, como uma materialização arquitetônica, ou ainda, como local que concentra a sede do poder econômico, religioso e político. Assim, a cidade pode ser compreendida:

[...] como meio, condição e produto da sociedade, tendo em suas formas a manifestação concreta das contradições sociais presentes e sendo seu conteúdo a expressão dessas contradições. A concepção do urbano extrapola a própria cidade, consubstanciando-se na relação cidade-campo, tendo na divisão técnica, social e territorial do trabalho a sua base. (BERNARDELLI, 2010, p. 33).

Segundo Santos (2006), cada lugar pode ser distinguido pela sua diferença de temporalidades, cada tempo ganha sua concretude com a interpretação na vida ativa dos agentes sociais, e as temporalidades caracterizam a forma de ocupação e vivência do espaço de um determinado lugar.

Para Tuan (1983) as pessoas têm diferentes formas de apreender o tempo e o espaço e com base na formação desses dois conceitos é que elaboram o tempo e o espaço de sua vida diária. A formação da estrutura espaço-temporal raramente é consciente, e depende ainda das atividades desenvolvidas por cada indivíduo, sendo assim, especial, subjetiva.

Na cidade há a percepção de que o tempo transcorre mais rapidamente, devido ao número e diversidade de atividades meticulosamente agendadas e das atividades do indivíduo. Essa é uma percepção de tempo que pode variar de uma cidade para outra. Já o tempo do campo é mais lento, e os sujeitos tem seu cotidiano baseado na relação com o ambiente natural. Por isso a busca pela vivência do espaço rural é crescente, pois oferece um refúgio da agitação urbana.

Na cidade, o tempo é mecânico, cronometrado e reflete o espaço construído, artificializado e agitado do viver urbano. O morador do campo, na sua vivência e trabalho cotidiano, produz o espaço que vive modelando a paisagem do campo, contudo, mantendo a proximidade com a natureza. Também modela a si mesmo e (re)produz a cultura rural e também a sua identidade baseada no contato com um meio menos artificializado. Seu viver diário está ligado a outros símbolos, outros discursos, a outra forma de ver e sentir o espaço habitado:

Noutro sentido, enquanto o território urbano é simbolicamente referido ao tempo contínuo, ao mecanismo do relógio e ao espaço geométrico horizontal-vertical das ruas e dos edifícios (a natureza controlada), o território rural é associado ao tempo sazonal e ao espaço ecossistêmico da natureza. Em tal contexto, as sensibilidades urbanas e rurais – os sentimentos do corpo e da mente – são culturalizados, na cidade por valores universalizantes e homogeneizantes e no rural, por valores localistas e diferenciados, habilitando-nos a falar de culturas rurais. (MOREIRA, 2003, p. 14).

Para Kloster (2013, p. 28) o tempo da cidade é em função do capital, é um 'tempo rápido' para se adaptar as exigências da "produção, circulação, troca e consumo de mercadorias, bens e serviços". Já quem visita o campo e entra em

contato com a natureza e com o lugar sente o 'tempo mais lento', e tem a sensação de um refúgio da vida urbana atribulada pelo tempo cronometrado.

A percepção da diferença de tempos entre esses dois espaços pode não ocorrer na contagem matemática do tempo, mas quem vive esses espaços percebe as distinções entre eles, mesmo com as mudanças ocorridas no campo pela absorção de tecnologias e pela aproximação com o modo de vida rural. Para Tuan (1983, p. 145/6) "A principal diferença entre as sociedades tecnológica e não tecnológica é que, na primeira, o tempo está regulado com precisão de hora e minutos"; no campo, mesmo depois do desenvolvimento tecnológico as pessoas buscam manter o ritmo diário ligado a natureza, sendo essa uma das características apontadas como típicas do espaço rural.

Ao falar de tempo lento e tempo rápido distinguindo-os por espaços, campo e cidade, não é possível, contudo, fazer uma generalização, pois se deve levar em consideração as diferenças e especificidades de cada contexto espacial, econômico e social:

Aqui, estamos falando de quantidades relativas. De um lado, o que nós chamamos de tempo lento somente o é em relação ao tempo rápido; e vice-versa, tais denominações não sendo absolutas. E essa contabilidade do tempo vivido pelos homens, empresas e instituições será diferente de lugar para lugar. Não há, pois, tempos absolutos. [...] É certo que o tempo a considerar não é o das máquinas ou instrumentos em si, mas o das ações que animam os objetos técnicos. (SANTOS, 2006, p. 267).

Dessa maneira, se considera o tempo do campo como tempo lento, pela ação dos sujeitos, pela tranquilidade do espaço. O dia de trabalho do campo é geralmente mais longo. Contudo, as atividades são feitas com calma e não há tempo cronometrado para cumprir atividades. Essa característica é tão marcante do espaço rural que é uma das principais motivadoras da busca por apropriar-se do modo de vida do campo.

O campo é originalmente precedente as cidades. Contudo, com o processo de desenvolvimento histórico, econômico, social e cultural algumas atividades passaram a ser desenvolvidas notadamente nas cidades e tornaram-se características desse espaço. Na contemporaneidade, o campo passou a desenvolver atividades que anteriormente eram típicas das cidades – por intermédio do maior contato com informações, da proximidade geográfica desses espaços e da

facilidade de acesso através do desenvolvimento do sistema de transportes –, bens de consumo e símbolos urbanos foram integrados ao cotidiano dos moradores do campo, principalmente quanto às atividades de lazer, e prestação de serviços mais especializados, dando ao campo características urbanas e de modernização, principalmente devido a industrialização do campo. Aqui, todavia, não se designam bens urbanos e bens rurais pelo espaço em que se encontram, mas sim, pelo significado simbólico que eles apresentam em cada um desses espaços.

Para os moradores do campo o consumo do modo de vida urbano representa além da melhoria da condição econômica – com a possibilidade de maior consumo de bens e serviços - as facilidades e conforto que muitos bens materiais proporcionam ao dia-a-dia. Dessa maneira são absorvidos os símbolos urbanos no modo de vida rural e de forma superficial ocorre o que alguns autores consideram a urbanização do campo, seguida da extinção do modo de vida rural:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”. (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Outro fator que pode influenciar na padronização dos espaços é o consumo. O mercado global tem expandido suas ações e atinge todos os espaços e todos os sujeitos, mesmo aqueles que vivem nos espaços antes considerados isolados. Existe um padrão de consumo que não se restringe apenas à cidade ou ao campo, mas que ocorre em escala global e local, movido, sobretudo, por influência de grandes corporações, pautadas no fluxo de símbolos e imagens que não se configuram como urbanas ou rurais, aproximando os espaços segundo o interesse do mercado.

Novos bens e serviços são absorvidos ao cotidiano das pessoas e podem alterar sua rotina, mudar os seus hábitos e se refletem na formação da cultura. O consumo é um dos maiores responsáveis pela aproximação dos espaços. Entretanto, o que se percebe é que não há necessariamente uma homogeneização dos espaços pelo consumo. Apesar de ter acesso a diversas modernidades, os moradores do campo podem utiliza-los de maneira diferenciada daquela dos

moradores citadinos, até mesmo pela sua formação cultural, educacional e por vezes até pelas restrições colocadas pela localização geográfica - é o caso dos aparelhos de telefonia celular, muitos moradores do distrito de Guaragi possuem aparelhos modernos, entretanto muitas vezes não tem sinal de rede ou o sinal é muito fraco. Esses bens são agregados ao dia-a-dia por necessidade ou como símbolo de melhoria na qualidade financeira:

A realização da produção se dá só através do consumo e se realiza na cidade, embora o consumo possa ser também o da cidade, através de signos e símbolos urbanos e o consumo também se traduza em desejos e necessidades, sendo que o primeiro é, ideologicamente, travestido no segundo. (WHITACKER, 2010, p. 150)

Como afirma o autor citado, o desejo é travestido pela necessidade; é fato de que muitos bens de consumo, especialmente os duráveis são adquiridos porque levam qualidade de vida e facilidade para a realização de tarefas cotidianas. Todavia, grande parte do consumo é realizado pelo desejo por adquirir símbolos estimulado, sobretudo, pelo acesso crescente as mídias, que segundo Adorno (1982) se utilizam de sofisticadas técnicas para manipulação do desejo de consumo da população, para consumo das massas. Os sujeitos são instigados a viver para consumir o que é oferecido pelas mídias de maneira mística e encantadora, utilizando ditames de moda para causar desejo, prendendo o sujeito a uma teia de desejos e necessidades, num processo de alienação pelo consumo, que não atinge apenas o morador da cidade, mas também do campo.

O capital não divide espaços pelas suas características imateriais ou materiais; os espaços são tidos como palcos para a sua (re)produção. O consumo abrange cada vez mais escalas maiores e por isso os espaços podem apresentar certas semelhanças. Apesar de ser crescente a paridade social entre os moradores do campo e da cidade, não é possível ignorar que grande parte da população residente no meio rural ainda constitui uma parcela desprovida de condições de acesso a muitos tipos de bens de consumo material e imaterial:

O processo de “modernização rural”, como foi visto, é extremamente complexo e não pode ser entendido simplesmente como o “fim da agricultura” ou o “fim do rural”. A modernização da sociedade nos espaços locais/rurais tem como fundamento a crescente “paridade social”, isto é, a similitude entre as condições de vida das populações que vivem nas

idades e no meio rural e a também crescente disponibilidade, no meio rural, daquilo que ainda é definido como o padrão de “conforto urbano”. (WANDERLEY, 2000, p. 134)

Mesmo com a inserção de novos elementos vindos da cidade, muitos moradores do campo preservam as características do modo de vida rural. Os moradores de Guaragi absorvem parte das tecnologias do modo de vida urbano, mas preservam no cotidiano utensílios, hábitos, comportamentos e o tempo mais lento e as paisagens ligados a vida no campo.

A presença de certos bens de consumo não caracteriza a homogeneização cultural dos moradores do distrito de Guaragi, pois mesmo quando há a possibilidade de consumir determinados bens e serviços utilizados também por citadinos, o comportamento dos sujeitos que vivenciam esses dois espaços – campo e cidade - é diferenciado, podendo haver até mesmo usos distintos para os mesmos equipamentos nesses respectivos espaços.

É possível afirmar que apesar do forte contato entre esses dois espaços e da influência do urbano sobre o rural, o campo mantém muitas especificidades, pois como afirma Warnier (2000), às sociedades mantem dentro de si diversos traços que permanecem, mesmo quando há invasão de culturas externas, assim prevalece não apenas a cultura de fora como os elementos da cultura própria do local, preservando a identidade cultural local.

O rural e o urbano podem ser considerados como modos de vida. Porém, o rural extrapola o campo, e o urbano extrapola a cidade. Para Endlich (2010, p. 19) “O rural e o urbano [...] são dimensões sociais produzidas no decorrer da história”, e são incorporados ao sistema de vida do sujeito; urbano e rural são além de modos de produzir modos de consumir, de sentir e viver no campo e fora dele.

Segundo Endlich (2010, p. 19) o modo de vida urbano se concretiza além da cidade e por meio “do encantamento em relação às influências que estas exercem por meio do poder de suas instituições e personalidades, através de instrumentos de comunicação e transportes”. Quando o modo de vida urbano chega ao campo e pode o despojar de determinados elementos que eram característicos a esses espaços ou lhes atribuir novos valores e funções, sendo que o modo de vida rural se adapta a essas novidades ou as adapta a seu modo.

Segundo Wanderley (2000) o rural é um território físico, local de vida social, onde o sujeito desenvolve sua identidade ligada ao modo de vida e tem a possibilidade de inserção na sociedade. A ruralidade seria a forma de expressão da identidade rural, representando quais hábitos, costumes, sistemas de valores e formas de vivência cotidiana estariam atrelados à formação da identidade do sujeito rural.

Apesar da redução na disparidade tecnológica e de consumo entre a cidade e o campo, muitas diferenças são mantidas e é possível reconhecer que há um reforço nas identidades diferenciadas para esses dois espaços e que há um sentimento de pertencimento ao local, para o morador rural, o que é percebido entre a população de Guaragi, pois buscam preservar o modo de viver com tranquilidade – o que consideram típico do campo - o comportamento mais recatado e respeitoso na educação transmitida aos jovens, às habilidades e conhecimentos sobre as plantações e o clima, entre outros.

1.2.3 O modo de vida rural nos hábitos diários: memória e identidade

Sobre a base cultural, é possível afirmar a existência de uma identidade rural baseada no sentimento de pertencimento a um lugar e que apesar de existir o aumento gradativo da inserção de modernidades na cultura rural local pela aproximação com o modo de vida urbano, também há o reforço das identidades locais. Os moradores de Guaragi apresentam no seu cotidiano hábitos e costumes que, segundo eles são característicos de quem vive no campo e que são mantidos na vivência diária.

Os moradores do campo preservam um conjunto de princípios norteadores que se materializam no cotidiano, nas relações sociais, na maneira de realizar os trabalhos, as atividades diárias, no tratamento com os visitantes. Tradições e costumes que se tornam parte da vida do sujeito e são repassadas pelas gerações de forma natural, incorporando novidades, mas mantendo suas proposições, calcadas na memória do grupo. Segundo Pollack (1992, p. 201) “Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis.”

O conjunto de métodos e técnicas recursivas é o que Bourdieu (1989, p. 83) chama de *habitus*: uma prática consciente ou inconsciente que incorpora - e se torna, ao longo do tempo - práticas herdadas de outros períodos históricos e contextos sociais, políticos, econômicos e culturais e são reformuladas, pois o *habitus* é “produto de uma aquisição histórica que permite a apropriação do adquirido histórico”. O conceito de *habitus* de Bourdieu denota de maneira atual a realidade da vida de quem vive no campo e agrega as novidades tecnológicas necessárias as suas vidas, sem perder, contudo, os vínculos com o modo de vida tradicional rural.

Por meio da análise de comunidades tradicionais faxinalenses Hauresko (2012) diz que a manutenção desses vínculos se dá porque eles ainda apresentam importância no cotidiano dos moradores do campo. Em geral, são saberes, técnicas, hábitos, que apresentam sentido prático na vivência dos sujeitos, são representativos na reprodução social e econômica das famílias e da comunidade e por isso são preservados. A autora também discute o lado positivo da inserção de objetos e elementos externos a cultura local quando representam a melhoria na qualidade de vida e a diminuição das dificuldades na realização dos trabalhos.

A preservação do modo de vida rural ocorre num contexto de mudanças no qual o campo passa por um processo de ressignificação e revalorização, tanto no cenário econômico quanto cultural. Para Carneiro (1998) as transformações ocorridas na comunidade rural não resultam na descaracterização do sistema sociocultural, já que as mudanças nos hábitos e costumes não ocorrem de maneira regular, mas sim, podem ocorrer segundo o interesse dos sujeitos.

Apesar de existir a discussão dentro da ciência que acredita no esvaecimento do rural, o que ocorre é um processo de mudanças de configurações espaciais, de representatividade, de funções e de postura dos atores sociais:

Diante do exposto até o momento, não há fundamentos lógicos sobre o fim do rural ou da dicotomia rural-urbano e do debate sobre de que não existem fronteiras definidas entre estes espaços. O que ocorre é um reajuste nas características do avanço do desenvolvimento capitalista, pautado nas novas técnicas, que adentraram no campo mundial proporcionando grandiosa produtividade, em detrimento da exclusão social, tecnológica, regional e produtiva, que faz parte do contexto do desenvolvimento capitalista e que, conforme análise marxista pode e deve entrar em declínio e estagnação, através de sua superação. (ROSAS, 2010, p. 83/4).

Segundo Fajardo (2009) como a sociedade passou por um processo histórico de urbanização, pela difusão de hábitos e do consumo do espaço e bens urbanos, as discussões científicas partem de uma compreensão urbana da realidade. Dessa maneira o autor aponta que a Geografia deveria estar mais presente na construção de concepções mais ousadas e de outro aspecto. Ainda segundo esse autor, a sociedade urbano-industrial, pautada no sistema capitalista não destruiu o campo, mas sim, ocorreu uma nova atribuição de papéis; o que interferiria na intensificação ou aproximação desses espaços seria a questão locacional, que envolve o sistema material e simbólico de cada espaço e entre eles, mas que considera as transformações entre esses espaços por uma simples urbanização do campo não explica o real contexto.

Uma característica da globalização do consumo, também pode ser vinculada a identidade partilhada no consumo dos mesmos bens e espaços. O campo está sendo transformado em espaço de consumo, e para tanto deveria ser preservado com todas as suas características e peculiaridades, de maneira que se preserve sua típica tranquilidade e o sentimento bucólico que causa.

Segundo Araujo e Haesbaert et al. (2007) esses símbolos representativos de cada espaço exercem o que Bourdieu chama de “poder simbólico”, e fazem parte da identidade de cada espaço, pois segundo esses autores a identidade se dá pela diferença, porque se se identifica, se identifica com, e por isso a identidade representaria uma relação entre iguais, independente de um tempo, livre de julgamentos e de entendimento racional.

Isso mostra o caráter da globalização de criação de nichos de mercado e da especialização de espaços que valorizam características locais, na forma como um lugar se diferencia dos demais, seja pelo sentimento que é capaz de causar, ou pelo consumo da cultura que pode ser feito nele. Guaragi tem se tornado espaço de consumo para os visitantes, pois muitos cidadãos mantem casas de veraneio no local. Essa relação que se estabelece é paradoxal, uma vez que para alguns moradores permanentes, isso se caracteriza de maneira positiva, pois os moradores locais são empregados nessas casas; contudo, outros reclamam da agitação e poluição sonora causada pela vinda dessas pessoas.

A valorização do consumo do espaço rural – incluindo o modo de vida - tem dado visibilidade à existência de elementos simbólicos relacionados à vida diária dos moradores rurais, corroborando para a existência do patrimônio cultural rural.

Segundo Pollack (1989, p. 8) “Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado”, portanto, sobretudo com as novas modalidades de turismo, que buscam conhecer ou vivenciar o campo, novas cores são dadas a cultura rural.

O turismo no meio rural deve abranger a promoção do patrimônio cultural e natural de uma comunidade por meio de atividades de educação ambiental, valorização do local incentivando a “preservação dos espaços, monumentos e objetos históricos, o resgate do folclore, das cantigas, brincadeiras e lidas rurais”. (KLOSTER, 2013, p. 37).

Essa visibilidade proporcionada pelo turismo ao modo de vida rural é um caminho dialético. Por um lado, uma comunidade que se abre ao turismo pode correr o risco de forçar a manutenção ou até criar hábitos para atender as expectativas dos visitantes, alterando o seu cotidiano em função da atividade econômica. Por outro lado, só é possível respeitar aquilo que é conhecido e a partir da vivência e experiência da vida rural se dá o reconhecimento desse modo de vida singular, fato esse lembrado pelas famílias entrevistadas quando se referem que todas as pessoas deveriam conhecer as atividades ligadas a vida rural, pois apenas assim podem valorizar o trabalho daqueles que produzem boa parte da alimentação do campo e da cidade. Destarte, o turismo pode ser apreendido como uma alternativa de sobrevivência a baixa produção agrícola.

O reconhecimento das características rurais e seus adjetivos, buscados, sobretudo pelos citadinos, proporciona ao morador do campo um sentimento de valorização e reforça sua identidade rural, e as diferenças tornam-se vias de encontro entre esses dois grupos sociais como expõe Rosas (2010, p. 94) “A própria sociedade urbana aceita estas diferenciações, no tocante à produção agrícola e, atualmente, com a oferta de serviços ligados ao lazer e ao turismo rural, levantando novamente a identidade cultural local[...]”.

Mesmo com a integração cada vez mais dinâmica e intensa entre cidade e campo, os moradores do campo mantêm muitas características culturais e identificação com o espaço que habitam, fortalecida pelos laços de parentesco, vizinhança, pelos hábitos comuns. Esses sujeitos compartilham uma série de similaridades que estruturam o cotidiano tornam o grupo coeso, diferenciando-o de outros grupos pelas suas características culturais.

Um espaço não é isolado de outros. As relações do campo com a cidade são resultado de um processo natural de complementação de atividades, sejam elas econômicas, políticas, sociais ou culturais. Com o desenvolvimento dos sistemas de comunicação e transporte a transição da produção, material e imaterial, entre esses espaços é reflexo espontâneo de um sistema maior, o capitalismo. Mas essa relação, intensificada nas últimas décadas não pode ser vista como destrutiva ou desestabilizadora, mas como um ensejo de construção de novas formas, significados, espaços e relações:

Afinal, se um lugar é sempre dito em relação a outros, e se é produto das relações e demandas sociais que fazem as interconexões entre o mundo e lugar, então, o “novo” lugar representa essa identidade híbrida da sociedade contemporânea, para a qual a partilha do lugar entre objetos e elementos de origem diversa, tradicionais e modernos, tem papel fundamental. (HAURESKO, 2012, p. 21).

A vinculação de um indivíduo a um grupo cultural se dá pela identidade, constituída de um conjunto de conexões entre o sujeito e a sociedade. Essa identidade é fruto do contexto social e está em constante construção, e reafirma no sujeito a força em lutar pela coletividade e o comprometimento com o espaço que vive.

A identidade funciona como uma síntese da cultura do grupo e, por ser flexível, permite que o sujeito possa adaptar-se a diversas situações. Por isso, se fala de um processo de identificação, por ser uma construção dinâmica da realidade que liga o sujeito à determinada cultura, perpassando pela construção histórica e geográfica da cultura de determinado grupo:

Como sabemos, nossas identidades – em seu caráter mais ou menos múltiplo – são sempre configuradas tanto em relação ao nosso passado, à nossa memória e imaginação, isto é, à sua dimensão histórica, quanto em relação ao nosso presente, ao entorno espacial que vivenciamos, isto é, à sua dimensão geográfica. (ARAUJO e HAESBAERT et al., 2007, p. 33/4).

A identidade por vezes é questionada e não é imutável. Pode alterar-se segundo as necessidades que vão surgindo com as novidades que chegam aos indivíduos, sendo adaptada, recriada, mantida em certos aspectos, segundo o que exigem as novas configurações econômicas, políticas e socioculturais.

A identidade pode resistir ao tempo, mas recebe constantemente a carga de novas motivações que chegam ao sujeito. Os moradores do distrito de Guaragi tem sua identidade alterada pelo contato com o modo de vida urbano, que traz as modernidades ao espaço rural, cada vez mais intenso. Essas mudanças são necessárias e refletem um processo natural de inovação. No entanto, são preservadas as características do modo de vida rural no cotidiano e há a tentativa de preservá-lo para as novas gerações, mantendo aquilo que contem sentido e significado para o grupo, considerando ainda que o moderno não substitui e não elimina totalmente os objetos e tradições do passado:

O moderno possui uma ligação intrínseca com o presente: substitui alguma coisa do passado, defasada ou, simplesmente alguma coisa que não encontra mais razão no tempo presente. Daí vem a concepção de uma estrutura em progressão, segundo a qual o avanço e a mudança são sempre elementos necessários. (HAURESKO, 2012, p. 56).

O espaço habitado e vivido pelo sujeito sempre esteve intimamente ligado com a formação da sua identidade cultural. A condição técnica-informacional de um local influencia na formação da identidade cultural dos indivíduos e também na representatividade que um local apresenta. Espaços com maior arcabouço técnico-científico têm maior poder. Contudo, o dinamismo social e econômico traz novas formas de configuração territorial.

No caso de Guaragi, a falta de representatividade econômica do local para o município ainda resulta em pouca representatividade política e a falta de estrutura comercial e de prestação de serviços básicos no distrito, como os de saúde, faz com que as pessoas busquem os centros urbanos próximos para atender essas necessidades de aquisição de bens de consumo e serviços básicos.

Quando um grupo social vivencia um mesmo espaço desenvolve sentimento de responsabilidade pela preservação e melhoria desse espaço, que guarda a memória coletiva desse grupo. Nele estão as memórias familiares, comunitárias e individuais, não sendo possível compreender a configuração atual de um espaço, sem reconhecer seu passado. Segundo Pollack (1989) a memória individual e a memória social necessitam de coerência e continuidade para terem o sentido de identidade assegurada e para serem consideradas verídicas.

Para os moradores de Guaragi, o passado ligado ao modo de vida rural é retratado com saudosismo e as histórias são transmitidas aos mais jovens (dentro das famílias e nessa sociedade); assim, os vínculos de afetividade com o local são preservados pela retórica e se processa a continuidade das memórias do grupo. Percebe-se que existe um patrimônio cultural, baseado nas memórias coletivas que é comum a essa população:

Assim visualiza-se que os lugares passam de um mero espaço onde se localizam as moradias para um espaço vivido por uma comunidade que estabelece um sentimento afetivo por esta terra, tanto de cada um em relação à sua propriedade quanto do grupo tomando consciência de um patrimônio coletivo. (NITSCHKE, 2012, p.59).

O elo que liga os acontecimentos passados ao presente é a memória. Segundo Santos (2002) a memória pode ser considerada como o conjunto de valores transmitidos por gerações sucessivas, situadas em tempos passados, mas reatualizadas por meio das vivências, atuando estratégica ou improvisadamente como forma de transformar ou subverter os espaços. Para esse autor, as memórias são dispersas e irrefletidas e tornam-se dinâmicas no cotidiano e os usos e os espaços recebem novos significados baseados nessa dinâmica.

As práticas culturais de um grupo, as tradições e os valores de uma sociedade estão intimamente ligados com a memória individual e coletiva, por isso se da à necessidade de manutenção da memória, e dos símbolos estruturantes. Drska (2002) fala da importância da preservação da memória - se reportando a memória dos nordestinos que migraram da região nordeste do Brasil para morar no Rio de Janeiro; segundo essa autora “É na maneira de falar, na música, na dança, na culinária, nas relações interpessoais, nas crenças e rituais, nas festas e manifestações populares, em seu *ethos* e visão de mundo [...]” que o sujeito constrói e estabelece sua identificação com o espaço onde vive e com o grupo social ao qual pertence.

A memória perdura nos lugares e nas situações vividas, está em constante evolução, pode ser repetida pelos grupos sociais à medida que o tempo passa, mas está presa ao espaço e aos acontecimentos. Quando vinculada a identidade, a memória torna-se instrumento de poder e garante o acesso à cidadania e a preservação de uma cultura:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLACK, 1989, p. 9).

A memória está ligada a lugares, ao patrimônio edificado, ao modo de vida, as paisagens e personagens, às tradições e aos hábitos e formas de expressão cultural. Segundo Pollack (1989) há um conjunto de memórias que são marginalizadas, geralmente vinculadas aos grupos de menor poder econômico e político. Em determinados momentos históricos e circunstâncias, as memórias do grupo dominante, ou alguns aspectos dela, são evidenciadas em detrimento ao grupo dominado, assim como ocorre com o patrimônio cultural rural, em detrimento a outros patrimônios. A memória é formada pelas experiências individuais e por aquelas que são compartilhadas no grupo com qual o sujeito se identifica.

Relacionado às mudanças que ocorrem nas formas de relação entre campo e cidade, entre o rural e o urbano, a memória permite ao indivíduo que vive no campo preservar sua cultura, herdada dos familiares, parte da sua história é construída na dinâmica dos eventos cotidianos, perpassando passado e presente. A memória representa essa ponte entre o passado e o contemporâneo, entre aquilo que foi e aquilo que é. Possibilita certo tipo de resistência e afirmação em relação ao modo de vida urbano, auxilia na adaptação às novidades, as novas relações sociais e na reelaboração/ressignificação dos espaços, auxiliando na construção da identidade coletiva e individual do morador do campo:

Memória e identidade constituem-se mutuamente em um processo no qual a primeira fornece substrato à segunda. Basta lembrarmos como a preocupação com a memória, em alguns países ou grupos, por exemplo, é fundamental para manter a unidade, a coesão e garantir os elementos necessários à afirmação de tais países ou grupos. (OLIVEIRA, 2002, p. 94).

Os vínculos afetivos que o indivíduo desenvolve sobre um espaço, mostram as relações mais subjetivas do indivíduo com o seu espaço de vida, com as lembranças, as experiências já vivenciadas, remetendo ao saudosismo. Os moradores de Guaragi apresentam fortes vínculos de ligação com o lugar, com as

formas da paisagem, com os outros moradores e com as lembranças vividas nesses espaços, o que vai ao encontro do que afirma Corrêa e Rosendahl (1998) quando alegam que a paisagem apresenta uma dimensão histórica por ser produzida pela ação humana ao longo do tempo:

Em realidade a paisagem é, de um lado, resultado de uma dada cultura que a modelou e, de outro, constitui-se em uma matriz cultural. Como resultado a paisagem é “uma vitrine permanente de todo o saber”, expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica. (CORRÊA, 1995, p. 4).

Dessa forma as lembranças dos sujeitos se relacionam e determinam as características e o funcionamento do lugar. Segundo Tuan (1983) nos espaços vividos, os lugares de experiências boas e memórias felizes e onde são desenvolvidos laços de apego e pertencimento, ocorre o que o autor chama de topofilia. Já aqueles onde a memória do sujeito remete apenas a momentos não agradáveis ocorre a topofobia.

Os moradores de Guaragi falam da importância em preservar hábitos, costumes, paisagens e locais que remetem a sua forma de vida. Muitos descrevem locais, eventos e pessoas do passado com saudosismo apontando de maneira negativa muitas transformações ocorridas. As imagens e experiências vividas no passado são narradas com mais alegria, frente às transformações que ocorreram com a aproximação do modo de vida urbano. As experiências vividas no modo de vida rural tornaram-se a estrutura da memória individual e do grupo, e por isso podem ser consideradas patrimônios da cultura desse grupo.

Para Föetsch (2010), os espaços vividos vão sendo carregados de significações individuais e coletivas formadas no cotidiano. Nos espaços vividos, cada indivíduo torna-se ator social e o lugar forma-se por imagens e signos. Os laços criados no espaço, palco das experiências do sujeito, também estão ligados à natureza histórica do local.

Os moradores do espaço rural tem no campo o local onde tecem suas relações mais subjetivas, e é onde suas peculiaridades ficam mais evidenciadas, pois é construído no cotidiano, no que já foi vivido. O sentimento de afeto com o local que vivem é intenso para os moradores do campo, pois estrutura sua

identificação com as manifestações realizadas, com os demais indivíduos e com tudo aquilo que dá ao sujeito um sentimento de pertencimento àquele espaço.

A identificação dos indivíduos com o rural, com o campo, pressupõe ligação com a história do local, dando ao lugar significações especiais, e às pessoas o sentimento de pertencimento a esse espaço e compromisso com a sua manutenção e melhoria. Isso pode ser percebido na fala dos moradores de Guaragi, quando indagados se pretendem se mudar para a cidade, respondem que não, pois preferem o modo de vida tranquilo do campo, por eles (re)produzido. O sentimento de identidade, de pertencimento ao lugar molda as relações sociais, estrutura os significados, os valores, à história, a cultura, bem como, a reprodução do modo de vida rural no distrito.

Para o indivíduo que vive no distrito a sua comunidade é o local onde se sente valorizado. Por meio da vivência e das relações de subjetividade que tece com os outros moradores, constrói sua identidade e cultura, e faz parte da construção da história desse local, e também, por vezes tem a história de sua família ligada ao local. O espaço rural habitado por esse grupo é assim lugar de construção de uma cultura e identidade singular, formado pelas diversas experiências individuais dos sujeitos. A partir das construções subjetivas da mente humana, são criados os significados, tornando-os representativos para a memória do indivíduo, tornando-os patrimônios ligados à cultura local.

A identidade do sujeito que vive no campo passa pelo processo de fragmentação resultante da integração dinâmica com o modo de vida urbano. Segundo Hall (2006) esse processo será cada vez mais intenso já que a globalização atinge praticamente todos os lugares levando uma gama de novas posições de identificação, novos grupos unidos por uma identidade comum e diferente da identidade dominante.

Para Hall (2006) no atual momento histórico a identidade está suspensa, não tem mais bases fixas em um lugar ou momento, mas transita na história e no espaço. Isso é perceptível quando se analisa a integração entre o rural e o urbano, onde traços culturais e elementos da identidade são partilhados entre os sujeitos desses espaços e o morador do campo passa por um processo de confronto de valores e reestruturação da identidade.

Segundo Warnier (2000) a ordem da globalização chega a cada indivíduo e o lugar pode reagir jogando luzes na tradição local, incentivando a manutenção da

cultura num movimento dialético entre o global e o local. Contudo, esse processo de difusão de traços culturais urbanos sobre o rural não caracteriza a homogeneização cultural, mas sim um processo de aculturação, já que muitos traços culturais relativos ao modo de vida e construídos com base nas experiências vividas no dia-a-dia do campo são preservados, como é possível ver no modo de vida dos moradores de Guaragi, que preservam em seu cotidiano o modo de vida considerado por eles como tipicamente rural.

1.3 PAISAGEM E PATRIMÔNIO: OS TRAÇOS CULTURAIS E FRAGMENTOS DA MEMÓRIA RURAL NO ESPAÇO

O conceito de patrimônio cultural rural começou a receber maior atenção, tornando-se interessante para diversas escalas de poder, pautadas, sobretudo, em interesses financeiros, como o turismo rural e turismo cultural, onde existe a procura por vivenciar as experiências do modo de vida rural e, também, com a crescente procura dos cidadãos pelo contato com a tranquilidade do campo. Esses elementos estão integrados a paisagem rural e proporcionam ao sujeito um sentimento bucólico.

A paisagem desde o início de seu uso como um conceito-chave para a Geografia, guarda certa estabilidade, apesar de apresentar tantas dicotomias nas suas possibilidades entre as análises física ou humana, da morfologia ou da cultura, do trabalho ou da ideia, da materialidade ou imaterialidade, das representações coletivas ou dos valores individuais, da sua forma real, ou do tipo de representação. A paisagem também pode ser produto da sociedade, arcabouço das relações do homem com o espaço e com os outros indivíduos e representa uma importante forma de compreensão do espaço, considerando que é dinâmica e mutável dentro das escalas de tempo e espaço e, portanto, não deve ser entendida apenas como uma cena, mas como produto da construção social:

Assim, no processo de construção da paisagem pelo imaginário social, ela não se revelou apenas como quadro onde se desenvolveu a trama das práticas sociais: configurou-se na própria representação das práticas sociais que lhe dá novo conteúdo, transformando-a em espaço geográfico. (ROSENDAHL; CORRÊA, 2001, p.12).

As perspectivas da geografia humana e da geografia cultural têm contribuído para o desenvolvimento do conhecimento científico por haver uma tentativa de revelar a forma subjetiva do mundo de cada sujeito, a estrutura psicológica e intelectual da cultura, as maneiras de perceber, as experiências vividas, a intuição, imaginação e sentimentos dos sujeitos. (NITSCHE, 2012).

Segundo Chauí (2002, p. 116) “A realidade natural, social, política e cultural forma uma espécie de moldura de um quadro em cujo interior nos instalamos e onde existimos”. O morador do campo é ator atuante na construção de seu espaço, sua cultura e identidade na vivência diária e na luta pela sua (re)produção econômica e social e constrói nessa moldura a paisagem, que na abordagem humanística, dá ênfase aos aspectos da relação subjetiva do homem com o meio, onde o ser humano vive suas experiências. Como categoria de análise, utilizando-se dessa concepção geográfica e humanística da paisagem, é necessário desarticular a atenção do estudo do que é visível ao externo, para voltar à atenção para os fenômenos subjetivos que ocorrem com o indivíduo que a vivencia, podendo assim compreender a trama constituinte da paisagem.

A paisagem cultural é aquela construída por um grupo de pessoas, que atuam sobre e em uma paisagem natural, transformando-a segundo a sua cultura. Cada sujeito tem uma forma única de ver e entender a paisagem, pois está relacionada com a sua cultura e sua forma de percepção do espaço observado, podendo ver a cena visível ao olho, ou compreender o conjunto de estruturas, simbólicas e materiais, naturais ou sociais, que formam uma paisagem. Segundo Chauí (2000):

Uma paisagem, por exemplo, não é uma soma de coisas que estão apenas próximas umas das outras, mas é a percepção de coisas que formam um todo complexo e com sentido: o vale só é vale por causa da montanha, cuja altura e distância só podem ser avaliadas porque há o céu, as árvores, um rio e um caminho; o verde do vale só pode ser percebido por contraste com o cinza ou o dourado da montanha; o azul do céu só pode ser percebido por causa do verde da vegetação e o marrom da terra; essa paisagem será um espetáculo de contemplação se o sujeito da percepção estiver repousado, mas será um objeto digno de ser visto por outros se o sujeito da percepção for um pintor, ou será um obstáculo, se o sujeito da percepção for um viajante que descobre que precisa ultrapassar a montanha. Em resumo: na percepção, o mundo possui forma e sentido e ambos são inseparáveis do sujeito da percepção. (CHAUÍ, 2000, p. 154)

A paisagem pode ser um produto vendável ou valorada subjetivamente a partir das vivências e da cultura de um grupo local. Na paisagem do campo encontra-se a construção física e simbólica mais representativa do espaço rural onde estão contidos elementos do passado e da atualidade, mostrando os diversos contextos sociais onde ela foi formada e por isso está carregada de significados, e dessa maneira pode-se dizer que a paisagem contém patrimônio da cultura de um grupo social e é formada “pela continuidade de tempos desiguais, os tempos que, a cada momento, nela estão presentes em simultâneo” (MOREIRA, 2009, p. 115).

Nessa perspectiva, entende-se que a paisagem aparece como forma que contém a identidade, nesse caso a identificação com o modo de vida rural, fruto do processo social, impregnada de conflitos e relações sociais. Seus significados são modificados por esses conflitos, e com relação a identidade do sujeito que vive no campo, esse conflito se dá, sobretudo, por meio do contato com o modo de vida urbano. Sauer (1998) lembra que a paisagem pode ter alterações segundo as mudanças na cultura do grupo que a produz; para esse autor a unidade de análise da Geografia Cultural é a paisagem.

A paisagem é resultado da interação do ser humano com o meio que ocupa, escrevendo sobre ela as características de seu tempo, e tornando-a espaço de acumulação de tempos, de culturas, de interpretações, de sentimentos, de leituras, é o meio natural somado ao meio construído, é a imaginação e função e como afirmam Rosendahl e Corrêa (2001, p. 9) “[...] paisagem, que traz em si natureza e sociedade, objetividade e simbolismo.”

A paisagem também é produto de uma sociedade desigual, onde alguns grupos sobressaem sobre outros e tem poder para definir as mudanças nesse espaço. Com a inserção do modo de vida urbano no campo, a paisagem rural reflete as mudanças intrínsecas as novas configurações entre esses dois espaços. Dessa maneira, a paisagem rural retrata o contemporâneo e o passado, o tipicamente rural e as modernidades inseridas no cotidiano, num contexto marcado pelas práticas diárias dos atores que a produzem:

Inicia-se com a paisagem, pois esta incorpora inovações e se transforma a qualquer tempo, mas principalmente, por possuir um caráter palimpsesto, que retém características e formas do passado, expondo de maneira sobreposta, ou lado a lado, o velho e o novo determinados pelo presente, direcionados pela ação social, que é base de transformação do espaço geográfico [...] (ROSAS, 2010, p. 31/2).

O conceito geográfico de paisagem esteve sempre a par das análises da Geografia Cultural e tem servido de suporte para suas interpretações da forma como o ser humano se apropria do espaço e nele estabelece suas relações sociais, pois congrega vários tempos em uma mesma ‘cena’, perpassando presente e passado e apresentando a relação conflituosa ou harmônica que existe num local:

La Nueva Geografía Cultural significó un replanteamiento y tomó en cuenta no sólo las expresiones materiales de la cultura sobre un área dada sino también el simbolismo que para los habitantes tenían algunos de los rasgos del paisaje. A partir de finales de los años ochenta, los especialistas en geografía cultural ya no se limitaron a describir, como sus antecesores en Berkeley, la manera en que los diferentes pueblos marcaban físicamente su territorio y los elementos antrópicos del paisaje. También se dedicaron a comprender el significado de o representado por los individuos y el modo en el que percibían y comprendían su ambiente. (CHRISTLIEB, 2006, p. 228).

Conforme Meinig (2002, p. 42) a paisagem pode ser compreendida na sua perspectiva histórica como “um complexo registro cumulativo de trabalho da natureza e do homem em um dado lugar”. Por isso, permite a análise de diversos tempos e dos atores sociais que a construíram ao longo da história de um local.

O geógrafo francês, contemporâneo a *New Cultural Geography*, Augustin Berque (1998) entende a paisagem como uma marca da materialização de uma sociedade, reflexo de percepções e compreensões distintas. Para ele a paisagem é resultado da interação entre objeto e sujeito coletivo.

A paisagem é resultado da ação das pessoas sobre o espaço, atribuindo-lhe valores e significados e nessa perspectiva:

[...] a paisagem é, ao mesmo tempo, ancorada no solo, modelada pelas transformações naturais e pelo trabalho do homem e, acima de tudo, objeto de um sistema de valores construído historicamente e apreendido diferentemente, no tempo e no espaço, pela percepção humana. (ROSENDAHL; CORRÊA, 2001, p. 19).

A paisagem natural e as construções simbólicas e materiais sobre ela estão intimamente vinculadas à vivência dos moradores do campo e a sua história individual e comunitária, está presente em suas lembranças e nas práticas diárias e “seu verdadeiro conteúdo só se revela por meio das funções sociais que lhe são

constantemente atribuídas no desenrolar da história.” (ROSENDAHL; CORRÊA, 2001, p. 13).

Assim, a paisagem entendida como uma construção histórica do espaço que mantém em si de forma harmoniosa ou conflitante elementos de diversos tempos liga o passado e o presente e torna-se receptáculo do patrimônio cultural de uma sociedade, registrando a memória social, elo que liga o sujeito a seu grupo, e lhe dá a possibilidade de estruturar e manter sua identidade cultural:

É necessário, portanto, aprender os significados da paisagem para decifrar os modos de vida, as ações humanas no espaço, expressas em marcas objetivas ou subjetivas construídas historicamente e determinadas no momento. No meio rural, tal perspectiva é muito bem visível e traz à tona as características de seus moradores e sua ligação com o local, numa análise que extrapola meramente o economicista, trazendo uma análise das condições das pessoas mais próximas de sua realidade. (ROSAS, 2010, p. 120).

Ler a paisagem como local que contem os patrimônios históricos e culturais é tentar identificar os laços de um indivíduo com o local, a vida do sujeito sobre esse espaço. Para Tuan (1983) as análises dos significados simbólicos das ações dos seres humanos sobre o espaço vivido tem grande importância, pois orienta, para a forma como o homem se relaciona com o espaço que ocupa.

Desde pequenas as pessoas são inseridas numa sociedade intersubjetiva - aquele que é compartilhado por vários indivíduos – onde aprendem certas condutas e formas de agir para tornarem-se parte da vida social de um grupo. Esse conjunto de normativas formadas pela sociedade, por meio das experiências no espaço é resultado e parte do processo de construção do mundo social, de onde procedem os significados e símbolos da cultura de um grupo. Tuan (1983) defende as análises dos fenômenos a partir da perspectiva fenomenológica, que na geografia humanista, faz análises de como o mundo é percebido pelo sujeito, aproximando essa forma de apreensão do conceito de cultura.

As ciências sociais ainda apresentam muitas restrições quanto ao uso da subjetividade como forma de compreensão da realidade. Todavia, esse é um método essencial para responder muitas questões ligadas às relações que os sujeitos estabelecem com o espaço e, nesse caso, entender o que é considerado patrimônio por um grupo, pois a fenomenologia remete a compreender os elementos

que dão sentido à vida do ser humano com base na experiência do sujeito e na relação com o seu espaço de vivência:

Não deixa de ser estranho, para não dizer irônico, que as ciências sociais se restrinjam a horizontes limitados da vida social, abandonando necessidades humanas tão profundas como: felicidade, democracia, identidade cultural, prática cotidiana, cidadania... Tomam necessidades materiais, por serem geralmente mais imediatas, como mais importantes. A rigor, nenhuma necessidade humana pode ser taxada de mais ou de menos importante, se aceitarmos o homem como totalidade, e não como arranjo de pedaços. (DEMO, 1989, p. 26).

A partir da experiência dos sujeitos é possível interpretar sua relação com o espaço natural e edificado, sob o qual faz suas construções simbólicas, que estruturam as modificações na paisagem. Nesse contexto de relações do ser humano com o meio e com os outros indivíduos a cultura de um grupo se forma e no decorrer da história de um grupo são criados os seus patrimônios históricos e culturais.

1.4 DO PASSADO, NO PRESENTE, AO FUTURO: O PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL

A preservação do passado na forma de patrimônios materiais e imateriais é uma forma de preservar a história de um povo. Assim, o patrimônio histórico e cultural é utilizado para afirmação da identidade de um grupo social, reforçando seus vínculos com o seu espaço. Hall (2006) diz que a ligação do sujeito com o passado se dá pela manutenção do patrimônio cultural.

Sobretudo nas últimas décadas, ao mesmo tempo em que se busca o desenvolvimento, a sociedade, busca também a preservação do passado, através da manutenção da memória social. Segundo Tuan (1983, p. 206/7) “Para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível. Existem vários mecanismos para escorar as deterioradas paisagens do passado.” Dentre esses mecanismos está a preservação do patrimônio histórico e cultural.

O patrimônio cultural é arcabouço das memórias de uma sociedade, representam o passado, e está em constante construção, fazendo parte do passado e do devir. Por ser uma forma de representação social é também maneira de se inserir na identidade do grupo a que se pertence.

Conforme Dencker (2012) o patrimônio deve ser considerado como um conjunto organizado de relações, práticas e representações, produzidas de forma parcialmente autônoma que possibilita uma série de formas de apropriação e valorização, permitindo analisar como o simbólico atua na sociedade e como integra as memórias chegando até a formação da memória social. Para essa autora, a divisão do conhecimento fragmentou a compreensão do patrimônio, mas diversos campos se cruzam nele.

O conceito de patrimônio tange não apenas as obras edificadas e artísticas, mas também o modo de vida, as simbologias, hábitos e crenças, torna possível a conservação da memória de um grupo, englobando a cultura erudita e popular, envolvendo a cultura desenvolvida ao longo da história de um grupo, com os reflexos nas manifestações da sociedade atual:

Resultado da dinâmica cultural, o conceito de patrimônio sofre reformulações a ponto de hoje abrigar sobre esse escopo as paisagens culturais, artes, ofícios, festas populares, formas de expressão e modos de fazer, além de edificações. Portador da memória e da identidade, o patrimônio constitui importante referência cultural para o grupo que o mantém, o pratica e dele se apropria. (BASTOS, 2012, p. 214).

Todavia, a escolha do que será preservado ou esquecido é feita num jogo de poderes políticos, econômicos e ideológicos e alguns patrimônios recebem maior atenção em detrimento de outros, como é o caso dos patrimônios edificados:

Além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras[...]. (POLLACK, 1989, p.10).

Esse processo se torna mais complexo quando se discute os patrimônios culturais urbanos e rurais, pois existe, neste caso, forte desequilíbrio a favor do primeiro (já que a cidade agrupa aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e simbólicos com maior densidade) no número de estudos e nas ações institucionais, desde as primeiras ações voltadas à preservação do patrimônio como esclarece Choay (2006, p. 181) “Ao longo dos séculos e das civilizações, sem que aqueles que a construíam ou nela viviam tivessem intenção ou consciência, a cidade

desempenhou o papel memorial de monumento”. Destarte, não é preservado o contexto geral da narrativa social, pois esse patrimônio é apenas um fragmento da história, que simboliza somente o que um segmento da sociedade viveu.

O desequilíbrio que existe entre a produção cultural dos espaços é um grande problema à formação do sujeito e a sua inserção no tecido social. A produção cultural deveria ser encarada como um caminho para a justiça e a igualdade social e individual e parte do processo da formação do cidadão, seja ele urbano ou rural. O Estado deveria possibilitar acesso aos meios de produção e consumo da cultura – estenda-se ao patrimônio histórico e cultural - a todas as pessoas sem nenhuma distinção, fazendo a ligação entre as diversas manifestações culturais. A sociedade deveria ter total interação com a produção cultural e patrimonial. Entretanto, o que se percebe é que existe uma distância entre os produtores e consumidores da cultura e o Estado perpetua a condição de vantagem de determinados agentes fazendo de seus elementos simbólicos os únicos representativos, como um discurso dominante. (CHAUÍ, 2006).

Mas o patrimônio cultural rural existe e contém a maior parte da história do país, que sempre desempenhou a função de produtor rural e também por representar a cultura dos moradores do campo, nos seus hábitos, na paisagem natural e no espaço construído. No Brasil, as discussões patrimoniais ainda carecem de aprofundamento, sobretudo no que diz respeito ao patrimônio cultural rural, categoria patrimonial, mais desenvolvida em países como a França onde, há muitos anos, já existe preocupação com a sua preservação:

Não obstante, um outro problema, o do patrimônio rural não representado por edifícios, logo surgirá numa parte da Europa, principalmente na França, país de tradição rural cujo campo era um imenso e sábio monumento: que fazer quando, da mesma forma que o jovem patrimônio industrial tornado obsoleto, a agricultura ancestral estiver condenada, em parte, ao abandono das terras devolutas? Que nova utilização se pode dar a uma paisagem que foi uma das mais belas jóias desse país, da qual resistirão apenas aldeias reconquistadas por populações urbanas e cercadas por elegantes casas de campo? Não dispomos de precedentes que nos ajudem a resolver esses casos de desativação de espaços territoriais. (CHOAY, 2006, p. 220).

Preservar esse patrimônio é importante não apenas para conservar parte importante da história do país como também para dar a oportunidade de quem tem suas memórias e sua identidade vinculados ao modo de vida rural preservar sua

cultura, seu passado, sua história. Para Pollack (1992) a preservação da memória é fundamental para o indivíduo, pois é um elemento essencial da sua identificação com um grupo, e segundo esse autor a ruptura da continuidade e unidade da memória pode levar a sintomas patológicos:

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p. 204).

A globalização é o principal processo que ocasiona rápidas mudanças que resultam no desaparecimento das bases que estruturavam a identidade dos sujeitos. Contudo, ao mesmo tempo em que se busca o desenvolvimento, a sociedade, em algum sentido, busca também a preservação do passado – a preservação também pode ser considerada uma forma de desenvolvimento - através da manutenção da memória social, de alguns hábitos, costumes e tradições, da preservação de monumentos e símbolos importantes.

No entanto, a preservação patrimonial não abarca apenas um passado distante, como também o presente, as formações atuais da cultura de grupo e as novas significações e simbolismos porque tal como a cultura, o patrimônio não é estático, mas segundo Meneses (2012, p. 31), processual em sua interpretação como sendo “[...] passados, presentes e futuros que formam um tempo em processo recheado de origens, processos construtivos, criações, representações, vontades, continuidades, rupturas, projeções, eternizações.” Segundo esse autor, o patrimônio, material ou “vivencial” identifica um grupo, mas é parte de sua forma de agir e de construir seu viver.

O movimento de preservação da memória ganha força com o que Tuan (1983) chama de curiosidade educada, voltada para educação culta e iniciada pelas classes sociais mais abastadas, que colecionavam peças, objetos e outros artefatos naturais para satisfazer sua curiosidade e como auxílio à manutenção da memória familiar, do grupo que pertenciam e da memória social. Para esse autor, os motivos para conservar o passado são basicamente três: o moral, o estético e para aumento de confiança.

A proposta de disseminação do saber, reconhecimento e manutenção dos vínculos com o passado e a produção histórica do espaço correlacionada com o fator econômico mobilizado pelas atividades do turismo legitimou as ações pela preservação do patrimônio, mesmo que o preço a ser pago tenha sido o de transformar o patrimônio do seu valor de uso, de produção cultural para produto de consumo com valor econômico.

1. 4. 1. Ações de preservação e institucionalização do patrimônio histórico-cultural brasileiro

As ações pela salvaguarda do patrimônio cultural - que reflete características singulares de um povo bem como sua identidade - foi iniciado nos países industrializados da Europa, no século XIX, temendo-se que os símbolos e significados construídos no passado e que estruturam o presente se perdessem frente o avanço da industrialização.

No Brasil, esse processo foi mais tardio, iniciando-se apenas meio século após a proclamação da República. Em 1937, foi criado o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) e desde então órgãos governamentais são responsáveis pelos patrimônios históricos culturais nacionais. (TIRAPELI, 2012).

Em 1936 uma iniciativa de Mário de Andrade propunha a preservação dos patrimônios artísticos nacionais, preocupando-se com a conservação dos bens culturais de identidade nacional. A princípio, apenas os patrimônios materiais eram foco de salvaguarda. Perpassando as diversas formas de organização política que se estabeleceram no Brasil entre as décadas de 1930 ao final da década de 1980, dos governos militares ao republicano, o país passou por uma verdadeira revolução na conceituação de patrimônios. (CARVALHO, 2011).

As condições políticas, culturais e econômicas do país refletiam nas instituições voltadas a preservação do patrimônio histórico-cultural de preservação com iniciativas que visavam desde a preservação de regiões históricas (como a da cana-de-açúcar ou regiões onde ocorriam garimpo) até a preservação do patrimônio imaterial. A partir da década de 1970, a configuração do entendimento sobre os patrimônios culturais mudou, partindo de uma perspectiva de entendimento da cultura como um processo diversificado e contínuo, passando a inserir nas categorias de patrimônio tanto os prédios repletos de história quanto as paisagens

rurais brasileiras, pela sua importância na formação histórico-cultural nacional, dando ênfase ao valor social democrático dos patrimônios salvaguardados. (CARVALHO, 2011).

Muitas vezes a escolha do que será considerado como patrimônio histórico e cultural de um grupo é realizada por técnicos ou instrumentos governamentais, não ponderando a opinião da população, mesmo que essa esteja revestida de grande importância, pois o patrimônio é constituído do sentido e valor simbólico e da representatividade desse patrimônio para a sociedade. Todavia, muitas vezes o patrimônio cultural de uma sociedade está tão intrínseco ao seu modo de vida recebendo constantes modificações que é difícil identifica-lo. A população por vezes conhece aquilo que é ou poderia ser considerado seu patrimônio cultural e por isso dá a ele o valor cotidiano, mas não o reconhece pelo significado que tem em suas vidas.

Segundo Choay (2006) o movimento pela preservação dos bens patrimoniais ganhou sentido fantasioso, voltado a si próprio e perdeu seu sentido original de criação. Nesse processo, os bens selecionados para salvaguarda não possuem um conteúdo, são símbolos sem significado. Para voltar ao seu sentido primeiro, o patrimônio deveria representar a sociedade, suas lembranças e não ser um objeto de culto e adoração.

Os comportamentos e gestos cotidianos que parecem ser banais, tem sua significância e podem ser valorizados e interpretados. O interprete do patrimônio (aqueles que pesquisam sobre esse tema) tem a liberdade de escolha sobre o que iluminar e por isso apenas alguns elementos desse conjunto são preservados. Todavia, como a cultura de um grupo muda, seus patrimônios históricos e culturais também e, dessa maneira, seria interessante incluir a vivência e os vivos dentro do rol de preservação, já que o patrimônio é dinâmico, móvel e vivo nas pessoas que o preservam:

A valorização da vivência, a dignificação da vida e a interpretação dos vivos no processo interpretativo não é, aqui, nenhum discurso moral-ideológico, mas, sim, uma tentativa de instrumentalizar metodologicamente a nossa capacidade de intérpretes. Como instrumento metodológico, então, dignificar é incorporar a permanência cronológica no percurso de interpretação das culturas. É, nesse caso, inserir os vivos na cultura observada como de construção passada. É dar historicidade ao tempo da construção de uma determinada identidade que se quer entender e, dessa forma, praticar o exercício da leitura de algo que, em sua dinâmica, é passado, presente e devir. (MENESES, 2012, p. 29).

A preservação do patrimônio deve ser um processo subjetivo e resultado de construção social. Assim, o patrimônio cultural deveria valorizar a diversidade das memórias, dos hábitos, das tradições, dos bens materiais das diversas classes e grupos sociais, legitimando dessa maneira, o direito garantido na Constituição de 1988, da manutenção da história e da vida de uma sociedade em sua plenitude:

A cronologia das políticas públicas de patrimônio no Brasil acompanhou a idealização de uma história da cultura voltada ao tombamento e guarda de bens considerados como valores culturais da nação, o que se estende a todos os brasileiros; como se guardassem uma identidade da unidade nacional – encobrindo a diversidade dentro da qual esse patrimônio foi construído. (CASTRO, 2012, p. 39).

A escolha do que é patrimônio e, por conseguinte, do que será preservado para representar a memória e a história de determinada sociedade, geralmente provém de uma disputa de poderes entre diversos agentes sociais, dentre os quais estão às sociedades organizadas por meio de associações de diversas naturezas, instituições de ensino como as universidades, ONG's, mas, sobretudo do poder do capital, nas instituições privadas da elite com interesses em lucros e o Estado. (MONASTIRSKY, 2009).

Quando se trata da preservação dos patrimônios históricos e culturais, no Brasil ainda existe uma série de dificuldades. Apesar de existirem diversos órgãos ligados a tentativa de preservação, as parcerias entre as entidades, sobretudo das instituições de ensino e dos órgãos gestores, ainda não consegue viabilizar a institucionalização patrimonial e os tramites de conservação dos bens pós-tombamento.

A escolha e institucionalização do patrimônio histórico cultural permeia várias dimensões, entre elas a econômica, quando é envolvido o sentido de valoração desse patrimônio, voltando-se para fins lucrativos; a política, já que a escolha do que será lembrado é feita num jogo político; e a simbólica, voltada para a representação e o significado de um patrimônio para o povo.

Muitos patrimônios são preservados apenas pelo sentido estético ou por representar a memória de um grupo com maior poder político ou hegemônico. Porém, o patrimônio histórico e cultural de um grupo deveria ser aquilo que é significativo para essa sociedade e, portanto, deveria ser eleito pela escolha popular do grupo, garantindo que esse patrimônio tenha um acervo diversificado com o qual

a população se identifique. E nesse contexto o patrimônio cultural entre como parte da memória a ser preservada:

O primeiro destaque está relacionado à democracia cultural, expressa na Declaração do México (1985), que considera que a cultura não deve ser privilégio de elites e que “[...] toda pessoa tem direito a tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, a gozar das artes e a participar do progresso científico e dos benefícios que deles resultem”. Assim, se faz necessário reafirmar que naturalmente esses direitos incidem sobre os territórios rurais e, ao fazê-lo, não se está tratando de algo superado, pois são precárias as políticas públicas voltadas à promoção da cultura do patrimônio nestes espaços. (SILVA, 2009, p. 167/8).

A escolha dos patrimônios a serem salvaguardados, passa por um processo de institucionalização. Existe um conjunto de procedimentos e exigências coligado às operações para que se efetive o um patrimônio como tal, perpassando por diversas etapas desde sua candidatura até o reconhecimento formal. Posterior ao seu tombamento cabe os procedimentos e intervenções para recuperação e restauro e as designações de posteriores custos financeiros. Parte do processo de tombamento necessita de conhecimentos técnicos para respaldar sua eleição. (SILVA, 2009).

De acordo com Meneses (2012) a primeira etapa do processo do patrimônio é a interpretação de seu significado, onde é feita a escolha das formas de abordagem sobre ele. O segundo momento é o de construção do discurso interpretativo sobre esse patrimônio e sua exposição a críticas, para que tenha ampla possibilidade de amadurecimento de ideias. Depois disso, o patrimônio é materializado em documentos, obras, ou museus. Para esse autor, o processo de compreensão da memória deve sempre considerar sua dinâmica de formação, e que será a reminiscência futura, que é uma representação social e faz parte da inquirir inserção identitária.

A manutenção dos traços e fragmentos de memória e a preservação do patrimônio cultural recebeu grande consideração nas últimas décadas. A preservação está assim, ligada à história individual e coletiva dos grupos sociais que ocupam um espaço, ligada a identidade com esses espaços, com a manutenção da tradição e dos costumes. Faz referência às pessoas, às suas origens e histórias. (PORTUGUEZ, 2004).

Cada sociedade cria formas sociais, normas e constrói conjuntos de símbolos e signos que influenciam na construção do espaço que vive, como é o caso do modo de vida rural. Esse espaço é o reflexo do acúmulo gradativo de formas e símbolos, materiais e sentimentais, que contracenam de forma harmônica ou não, a configuração espacial contemporânea, estabelecida no decorrer do tempo. Quando o espaço rural é transformado pela sociedade e adaptado a ela, principalmente pelas relações intensificadas com o espaço urbano, a paisagem rural reflete o processo dinâmico de reconstrução do local, da cultura, da individualidade, do grupo, mas permite novas interpretações e significações a cada olhar:

Assim, evidenciam a variação e a complexidade da trama socioeconômica e cultural das percepções, interpretações e valores atribuídos às paisagens, sendo estas tanto portadoras de sentido como geradoras de significados, em termos das possibilidades de trocas e de significações a cada nova experiência com o entorno. (LIMA-GUIMARÃES, 2012, p. 48).

Quem vive a paisagem rural, tem suas memórias ligadas a esse espaço e sua identificação é vinculada com o modo de vida local. Caracterizada segundo o grupo que o apropriou, a paisagem rural guarda memórias passadas, as memórias em processo e o devir.

Um lugar de memória é diferente, mas complementa a história de um grupo, e apresenta-se com uma identidade única. Apesar de ter seu próprio contexto, é aberto a novas formas de interpretação. Alguns traços de um lugar de memória só podem ser interpretados por aqueles que o vivenciam, pelo grupo que produz aquela cultura e por isso pode confirmar ou reajustar a memória individual. (MONASTIRSKY, 2009).

Assim, o espaço rural também é lugar de memória, e a paisagem rural é composta por uma série de elementos materiais e simbólicos que garantem a manutenção da identidade dos sujeitos. O campo é um espaço construído, resultado e reflexo de uma sociedade desigual, produto de diversos contextos históricos. Tem bases físicas, espaços naturais e modificados intensamente pelo ser humano, encerra-se nele relações de poder e hierarquias; com as novas configurações e a intensa modificação das atividades torna-se um espaço dialético, entre o passado e o presente, o antigo e o novo, o antiquado e o moderno. É uma combinação de

contextos, de histórias, de identidade e memórias. Por isso seu patrimônio também é abrangente:

[...] entendido como sendo: *patrimônio material*, representando as formas construídas e perpetuadas na paisagem, constituindo uma herança no arranjo espacial do lugar; *patrimônio imaterial*, como sendo o produto intelectual, as técnicas, a religiosidade, o conhecimento acumulado e reproduzido, elementos da cultura que são reproduzidos pelos habitantes locais, representando um conjunto simbólico e identitário; e, *patrimônio natural*, representado por elementos da natureza socializada e transformada por meio da aplicação técnica das comunidades locais, que alteram o arranjo espacial segundo as necessidades de sua reprodução. Nesta medida, estes componentes do patrimônio cultural representam a memória e a paisagem, impregnada de elementos simbólicos e identitários da cultura local. (PANIS, 2009, p. 77).

Segundo Mazuel (2000) o patrimônio cultural rural comportaria além dos recursos naturais, antigas práticas agrícolas, os conhecimentos locais e o estilo de vida próprio do campo. Todavia, contesta-se essa proposição, pois também devem ser englobadas nesse contexto não apenas antigas práticas, mas as que se originam cotidianamente, pois os conceitos de patrimônio cultural e cultura são muito próximos, e a cultura é recriada a todos os momentos pela sociedade, que absorve as novidades, dá novas significações as coisas, e recria seu modo de se apropriar do espaço.

O patrimônio cultural rural também reúne além do conjunto de registros materiais e imateriais originários das práticas diárias e os costumes, as formas de produção estabelecidas na área rural. A falta de um documento que liste metodologias para inventariar os patrimônios culturais são grandes problemas que restringem a salvaguarda. (TOGNON, 2002).

Segundo Tognon (2002) quando se reporta ao patrimônio cultural rural paulista – não distante da realidade do patrimônio cultural paranaense e, nesse caso, o patrimônio cultural rural do distrito de Guaragi - as políticas públicas não abrangem a maior parte desse patrimônio, que tem altos custos para ser preservado (patrimônio material) e não recebe nenhum incentivo financeiro. Para esse autor, as iniciativas de preservação poderiam ser voltadas as experiências educacionais, as atividades turísticas, mas necessitam da organização dos produtores desse patrimônio, em associações, que viabilizem seu reconhecimento e preservação.

A preservação do patrimônio cultural rural de determinado lugar permite que sejam compreendidos aspectos históricos, familiares, tecnológicos, do trabalho e economia, da religião, alimentação, música, e valores sociais. Destarte, esse patrimônio é parte do cotidiano funcional e simbólico e vinculado com a história de um território, com a região e as cidades.

Sobre o patrimônio, geralmente são feitas práticas e pensamentos uniescalares e unifocais, o que privilegia a escolha e manutenção de parte dos elementos simbólicos, onde a parte privilegiada ainda continua sendo os patrimônios históricos e culturais urbanos. Quando há uma visão multiescalar e dialética, se compreende a importância do patrimônio cultural pela compreensão de sua formação histórico-espacial, porque a sociedade produz no seu imaginário as representações simbólicas do espaço que vive e dessa forma pode-se afirmar que todo o grupo social produz memórias dignas de serem preservadas, pois refletem a vida e a cultura desse grupo.

Isso pode ser percebido quando os moradores do distrito de Guaragi retratam o que para eles, com base em suas vivências e experiências diárias, é o modo de vida rural – como a tranquilidade da vida, o sossego, o contato com a natureza, o trabalho com mais flexibilidade de horários- e quais são os conjuntos de elementos - religiosidade, comportamento, saberes e equipamentos de trabalho, paisagem, entre outros - que estão tão presentes em seus cotidianos, tem uma significação singular e podem ser tratados como patrimônios de sua cultura, por representarem o seu modo de viver, a sua memória e sua identidade. Esse conjunto de elementos simbólicos e preservados não apenas na memória como no cotidiano dos moradores do campo pode ser responsável pela preservação desse modo de vida:

As redefinições que se processam socialmente no mundo rural, incluindo a valorização da bagagem social e simbólica impressa nos modos de viver nesses contextos, associados ao entendimento do rural para além das práticas agrícolas podem ser considerados fatores decisivos para sustentar essa capacidade de resistência do rural às perspectivas sombrias que estavam prognosticadas. (SILVA, 2009, p. 46).

O levantamento realizado que procura identificar e valorizar a subjetividade dos sujeitos que vivem no campo, o espaço vivido por eles, suas experiências nesse espaço com novas configurações, pode denotar quais são os elementos simbólicos

mais representativos, constituídos nas vivências, e que melhor representam esses traços identitários.

Segundo Villaschi (2012) existe certo alheamento da produção da cultura, da escolha, preservação, reconhecimento e valorização dos patrimônios, e por isso são criadas as atividades de educação patrimonial: com o intuito de sensibilizar a população para não perceber o patrimônio como um elemento estranho. Essa ruptura estaria acontecendo pela falta de conhecimento da própria história, e de um distanciamento da tradição passada de geração em geração.

Todavia, um patrimônio deixa de ser autêntico quando se desvincula da experiência humana, que é sua essência, pois é produto da criação social sendo que “Os símbolos possuem significados na mente humana, na forma como são percebidos e não no modo como são preservados.” (DENCKER, 2012, p. 154). Quando se trata do patrimônio rural, é perceptível entre a população de Guaragi que o patrimônio é preservado e valorizado porque faz parte do cotidiano, da realidade diária; vai sendo adaptado conforme as necessidades naturais do processo de evolução da sociedade, mas os seus produtores fazem questão de realizar a sua manutenção. Os fatores externos chegam ao cotidiano rural, podem ser absorvidos, mas muitas tradições e hábitos são mantidos.

CAPÍTULO 2: O PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL DE GUARAGI: AS VIVÊNCIAS DOS MORADORES PERMANENTES

A vida diária dos moradores do campo se (re)constrói no contexto rural. A realidade dessa sociedade se adapta as novas relações sociais, políticas, econômicas e culturais que se estabelecem com a cidade, mas preserva os traços do modo de vida rural estruturado no passado. Criam-se os hábitos, os símbolos, os espaços e a cultura da sociedade rural; algumas coisas são modificadas, outras perpetuam-se outras se perdem. Na memória permanecem os feitos, os acontecimentos, as paisagens, as pessoas. Na paisagem rural ficam as modificações dos tempos, do passado ao presente.

No modo de vida diária dos sujeitos é possível identificar traços culturais que permitem reconhecer o patrimônio cultural de um grupo social. Através das vivências dos moradores do distrito rural de Guaragi é possível perceber o conjunto simbólico nos hábitos e nas suas representatividades. A fenomenologia é um método de pesquisa usado como forma de valorizar o que o sujeito pesquisado vivencia, possibilitando a interpretação do sentido que existe no espaço circundante, buscando-se reconhecer quais são os significados que estruturam a sua identidade, seus hábitos cotidianos; o espaço é palco das representações simbólicas, parte da cultura de um grupo social. Dessa forma, o caminho para apreender o espaço das experiências do indivíduo é o da compreensão da sua subjetividade.

Esse segundo capítulo é resultado de análises e reflexões dos dados obtidos por meio de questionários aplicados a vinte e uma famílias no espaço rural do distrito de Guaragi - sendo onze famílias de moradores permanentes e dez famílias de moradores de veraneio – em pesquisa de campo nos anos de 2012 e 2013, registros fotográficos e levantamento bibliográfico considerado pertinente para elucidar, a partir do que foi exposto pelos entrevistados, o que é o patrimônio cultural rural.

As entrevistas foram feitas a partir de questionário com 39 questões de respostas discursivas e objetivas (APÊNDICE A), realizados na residência dos entrevistados. Buscando obter respostas mais amplas, a escolha das residências foi realizada de maneira aleatória, procurando contemplar o maior número de localidades possíveis dentro do distrito de Guaragi.

No primeiro momento era intenção indagar apenas um membro de cada família. Todavia, à medida que se apresentava a proposta da pesquisa, outros membros se reuniam e toda a família participava da entrevista. Cada família conta com, em média cinco integrantes. Acredita-se que a participação de toda a família tenha enriquecido as respostas obtidas, já que nas famílias sempre havia presença de mulheres, homens, crianças, jovens e idosos, com diferentes contextos históricos, maior e menor escolaridade, maior e menor vivência no local, o que proporcionava experiências e percepções diferenciadas para responder a cada questão.

Muitas respostas eram semelhantes mesmo em diferentes famílias. Ao observar essa semelhança optou-se por utilizar o método de saturação para indicar uma quantidade suficiente de respostas que atendessem a proposta inicial. Segundo Bauer e Gaskell (2005) o método de saturação é usado em pesquisas qualitativas e ocorre a partir do momento em que as respostas dadas pelos sujeitos apresentam semelhança, indicando que são comuns ao grupo.

Conforme as respostas obtidas pelos moradores permanentes do distrito de Guaragi procurou-se entender a partir das vivências diárias, o que pode ser considerado patrimônio cultural para esses moradores do campo.

2.1 O MODO DE VIDA E A VIDA DO MODO RURAL

A partir da análise das experiências das pessoas no espaço é possível compreender os diversos períodos de tempo da formação da subjetividade, da intersubjetividade e da consciência de mundo e como explica Santos (2011, p. 74) “Este se encontra ancorado num passado e direcionado para um futuro, é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal.” Segundo esse autor, a fenomenologia parte das experiências do sujeito ao encontro das experiências comuns aos outros. Muitas dessas experiências comuns são aquelas diárias, rotineiras, que estruturam a construção da realidade, os *habitus*.

Nessa perspectiva de pesquisa, Nitsche (2012, p. 62) diz que “A fenomenologia foca a pesquisa no sujeito, embasando os estudos de percepção que passam a valorizar a relação das pessoas comuns com seu ambiente, enfatizando seus valores, sua atitude e sua visão de mundo”. Para reconhecer o

patrimônio cultural rural dos moradores do distrito a fenomenologia se apresenta como forma mais adequada de compreensão da construção da realidade dos sujeitos, valorizando sua visão e a compreensão do mundo.

A fenomenologia propõe que se analise o modo intersubjetivo com o objetivo de superar o dualismo entre a compreensão da realidade pela objetividade ou subjetividade. Procura compreender como se estabelecer uma relação entre o que é próprio de cada sujeito e o seu mundo. Se comparada a outros métodos, a fenomenologia faz a tentativa de compreender o comportamento e a experiência, a relação com o corpo e a mente e a relação do sujeito com o mundo. (SANTOS, 2011).

Com as novas configurações entre a cidade e o campo, e com a aproximação com o modo de vida urbano, as características cotidianas passaram por alterações, bem como a paisagem, as relações sociais e espaciais. Mas alguns elementos que estruturam a identidade rural são preservados no cotidiano, passados de geração em geração e mantidos, por serem considerados apreciáveis, importantes e singulares pelos moradores do campo.

Os moradores do distrito de Guaragi tem uma aproximação intensa com a cidade (FOTOGRAFIA 1). A proximidade com as cidades, a qualidade das vias de acesso, a carência que o distrito apresenta nas questões educacionais e de saúde, e a falta de atividades mais lucrativas ligadas às atividades econômicas desenvolvidas no local, criam certa dependência aos centros urbanos. Todavia, isso não caracteriza o desenraizamento da população local e perda de vínculos com as atividades rurais. A aproximação com o modo de vida urbano parece reforçar nos moradores as qualidades e vantagens do modo de vida rural. Apesar de apontarem dificuldades e necessidade de mudanças, os moradores do distrito valorizam e buscam preservar o modo de vida: a produção dos alimentos para consumo e as habilidades ligadas ao cultivo e ao trato com os animais, o beneficiamento artesanal de alimentos, alguns hábitos ligados ao cotidiano de trabalho, a religiosidade e a sensibilidade com a natureza.

FOTOGRAFIA 1 – VISTA A PARTIR DO DISTRITO DA CIDADE DE PONTA GROSSA



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Parte dos hábitos e das paisagens são modificados, mas isso se deve muito mais a necessidade de melhoria na qualidade de vida, e às exigências do modo de produção capitalista do que a simples urbanização do modo de vida rural. Muitas modernidades, antes consideradas símbolos do modo de vida urbano, são inseridas no cotidiano porque trazem mais conforto ao dia-a-dia e melhoria na produtividade e conseqüentemente na renda.

O tempo de moradia no local é um fator significativo na vida dos moradores, pois quanto mais tempo vivem num lugar mais laços estabelecem com os outros moradores e com o espaço: suas memórias abrangem o passado longínquo. Os moradores participam do processo de criação e modificação dos espaços habitados e se sentem responsáveis pela melhoria do local e pelo bem-estar daqueles por quem tem apreço:

Viver constantemente em um grupo pequeno e fechado tende a restringir o aumento da consideração pelos outros em duas direções opostas: em um extremo, uma intimidade entre os próprios indivíduos, que transcende a camaradagem e os laços familiares; e no outro extremo, uma preocupação generalizada pelo bem-estar da humanidade, do mundo todo. (TUAN, 1983, p. 74).

É comum encontrar moradores do espaço rural de Guaragi que vivem no local há muitas décadas, a gerações – os avós e os pais residiam no local. Esses moradores falam do passado e das transformações locais, apontando em lugares específicos da paisagem os acontecimentos importantes, a residência dos antigos moradores, os limites de suas terras e relatam suas memórias.

Alguns dos entrevistados não são proprietários de suas casas, trabalham como chacareiros e residem no local há muitos anos. Os entrevistados relatam que sempre moraram ou a maior parte da vida residiram no campo; alguns moravam na cidade de Ponta Grossa e migraram para o campo em busca de uma vida mais tranquila, ou para voltar a viver perto da família.

Na paisagem rural é possível perceber algumas modificações: as casas seguem estilos muito semelhantes às casas da cidade, com aparência moderna, construídas com os mesmos materiais utilizados pelas edificações urbanas (nenhum material é feito nas propriedades com matéria-prima local, todos são comprados). As casas com um estilo arquitetônico europeu, edificadas com madeira são menos comuns, mas ainda estão presentes na paisagem e são muitas as residências que possuem antenas para recepção de sinal televisivo e algumas também para recepção de sinal de telefonia celular (FOTOGRAFIA 2).

FOTOGRAFIA 2 – RESIDÊNCIA NO DISTRITO DE GUARAGI



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Também é comum a presença de maquinário agrícola (nas propriedades maiores existem equipamentos novos, com tecnologia sempre atualizada) usado nas plantações e na manutenção da propriedade (FOTOGRAFIA 3). Entretanto, ainda permanecem no distrito as casas de madeira, (sobretudo dos moradores permanentes, já que as casas de veraneio são em maioria de alvenaria), são mantidas as hortas e “arvoredos”¹ para produção de alimentos e os paióis, as construções para abrigar os animais e alguns equipamentos simples, que não dispõem de tecnologia atual, utilizados no trabalho diário.

FOTOGRAFIA 3 – TRATOR E ROÇADEIRA ACOPLADA UTILIZADOS NA MANUTENÇÃO DE PROPRIEDADE



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

As modificações no espaço rural transformam a natureza em palco das ações da sociedade, onde são criados e modificados os símbolos, objetos, funções e formas da paisagem. O campo - que muitas vezes se confunde e pode

¹ Arvoredo é o pomar ou bosque de árvores frutíferas.

ser o espaço natural - é espaço e parte da cultura do grupo que o ocupa e arquiteta. No espaço rural o ser humano desenvolve as habilidades de cultivo e com o trato dos animais; cria, modifica e adapta os saberes. (ROSAS, 2010).

Os diversos saberes - relacionados às práticas cotidianas, ao trabalho, as relações sociais, a religiosidade, a natureza - são transmitidos de geração em geração e com a aproximação e as mudanças advindas da relação intensa com a cidade novas relações se estabelecem seguidas de mudanças provenientes da influência do modo de vida urbano no cotidiano rural. Entretanto, mesmo com essas mudanças os conhecimentos e habilidades ligadas à vida diária do sujeito que vive no campo são preservadas: os conhecimentos no cultivo, na culinária, na construção de edificações, no cuidado com os animais e utilização da matéria-prima animal.

Indagados sobre os saberes utilizados na vida diária os moradores relataram (QUADRO 1) que ainda preservam em seu cotidiano atividades ligadas a preparação artesanal de alimentos para o consumo da família, como pães, bolachas e bolos, utilizando parte do que é cultivado ou produzido na propriedade para a produção de sucos, geleias e doces. Quanto aos tratos com os animais ainda são mantidas as práticas de ordenha, castração e montaria (essa última pouco usada como meio de transporte, mas como atividade de lazer). É possível perceber que os conhecimentos relacionados às atividades artesanais como o bordado, crochê e tricô já não são tão utilizadas e não há a disseminação desse saber para as gerações mais novas.

QUADRO 1 – HABILIDADES E CONHECIMENTOS DOS MORADORES

Habilidade/ Produto	Faz/ Alguém sabe fazer
Pães	MF
Bolachas	MF
Sucos	MF
Geleias	MF
Doces	MF
Conservas / compotas	MF
Marcenaria/ carpintaria	MF
Ordenha	MF
Castração	MF
Montaria	MF
Bolos	MF
Licores/ Pinga	PF
Cerveja	PF
Embutidos / defumados	PF
Banha / Torresmo	PF
Crochê	PF
Tricô	PF
Bordado	PF
Pintura	PF
Costura	PF
Trabalho em couro	PF

Fonte: Pesquisa de campo realizado pela autora. (2013).
Org.: PRETTO, F. M.

Nota: (PF) Pouca frequência; (MF) Muita frequência.

De modo geral, esses saberes são transmitidos pelos familiares: os pais, outros familiares como avós ou tias ou com as experiências de vida. Alguns dos entrevistados relataram ter aprendido ou aperfeiçoado as técnicas em cursos. Os alimentos são preparados para o consumo da família, sendo poucos os que vendem pães, doces, legumes, verduras e frutas para os moradores de veraneio. Os saberes relacionados a marcenaria e carpintaria são utilizados nas atividades diárias, são saberes práticos e importantes, pois além de ser utilizados na manutenção da propriedade, alguns homens trabalham na construção e reforma de casas e construções afins, dentro do próprio distrito para complementar a renda familiar.

Outro saber relacionado à marcenaria é a construção de cercas de arame para delimitar a propriedade ou as pastagens do gado; esse é um conhecimento passado entre as gerações, mas segundo os moradores entrevistados é difícil encontrar quem realize esse trabalho “bem feito” pois além de desempenhar a função de cercar e delimitar o terreno, também cumpre função estética, mas para isso os palanques e os fios precisam ficar alinhados e tem medidas precisas (FOTOGRAFIA 4).

FOTOGRAFIA 4 - CERCA EM UMA PROPRIEDADE DO DISTRITO



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Outros saberes como a ordenha e a castração são saberes importantes, pois é necessário ter prática e conhecimento para realizá-los. São saberes transmitidos de pais para filhos e fazem parte do dia-a-dia dos moradores. A ordenha é feita em algumas propriedades de forma manual, quando é voltada para o consumo da própria família. Nas propriedades onde a renda familiar provém da venda de leite - esses trabalham como produtores integrados a laticínios da região - é realizada com a ordenhadeira (equipamento utilizado para a sucção do leite bovino), todavia, os entrevistados ressaltam que mesmo utilizando esse equipamento o trabalho manual não é dispensado já que a higienização das úberas dos bovinos leiteiros é feita manualmente. Tanto os que utilizam a ordenha manual como a mecanizada falam da necessidade de saber “lidar” com os animais e afirmam que consideram esse saber tipicamente daqueles que vivem no campo.

É importante ressaltar que na fala dos moradores é perceptível haver uma diferenciação entre morar no campo e viver no campo. Para os entrevistados, quem mora no campo é o sujeito que tem uma propriedade no campo e mora nessa propriedade, contudo, têm atividades diárias que não são ligadas a agropecuária ou a manutenção da propriedade, pois sua renda provém de outras atividades – docência ou trabalhos no local e nas cidades próximas como prestadores de serviço. Já quem vive no campo, além de ter sua propriedade e residir no campo tem toda a renda familiar proveniente das atividades de agricultura e pecuária, seja em propriedades onde o trabalho é realizado pela família com equipamentos simples e com tecnologias ultrapassadas e a vida é mais ‘modesta’ pela renda obtida, ou nas propriedades maiores onde existe mão-de-obra externa à família e utilizam-se equipamentos de tecnologia atualizada e a renda obtida permite o consumo de um número maior de bens materiais e serviços.

Essa é a distinção de duas condições que foram citadas pelos moradores, mas também há aqueles que vivem e trabalham no campo, mas sem a posse da sua terra, como os chacareiros. Essa diferenciação pode acontecer porque aqueles que têm a renda proveniente exclusivamente das atividades agropecuárias são mais ligados aos saberes e ao modo de vida considerados por eles como tipicamente rurais, como o “trato” com os animais (saberes de

castração, ordenha, épocas corretas para a reprodução), as análises climáticas relacionadas às épocas corretas de plantio e colheita, entre outros saberes que podem não ser cientificamente comprovados, mas são empiricamente validados na vivência, transmitidos de geração em geração e apresentam resultados reais. Esses sujeitos são os mais resistentes a mudanças, tem certa “desconfiança” das novas técnicas, tecnologias e saberes científicos.

Conforme a fala dos entrevistados, para aqueles que não têm a renda proveniente das atividades agropecuárias, esses saberes não seriam tão importantes quanto para os primeiros, se perdem ou são facilmente substituídos por outros conhecimentos. Esses saberes e formas de vida característicos do que pode ser considerado tipicamente rural, podem estar (ou não) presentes na vida de todos os sujeitos que moram e vivem no/do campo, tanto daqueles que tem propriedade maiores quanto menores, aqueles com maior e menor renda, os que utilizam unicamente mão-de-obra familiar em suas propriedades ou aqueles que dispõe de tecnologias contemporâneas e força de trabalho externa a família.

A situação de manutenção/substituição de saberes tradicionais por novos conhecimentos está sendo um processo comum no campo, pois em conformidade com Hauresko (2013) quando analisa as comunidades faxinalenses, a autora expressa que a tradição é preservada nas comunidades, mas passa por mudanças continuamente com o passar do tempo para atender os novos interesses e necessidades. Para essa autora, a valorização dos saberes tradicionais é seletiva, pois é mantido o que é importante, necessário e conveniente e “Nem tudo que é antigo é válido e nem tudo que está a desaparecer poderá ser preservado nessas comunidades”. (HAURESKO, 2013, p.254/5).

A montaria ainda é utilizada no distrito, todavia, deixou de ser um meio de locomoção e é praticada como atividade de lazer. Para deslocar-se os moradores utilizam-se de motocicletas e automóveis. As bicicletas não foram citadas como meio de locomoção utilizado por eles. Durante as visitas ao distrito não é comum encontrar alguém ‘andando a cavalo’. Desde jovens, os moradores têm adquirido outros meios de locomoção, diferentes daqueles utilizados no campo num passado recente como cavalos, carroças e charretes. Esses saberes são transmitidos às pessoas mais jovens.

Entre esse a categoria etária de jovens, é comum o desejo em continuar residindo no campo, pois para eles esse é um espaço de vida mais tranquilo, onde não há tanta violência. Desde pequenos aprendem a trabalhar com os animais e na agricultura, por isso gostam desses trabalhos e tem a pretensão de permanecer no campo. Todavia, ressaltam a necessidade de ampliar as formas de obtenção e aumento de renda. Também há jovens que desejam mudar-se para a cidade, para estudar e ter um trabalho que exija menos esforço e sacrifício.

Algumas mulheres afirmaram que já não tem mais tempo para a prática de atividades relacionadas ao artesanato, outras afirmaram que gostariam de fazer, mas não sabem. O fato de não haver a prática da confecção de peças artesanais pode se dar pelo papel desempenhado pelas mulheres na complementação da renda familiar, pois destinam mais tempo ao trabalho na propriedade ou fora dela e dessa maneira tem menos tempo para se dedicar ao processo de ensino e aprendizagem da confecção de trabalhos manuais ou a sua prática frequente.

A isonomia feminina no campo é um pouco mais tardia, pelo fato de que o espaço rural conserva o tradicional (sociedade patriarcal) por mais tempo e as mudanças ocorrem mais lentamente que no espaço urbano. Todavia, as mulheres estão deixando o papel exclusivo de donas-de-casa para ajudar na renda familiar. Segundo o que foi relatado pelas moradoras, elas buscam trabalhos fora das atividades agrícolas (na cidade ou em empregos locais, nas chácaras, granjas de aves e fazendas) quanto desenvolvem outras atividades nas suas propriedades (por exemplo, o trabalho nas leiterias, onde as tarefas são em sua maioria realizadas pelas mulheres, por terem mais sensibilidade no trato com os animais).

No cotidiano os moradores do campo constroem e modificam sua identidade, amparados na vivência diária e nas experiências individuais ou em grupo. A experiência compreende os diferentes modos, ativos ou passivos, pelos quais as pessoas conhecem e constroem a realidade, pautando-se desde os sentidos do corpo humano até a percepção e interpretação de símbolos. (TUAN, 1983).

Para os moradores do distrito de Guaragi existem algumas atividades praticadas no cotidiano que se diferenciam daquelas realizadas por moradores

da cidade e que são consideradas por eles como tipicamente rurais. As atividades ligadas ao cultivo de plantas, a manutenção da propriedade e o cuidado com os animais são as mais apontadas pelos moradores como peculiares do modo de vida rural. O trabalho braçal e atividades que exigem muito esforço físico também aparecem como característicos dos moradores do campo. Todavia, a troca de referências culturais e a proximidade cada vez maior entre esses dois espaços, torna possível a prática de atividades urbanas no campo e vice-versa, como apontou um entrevistado se referindo ao atual contexto:

“Não existe mais atividade tipicamente rural; dá para fazer todas as atividades do sítio na cidade e vice-versa, tem animais pequenos que dá para criar no quintal. A agricultura está também no perímetro urbano”.
(informação verbal)².

Essa aproximação desses espaços, citada pelos entrevistados, e a prática de alguns tipos de atividades urbanas no campo e rurais na cidade, não caracterizam, contudo, que todas as atividades sejam semelhantes, e que as práticas sejam reproduzidas fielmente. Como citado pelo entrevistado, no perímetro urbano é comum existir pequenas chácaras onde se desenvolvem atividades agropecuárias de pequena produção, voltadas a venda em comércios locais. Essas propriedades podem modificar o espaço periférico das cidades mas não reportam integralmente a paisagem do campo.

Uma das maiores dificuldades dos moradores do campo, sobretudo dos pequenos produtores que ainda dependem da mão-de-obra familiar, é a pouca rentabilidade econômica da atividade agropecuária. Muito se discute sobre a agricultura de base familiar e a sua manutenção (ou não) perante as exigências e a pressão do sistema capitalista. Para muitos autores como Fernandes (2008) a agricultura camponesa não é viável por si só, para esse autor o sistema capitalista não dará oportunidade de progresso aos pequenos produtores. As políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do campo não conseguem atender as necessidades distintas de cada espaço rural e dos diferentes segmentos sociais do campo. Isso se reflete em conflitos entre os atores sociais

² Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

do espaço rural e abrange a forma de apropriação do espaço, modificando e recriando os contextos agrários atuais.

Para Wilkinson (2000), a capacidade de adaptação da agricultura de base familiar às mudanças impostas pelo sistema é muito maleável. Segundo ele, as atividades agropecuárias baseadas na organização familiar são meios de produção viáveis, desde que receba investimentos governamentais e a população do campo receba capacitação para se adequar as novas exigências do mercado. Para ele, uma maneira dos pequenos produtores obterem maior renda e qualidade de vida é pela diversificação da produção dentro da propriedade, intercalando a produção agropecuária com o beneficiamento de parte da produção, por meio da agroindústria. A pluriatividade ainda incluiria a renda obtida por atividades que não estão ligadas à produção agropecuária, praticadas por moradores do campo que trabalham na cidade durante o dia e voltam para suas casas no campo à noite.

Em algumas das famílias entrevistadas, as mulheres trabalham na cidade. Os homens utilizam os conhecimentos em marcenaria e carpintaria para trabalhar fora da propriedade, dentro do distrito ou nas cidades vizinhas, na época de entressafra. Outros moradores são responsáveis pela guarda das casas dos moradores de veraneio, recebendo algum dinheiro por pequenos reparos e serviços prestados. Mas em todas as famílias de moradores entrevistadas, a maior parte da família ainda se dedica às atividades na propriedade de onde provem a maior parte da renda, sendo essas atividades desenvolvidas complementarmente e praticadas quando não há mais outras tarefas na propriedade.

Para a produção de grãos para a venda (milho, soja, feijão, trigo) são utilizados maquinários como trator e colheitadeira e pouco se usa a tração animal ou trabalhos manuais na agricultura. As famílias de moradores entrevistadas, como a maioria dos moradores do distrito têm propriedades de tamanhos variados entre três a dez alqueires. Nessas propriedades são utilizados maquinários e defensivos químicos no cultivo e tratamento das lavouras. (FOTOGRAFIA 5.a e 5.b).

FOTOGRAFIA 5.a - PLANTAÇÃO DE SOJA NO DISTRITO



Fonte: Trabalho de campo (2013)

Autora: PRETTO, F. M.

FOTOGRAFIA 5.b PLANTAÇÃO DE MILHO NO DISTRITO



Fonte: Trabalho de campo (2013)

Autora: PRETTO, F. M.

Para os produtores integrados de aves ou produtores de leite, as técnicas são recomendadas por técnicos e especialistas. Todavia, no cuidado com o rebanho as habilidades e conhecimentos adquiridos na prática ainda são utilizados, como no tratamento de doenças no rebanho bovino, onde são associados os cuidados recomendados por técnicos e os conhecimentos adquiridos dos mais velhos.

A maior parte da renda ainda provem das atividades na agricultura ou pecuária, das pensões recebidas pelos idosos e do trabalho assalariado como chacareiros em fazendas ou o salário como trabalhadores na cidade. Algumas famílias trabalham na produção, pelo sistema integrado de leite e aves – produtores integrados são aqueles agregados ao mercado pelo modelo produtivo onde por meio de um contrato, destinam com certa periodicidade, toda a produção, com quantidade e qualidade pré-estabelecidas, a determinada empresa.

Apesar dos moradores relatarem dificuldades e pouca rentabilidade econômica nas suas atividades, a maioria das pessoas entrevistadas gosta do trabalho no campo, porque segundo elas, faz parte das suas histórias, da sua formação como pessoas. Apesar das atividades cotidianas exigirem maior esforço físico sem o retorno financeiro almejado, permite ter maior contato com a natureza e liberdade de horários, e para aqueles que optam pelo modo de vida rural são atividades prazerosas:

“Trabalho até aos domingos por gostar demais das atividades.”
(informação verbal)³

“Feliz com a pecuária e a agricultura, porque as duas se complementam. Mas deveriam ser mais lucrativas porque exigem muito trabalho.” (informação verbal)⁴

O distrito rural de Guaragi conta com infraestrutura básica, para atender a população da vila (considerada urbana pelo Instituto Brasileiro de Geografia e

³ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

⁴ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

Estatística) e o espaço rural do distrito. Conta com uma unidade de saúde básica, duas escolas de ensino infantil, fundamental e médio – onde estudam os alunos da área rural e da vila - quadra de esportes coberta, pequenos comércios de alimentos e roupas, bares, posto de gasolina, unidade da Agência dos Correios, uma biblioteca, um cartório desativado, uma subprefeitura desativada, um posto policial também desativado, e aproximadamente nove templos religiosos.

Alguns tipos de atendimento básicos à saúde são prestados na vila do distrito, como o atendimento médico e a distribuição gratuita de alguns medicamentos, no entanto, a população reclama da falta de mais médicos e dentistas e da falta de farmácia, onde poderiam ser pagas algumas contas, já que não existe outro estabelecimento que preste esse tipo de atendimento.

Embora utilizem atendimento médico e tratamento com fármacos, os entrevistados tratam pequenas moléstias com seus conhecimentos, utilizando chás, compressas e métodos curativos espirituais como as “costuras” e benzimentos. Esses tratamentos são ainda utilizados paralelamente aos tratamentos convencionais para doenças como diabetes, pressão alta, colesterol, entre outras. Plantas utilizadas no tratamento são produzidas nas hortas e pomares ou coletadas nas matas da região. As pessoas mais velhas detêm esse conhecimento que é repassado aos mais jovens, mas que também é desenvolvido com a própria experiência dos sujeitos. A tarefa de preparar os chás é geralmente das mulheres e das pessoas mais velhas.

A sabedoria referente às curas espirituais é comumente muito restrita e só repassada à família; esses conhecimentos estão pouco a pouco sendo esquecidos e até mesmo desacreditados. Conforme os entrevistados é muito difícil encontrar alguém que realize e/ou pratique essas curas com eficiência.

Sobre o comércio local, segundo os moradores, os preços praticados são elevados e não há variedade de produtos - são realizados no comércio local apenas compras esporádicas. Por esses motivos, os moradores do espaço rural utilizam a cidade de Ponta Grossa para a compra de mantimentos (feita nos supermercados), roupas, eletrodomésticos e serviços médicos (sobretudo especialidades), serviços odontológicos e serviços bancários. A frequência com que as pessoas vão para a cidade é variada: alguns entrevistados vão todos os

dias, por causa do trabalho ou estudo; outros entrevistados frequentam a cidade duas vezes por mês em média.

A culinária pode ser considerada um símbolo do modo de vida rural, englobando os ingredientes e o modo de preparo. É comum a utilização de produtos produzidos na propriedade, nas hortas e pomares, onde os moradores evitam utilizar agrotóxicos, pois “plantam para ter uma boa comida sem veneno”. Nos arvoredos e hortas a adubação é feita com adubo orgânico (geralmente esterco animal) e as pragas são tratadas com receitas caseiras como a pulverização de chás (um exemplo é o chá de folhas de fumo ou ‘tabaco-em-corda’, imerso por alguns dias na água e utilizado para tratar pulgões e ferrugem nas folhas das árvores frutíferas). Outro conhecimento repassado nas famílias, dos mais velhos para os jovens, são as épocas e maneiras corretas para a poda das árvores - para que haja abundância de frutos (segundo os entrevistados cada espécie arbórea tem uma estação e fase da lua correta para ser podada, mas o mais comum é a poda no dia de São João Batista, no mês de junho, o que corresponde ao inverno no hemisfério sul).

As receitas preparadas são familiares ou ao menos com dicas e conhecimentos transmitidos pelas gerações - como os pães onde a massa é preparada, sovada a mão, obrigatoriamente deve ter um tempo de descanso para que o fermento possa agir no crescimento da massa e o pão ficar macio, então é novamente sovado até a formação de bolhas na massa, modelado e só então assado. Conforme Claval (2007, p. 273) “O conjunto de receitas que constituem uma cozinha reflete, pois, as técnicas utilizáveis. [...] A arte de preparar pratos traduz mais do que condicionantes técnicas. Ela deixa transparecer também as preferências coletivas.” Esse conjunto de peculiaridades na culinária rural é parte da cultura do morador do campo.

Os alimentos são preferencialmente cozidos no fogão à lenha – o fogão usado para preparo dos alimentos cozidos no dia-a-dia – ou o fogão à gás ou ainda o forno externo (FOTOGRAFIA 6), utilizado para assar pães, bolos e bolachas. Segundo os entrevistados o cozimento lento preserva o sabor dos alimentos e por isso a comida é mais saborosa. Para o funcionamento do fogão à lenha, é necessária a madeira – segundo os moradores cada espécie arbórea resulta em um ‘tipo’ de fogo, mais forte ou fraco, por exemplo as madeiras de guabiroba, bracinga, monjoleiro, cambuí, guamirim, angico e guaçatunga

fornece fogo forte e demoram a ser consumidas pelo fogo, diferente das madeiras de caneleira e imbuia⁵ que são rapidamente consumidas e originam fogo fraco- saber esse perpetuado entre as gerações. Todavia, percebeu-se durante a pesquisa de campo, que esse é um saber que está sendo esquecido. Um dos motivos pode ser a restrição ao corte de determinadas espécies arbóreas para preservação, como a madeira da araucária ou imbuia, ou pela substituição gradativa do uso do fogão à lenha pelo fogão à gás ou fornos elétricos.

FOTOGRAFIA 6 – FORNO EXTERNO EM RESIDÊNCIA DE MORADOR



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Segundo os entrevistados, a comida preparada para o consumo da família constitui-se de alimentos comprados, mas muitos alimentos consumidos no dia-a-dia são produzidos por eles na propriedade, garantindo a alimentação

⁵ Espécies arbóreas existentes na região de Guaragi.

com menos agrotóxicos, já que são produzidos de maneira orgânica. Quanto às técnicas utilizadas os moradores usam o fogão à gás, por ser mais prático e rápido para a preparação dos alimentos no cotidiano, mas não renunciam a presença do fogão à lenha, utilizado especialmente no inverno para aquecer a casa e para o tradicional “sapeco de pinhões”.⁶

Muitos alimentos para o consumo familiar são, segundo os entrevistados, produzidos e/ou beneficiados na propriedade (QUADRO 2). A alimentação inclui produtos cultivados e produzidos pela família e alimentos industrializados. Contudo, muitos entrevistados dizem com ênfase que preferem produzir e consumir alimentos da propriedade porque sabem como são produzidos e procuram não utilizar defensivos químicos na sua produção.

QUADRO 2 – ALIMENTOS E BEBIDAS CONSUMIDOS.

Alimentos consumidos	Frequência das respostas	Bebidas consumidas	Frequência das respostas
Feijão	MF	Café	MF
Arroz	MF	Sucos Naturais	MF
Pão	MF	Leite	MF
Café	MF	Chás medicinais	MF
Verduras	MF	Chás industriais	MF
Carnes	MF	Chimarrão	MF
Leite	MF	Refrigerantes	MF
Chá	MF	Chás caseiros	MF
Suco natural	MF	Vinho	PF
Macarrão	PF	Cervejas	PF
Batata	PF	Água	PF
Bolo	PF		
Saladas	PF		
Embutidos	PF		
Produzidos na propriedade	PF		

Fonte: Pesquisa de campo realizado pela autora. (2013).

Org.: PRETTO, F. M.

Nota: (PF) com pouca frequência; (MF) com muita frequência.

⁶ O cozimento dos pinhões, sementes de araucária, sobre a chapa do fogão à lenha.

Outros alimentos citados com menos frequência foram: mandioca, batata-doce, ovos, sopa, margarina, refrigerantes, frutas e salgados. Desses alimentos os que não são produzidos na propriedade são os que necessitam de algum beneficiamento como os chás, o café, o refrigerante, o macarrão (que também é feito em casa, mas segundo algumas entrevistadas tem sido utilizado mais nas datas festivas ou como um prato especial, “comida de domingo”, porque demanda tempo de preparo e confecção, o arroz (segundo os moradores, no passado, o arroz para consumo familiar era produzido na propriedade, mas atualmente o custo de produção e beneficiamento torna-se mais caro que a compra e é muito difícil encontrar os moinhos para retirar a casca do grão) e alguns embutidos. As carnes e leite consumidos pelas famílias são sobretudo dos animais criados nas propriedades.

Dentre as bebidas consumidas foi citado o chimarrão. A bebida é geralmente servida nos momentos de lazer e convívio da família. Nessas ocasiões ocorrem às conversas entre os pais e filhos, é o momento de discussão e planejamento do futuro, sobre a propriedade e sobre a comunidade. O chimarrão é comumente bebido antes das refeições. Os moradores do distrito tem o hábito de fazer suas refeições em horários específicos. O café-da-manhã é servido geralmente bem cedo, entre as seis e as sete horas da manhã, porque logo após essa refeição as pessoas já se dirigem para as suas atividades, aproveitando o horário em que ‘o sol ainda não está quente’.

Para os produtores integrados de leite, as atividades precisam iniciar logo pela manhã porque há um horário específico para a coleta do leite pelo caminhão da indústria. Isso mostra que esse vínculo contratual modifica o tempo de vida e as atividades do trabalhador, porque, sobretudo no trabalho com o rebanho leiteiro há certa obrigatoriedade e rigidez nos horários para o ordenha, que acontece em regra pela manhã e no final da tarde. Dessa maneira, o trabalhador não vivencia o tempo natural do campo, mas sim um tempo imposto. Para essa classe, o tempo lento do campo modificou-se em função do sistema produtivo.

O almoço costuma ser servido entre onze e doze horas, porque em muitas famílias as crianças estudam a tarde e o ônibus passa pelas comunidades em horários determinados. Quase todas as famílias entrevistadas

tem o hábito de fazer um lanche às quinze horas, 'hora em que o sol está mais quente', aproveitando para descansar e refrescar-se.

As atividades geralmente são encerradas com o pôr-do-sol. O jantar é servido à noite entre as dezoito e dezenove horas, porque as famílias têm o hábito de dormir cedo. De maneira geral, as famílias buscam fazer as refeições juntos. Todavia, devido às atividades, algumas não têm essa possibilidade, porque alguns membros trabalham na cidade ou em fazendas da região.

Os horários das refeições estão de certa forma, ligados aos horários de trabalho nas atividades agropecuárias. Os horários de trabalho, por sua vez são associados aos horários do sol (temperatura e luminosidade: 'quando está mais fresco', 'quando o sol está alto', 'quando o sol se põe'. Dessa maneira é possível perceber que os moradores ainda têm uma estreita ligação com a natureza e seus ciclos nas suas atividades diárias.

Outro fato que assinala para isso é que em conversa com os moradores alguém sempre fala que 'é tempo de plantar alface', 'é tempo de colher cebola', 'nessa fase da lua é bom por ovos para chocar'. As produções - tanto animais quanto os cultivares - são plantados, podados e colhidos em relação ao tempo da natureza. Essas observações podem não ser cientificamente comprovadas, mas são empiricamente ratificadas no cotidiano dos moradores rurais. Esses conhecimentos são acumulados por gerações, sendo passados de pais para filhos; cada geração aperfeiçoa esses conhecimentos agregando as suas próprias experiências e conhecimentos à esse conjunto de saberes.

Para os moradores do campo é muito importante saber reconhecer os indícios da natureza, das mudanças climáticas, as previsões sobre o clima futuro, porque há dependência estreita entre suas atividades e a renda da família e condições climáticas. Detalhes simples e pequenos como a atividades das formigas, pássaros ou das galinhas - segundo os moradores do distrito quando as formigas e pássaros estão mais agitados e quando as galinhas retiram certo tipo de óleo das glândulas uropigianas e, com o bico depositam esse óleo nas penas, é indício de chuva - são observadas com atenção e já trazem cautela em relação ao clima; a direção dos ventos indica se a chuva será calma ou ocorrerá uma tempestade. Essa sabedoria ainda é transmitida de pai para filho. No entanto se percebe falta de interesse dos mais jovens nesses conhecimentos,

pois preferem acompanhar a previsão do tempo realizada pelos institutos de meteorologia baseados em dados e análises técnicas.

As épocas de plantio e colheita semelhante a outros conhecimentos também são passados de geração em geração, testados empiricamente no cotidiano dos moradores. Para cada cultivo, seja da horta, pomar ou lavoura, há uma época do ano propícia para plantio e colheita, bem como a fase da lua adequada.

O conhecimento pode ser dividido em quatro tipos: conhecimento religioso ou teológico, conhecimento filosófico, conhecimento científico e conhecimento popular. O que diferencia um do outro é o método de compreensão usado para entender os fenômenos analisados. O conhecimento popular é aquele desenvolvido na vivência diária das pessoas e conhecido também como senso comum, aquele que se estrutura ao longo da história podendo mudar de significados. Pode ser descrito como valorativo, por estar baseado nos sentimentos e emoções, reflexivo mesmo que de forma limitada pela familiaridade com o objeto, assistemático porque sua organização é feita pelas experiências do sujeito, verificável já que está ligado as práticas e comprovado nos fenômenos e ações, falível e inexato. O conhecimento popular é também conhecido pelo “bom-senso”, apesar de ter racionalidade limitada e ser demasiado subjetivo. (LAKATOS E MARCONI, 2003).

Apesar dos avanços científicos e do desenvolvimento tecnológico referente à agricultura e pecuária, os conhecimentos populares, desenvolvidos ao longo de gerações, por observação e comprovação prática, são importantes para quem vive no campo. Esse conjunto de conhecimentos que relacionam tempo natural, fases da lua e a produção são peculiaridades de quem vive no espaço rural e depende dos eventos climáticos para ter êxito nas atividades.

Com o processo de globalização e o avanço das tecnologias de telecomunicação, as notícias, as novidades, as informações são transmitidas em tempo real. Os moradores do campo tem acesso a vários meios de comunicação, porém no distrito uma das dificuldades relatadas é a falta de sinal do serviço de telefonia móvel. O meio de comunicação mais utilizado pelos entrevistados é o rádio. Em algumas famílias os mais velhos disseram não ter o costume de assistir televisão, mas escutam rádio pela manhã para saber sobre as notícias locais. As famílias geralmente assistem televisão no horário das

refeições, alguns adultos disseram que assistem quando tem tempo e que apenas as crianças costumam assistir o dia inteiro.

Para realizar os afazeres da casa não há um horário específico. Essas tarefas ainda são realizadas pelas mulheres. Quando não estão realizando atividades na propriedade utilizam o tempo para cuidar da casa e da horta. Apenas as mulheres que trabalham na cidade realizam essas tarefas em horários específicos como a noite ou pela manhã. Contudo, segundo os entrevistados isso tem mudado entre as novas gerações, pois segundo eles, já não existe diferenças nas atribuições de trabalho entre meninos e meninas.

O meio de transporte mais utilizado pelos entrevistados para se deslocar fora das suas propriedades são os automóveis e ônibus. O deslocamento para os centros urbanos próximos é realizado com o transporte coletivo, pois o distrito de Guaragi é atendido por uma linha intra-urbana que parte da cidade de Ponta Grossa e também por linhas de ônibus intermunicipais, entretanto, há poucos horários que atendem o distrito, e as linhas de ônibus intermunicipais e intra-urbano seguem quase os mesmos horários e transitam apenas na rodovia; para os moradores da área rural do distrito é necessário se dirigir até a rodovia para tomar o ônibus.

Dentro da propriedade e para os destinos próximos as pessoas se deslocam a pé, de automóvel, motocicleta ou trator. O transporte a cavalo é visto como uma atividade de lazer e não mais como meio de transporte, e segundo os entrevistados em algumas festividades religiosas ocorrem as cavalgadas e também quando amigos se reúnem para praticar a montaria como atividade de lazer (FOTOGRAFIA 7). Carroças, charretes ou bicicletas já não são mais utilizadas no local, ou não foram citadas pelos entrevistados.

FOTOGRAFIA 7 - PARTICIPAÇÃO DOS MORADORES EM CAVALGADA FESTIVA



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

As formas de expressão artística mais apreciadas pelos entrevistados são diversificadas (QUADRO 3). Os contos e histórias ainda estão presentes no cotidiano e são contados pelos mais idosos nas reuniões em família e nos momentos de lazer. Muitos contos são ligados a superstições que perduram não apenas na memória das pessoas idosas que se encarregam de disseminar essas lendas como também dos mais jovens. Nas histórias locais, as ‘visagens’ como a mula-sem-cabeça – retratada como uma bola de fogo que corre pelas noite, em especial na quaresma, os quarenta dias que antecedem a Páscoa católica – são protagonistas de aventuras e contos de coragem. Muitos moradores mais antigos relataram já ter enfrentado a assombração. Outra lenda local fala de uma assombração, o fantasma de uma senhora idosa, nas ruínas de uma antiga igreja localizada numa fazenda na região de Roxo Roiz. O encontro com animais

selvagens como leões e onças também é comum no imaginário local, mesmo que essas espécies não sejam comuns na região.

QUADRO 3 – FORMAS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA.

Formas de expressão artística	Frequência das respostas
Fotografia	MF
Contos/ histórias	MF
Música sertaneja	MF
Piadas	MF
Música antiga	MF
Dançar	PF
Música popular	PF
Música gospel	PF
Música moderna	PF
Pintura	PF
Cantar	PF
Música gaúcha	PF

Fonte: Pesquisa de campo realizado pela autora. (2013).

Org.: PRETTO, F. M.

Nota: (PF) Pouca frequência; (MF) Muita frequência.

Muitas superstições como a presença repentina de aves selvagens como corujas e “tesouras”⁷ na propriedade, são relacionadas com maus presságios, prenuncio de problemas e até morte envolvem e são correlacionadas à histórias e passagens ocorridas nas famílias. Muitas superstições também são integradas ao cotidiano. Os moradores dizem não varrer a casa após a saída de um dos membros da família, para evitar que esse adoença ou tenha azar. Também não deixam os chinelos virados com o solado para cima, pois “pode trazer a morte da mãe”. As jovens não varrem os pés com vassoura porque esse gesto pode causar má sorte para os relacionamentos amorosos. Algumas famílias tem

⁷ Espécie de pássaro, comum na região, que tem a cauda formada por duas penas longas em forma de tesoura.

ferraduras nas paredes próximas a porta de entrada para “puxar sorte”. Algumas superstições e lendas são integradas ao cotidiano dos sujeitos e se tornam *habitus*, representando normativas para a vida diária.

Os entrevistados gostam de fotografias, sobretudo daqueles que registram a história da família, as modificações ou não da propriedade. A música sertaneja é a mais apreciada entre os entrevistados, mas os mais velhos ressaltam que não gostam das músicas sertanejas modernas, mas sim das músicas antigas de raiz. Os mais jovens preferem as ‘músicas modernas’ apesar de manterem o gosto pela música de raiz. Outro estilo musical apreciado pelos moradores é a música gospel. Os moradores também citam as piadas, mas ressaltam que gostam apenas das piadas sem conteúdo licencioso.

No distrito são realizadas muitas festas religiosas em homenagem aos santos padroeiros de cada localidade como as fogueiras em homenagem a São João, São Pedro e São Paulo, as festas dominicais no dia comemorativo de cada santo e os bailes (FOTOGRAFIA 8).

FOTOGRAFIA 8 - CELEBRAÇÃO RELIGIOSA QUE ANTECEDE AS FESTIVIDADES EM HOMENAGEM AOS SANTOS PADROEIROS



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Algumas das festas mais tradicionais no distrito de Guaragi são realizadas na comunidade de Roxo Roiz como a fogueira de São João e São Pedro, no mês de junho, a festa em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, no mês de outubro, e a festa em homenagem a São Sebastião, no mês de janeiro; essas festividades reúnem pessoas não apenas do distrito e da cidade de Ponta Grossa como também de municípios vizinhos.

Para essas celebrações é tradicional a montagem de andores que carregam a imagem dos santos padroeiros durante a procissão. Durante as festividades em homenagem aos santos padroeiros é comum a realização de uma procissão que percorre um curto trajeto ao redor da igreja, enquanto são entoados hinos e orações (FOTOGRAFIAS 9.a, 9.b e 9.c). A devoção pelos santos é grande e expressa nas orações fervorosas e nas preces feitas em frente aos ícones de fé.

FOTOGRAFIA 9.a – PROCISSÃO DURANTE AS FESTIVIDADES



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

FOTOGRAFIA 9.b – ANDORES



Fonte: Trabalho de campo (2013)

Autora: PRETTO, F. M.

FOTOGRAFIA 9.c – DEVOTA FAZENDO SUAS PRECES



Fonte: Trabalho de campo (2013)

Autora: PRETTO, F. M.

A festividade mais tradicional do distrito de Guaragi é a Festa do Colono, realizada geralmente no mês de novembro, com moradores locais, de todo o município de Ponta Grossa e de municípios vizinhos. O intuito inicial dessa festa, segundo os moradores era comemorar a produção e dar uma oportunidade para que os residentes rurais pudessem vender os produtos produzidos e/ou beneficiados nas suas propriedades. Todavia, com o passar dos anos, mudanças de gestão do Poder Público municipal e problemas políticos internos de Guaragi, a festa perdeu sua representatividade inicial por falta de incentivo governamental e falta de organização política do distrito, ficando inclusive por anos sem ser realizada.

No ano de 2013, ocorreu a vigésima quarta edição da festa. Entretanto, o que se percebe é que o intuito inicial foi descaracterizado. A venda de produtos locais foi substituída por venda de produtos como balões, bolas plásticas, bijuterias, artesanatos e exposição de maquinários agrícolas por vendedores da cidade de Ponta Grossa (FOTOGRAFIAS 10.a e 10.b).

FOTOGRAFIA 10.a – VENDA DE PRODUTOS NA FESTA DO COLONO.



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

FOTOGRAFIA 10.b – TENDAS PARA VENDA DE PRODUTOS NA FESTA DO COLONO



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

As atrações artísticas não tem muita relação com a preferência local - música sertaneja de raiz, como levantado nessa pesquisa e também por PRETTO (2011) – apesar da participação de grupos musicais especializados em música de viola e violão (FOTOGRAFIA 11) e a presença de grupos de dança gaúcha (FOTOGRAFIA 12). No ano de 2013, a festa recebeu a presença das candidatas à rainha da München Fest⁸. Na Festa do Colono também se realiza a escolha da rainha da festividade – uma jovem que deve obrigatoriamente morar no distrito de Guaragi e atender quesitos de beleza, simpatia e conhecimentos sobre o distrito e a festa.

⁸ Tradicional festa realizada na cidade de Ponta Grossa.

FOTOGRAFIA 11 – GRUPO DE MUSICISTAS DE VIOLA E VIOLÃO EM APRESENTAÇÃO NA FESTA DO COLONO



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

FOTOGRAFIA 12 – GRUPO DE DANÇA TRADICIONAL GAÚCHA



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Desde pequenos os moradores aprendem a dançar, sobretudo os ritmos de músicas gaúchas (também muito apreciada pelos entrevistados) e as músicas sertanejas (FOTOGRAFIA 13).

FOTOGRAFIA 13 - DANÇA DURANTE A FESTA EM HOMENAGEM A NOSSA SENHORA APARECIDA



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Algumas moradoras tem habilidade com pintura, feita principalmente nos panos de cozinha. Outros ainda citaram o gosto pelo canto. As habilidades com desenhos manuais também aparecem como formas de expressão artística. Para muitos entrevistados umas das formas de contato com a arte é a televisão, por meio da qual assistem filmes, novelas, apresentações de cantores e outras atividades culturais. Também é pelo meio televisivo que se aproximam e conhecem novos produtos e até mesmo novas técnicas utilizadas na propriedade. Por isso consideram a televisão como um modo de expressão ou produção artística.

Quando indagados sobre a sua religiosidade o número dos que se dizem católicos praticantes é predominante. Os entrevistados não participam de grupos de estudos, mas afirmam de maneira enfática ter o costume de ler a Bíblia em casa, com a família e participam de celebrações religiosas nas suas comunidades. Quando não podem ir às missas, cultos ou novenas procuram assistir celebrações religiosas pela televisão.

Quando estão doentes, os métodos curativos mais utilizados pelos moradores são os 'remédios industrializados' e os chás medicinais. Alguns entrevistados citaram os chás de camomila, cidreira, hortelã, erva-cidreira, melissa, boldo, cânfora, abacate, unha-de-gato como alguns dos mais utilizados. De maneira geral quem transmite os conhecimentos sobre quais tipos de chá preparar para cada moléstia são as mães e avós, algum familiar próximo, ou pessoa mais idosa. Esse conhecimento também é adquirido na convivência com outras pessoas, na prática, ou é considerado tradição.

Os métodos curativos espirituais também são utilizados, mas segundo os entrevistados não existem mais muitas pessoas que pratiquem esse tipo de 'cura'. Muitas pessoas disseram não acreditar nesse tipo de tratamento, o que pode ser atribuído a religiosidade local, voltada a valores tradicionais católicos. Entretanto alguns entrevistados disseram ainda procurar métodos de curandeirismo como as 'costureiras de rendiduras', curadores e benzimentos para tratar suas enfermidades. Alguns entrevistados disseram acreditar na cura espiritual e que ela ainda é usada para crianças.

A economia do distrito rural de Guaragi é basicamente voltada às atividades pecuárias e agrícolas. A pouca representatividade na economia do município é um dos fatores que torna o distrito pouco visível para o governo

municipal. Outro fator preponderante é a falta de representatividade e/ou organização política dos moradores, o que dificulta ainda mais a expressão local frente ao Poder Público. A maioria dos entrevistados não participa de nenhuma entidade de representação política distrital ou comunitária. As participações citadas são em cooperativas de crédito e sindicatos, entidades que não estão relacionadas às melhorias na estrutura do distrito como, por exemplo, as estradas rurais (em sua maioria no leito natural), que carecem de manutenção, para o escoamento da produção e deslocamento dos moradores.

A participação social das famílias se concentra na vivência em seus grupos religiosos e familiares. Os entrevistados costumam participar de festas locais como aniversários e casamentos e as tradicionais festividades realizadas nas igrejas em homenagem aos santos padroeiros (onde se incluem as fogueiras e festas juninas). Os entrevistados relataram que preferem participar desse tipo de festividade porque consideram ser mais seguro para os familiares, pois são ambientes privados ou com policiamento.

As reuniões familiares em dias específicos - dia das mães, finais de ano ou finais de semana - ou celebrações religiosas são espaços de sociabilidade onde as pessoas se encontram para conversar. Segundo os entrevistados os assuntos são referentes ao dia-a-dia, sobre religião, sobre o trabalho no campo, sobre os animais e também conversas descontraídas.

A visita aos parentes e vizinhos não é mais uma prática corriqueira entre os moradores. Muitos entrevistados disseram não fazer visitas, mas sempre recebem visitantes de fora do local – comumente os parentes da cidade. Os que costumam fazer visitas não têm dia e horários específicos, costumam realizá-las nos finais de semana e feriados.

Em Guaragi, além das festividades religiosas e familiares não existem muitas opções de lazer. Como o distrito é servido por dois grandes rios, o rio Guaraúna e o rio Tibagi, uma prática comum é a pescaria.⁹ A atividade de caça praticamente já não é mais realizada, pois segundo os entrevistados é proibida por lei. Algumas pessoas se reúnem para jogar futebol. Segundo os moradores, para o lazer familiar são realizados churrascos, festas e bailes e as pessoas de maior poder aquisitivo usam as piscinas de suas casas.

⁹ Da junção do nome dos rios Guaraúna e Tibagi originou-se o nome do distrito de Guaragi.

Segundo os entrevistados, para as crianças também não existem muitas opções de lazer como parques e praças e por isso costumam brincar em casa, com brinquedos comprados ou feitos por eles. Os brinquedos mais usados são a bicicleta e balanços de cordas nas árvores; também as bolas, bonecas, cordas e carrinhos. As crianças ainda brincam de pega-pega e correm atrás dos animais. Os brinquedos fabricados por eles são feitos com materiais acessíveis e disponíveis como as árvores do quintal, cordas utilizadas também para trabalhar, e materiais recicláveis como potes, garrafas PET e latas. Segundo os entrevistados de meia idade (entre quarenta e sessenta anos), esses materiais são diferentes dos usados nas suas épocas, pois no passado os materiais eram ainda mais rústicos, como o sabugo da espiga de milho e barro.

Nenhuma das famílias entrevistadas citou *vídeo-game*, computador ou outros jogos eletrônicos, o que remete a pensar que as crianças que vivem no espaço rural de Guaragi ainda não tenham contato tão intenso com esse tipo de tecnologia, ou que apesar de ter contato preferem os jogos e brinquedos tradicionais. Isso não se deve a fatores financeiros, já que muitos têm computador, mas sim a uma limitação ainda existente nas redes de transmissão de sinal, pois nenhum dos entrevistados tem acesso a *internet*.

Outro fator limitante é a falta de conhecimento sobre os equipamentos modernos como *tablets* e computadores, pois como os pais não tiveram acesso a esses bens, muitas vezes não tem conhecimento sobre seu funcionamento e por isso não podem ensinar os filhos, que para aprender teriam de se deslocar até a cidade de Ponta Grossa. Destarte, as crianças ainda utilizam brinquedos e brincadeiras usados e ensinados pelos pais e avós, com poucas inserções tecnológicas.

As crianças e adolescentes do espaço rural do distrito frequentam as escolas da vila e o transporte é feito por ônibus da prefeitura municipal. A maioria dos entrevistados relatou perceber mudanças no comportamento dos filhos depois de frequentar a escola, e comparam entre os seus comportamentos quando crianças e como se comportam os adolescente e crianças da atualidade:

“Hoje em dia mudou muito, eles pensam diferente”. (informação verbal)¹⁰

As respostas dadas são divergentes, pois muitos pais percebem mudanças benéficas nos filhos, mas muitos relataram que as crianças e adolescentes ficam mais mal-educados e aprendem coisas ruins nas escolas:

“O grande ensinamento vem de casa, a escola muda para pior”.
(informação verbal)¹¹

Na opinião das famílias entrevistadas o ensino dado aos jovens moradores do campo deveria ser mais voltado para o dia-a-dia do campo, para questões relacionadas à agricultura. Acreditam que os jovens devem se esforçar e que o sistema educacional precisa melhorar, e segundo um dos entrevistados o ensino das escolas urbanas também deveria mostrar a realidade do campo para que os moradores da cidade valorizassem mais o trabalho do agricultor:

“A escola deveria se modernizar; quem mora na cidade tem que saber como é o dia-a-dia do agricultor para valorizar o produto e o serviço.”
(informação verbal)¹²

A intensidade na troca de informações propiciada pela globalização facilita a aproximação do modo de vida urbano nos espaços rurais. Torna-se difícil estabelecer limites precisos, tanto territoriais quanto culturais, entre esses espaços, pois com o passar do tempo mais símbolos urbanos são encontrados no campo. Para Claval (2007, p.174) “A imprensa nacional, o rádio e a televisão acentuam esta homogeneização e tornam mais sensíveis as descontinuidades nas fronteiras.” Essa aproximação se reflete na forma de comportamento das pessoas, sobretudo das mais jovens, pois tem maior contato com o desenvolvimento tecnológico e utilizam mais os meios de comunicação de massa. As pessoas mais jovens também tem maior tendência a absorverem os

¹⁰ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

¹¹ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

¹² Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

ditames da moda transmitidos pelos meios de comunicação. De tal modo, ocorre um processo de aculturação e parte da cultura urbana é absorvida e refletida no comportamento dos jovens:

O transporte rápido, as telecomunicações instantâneas e a padronização crescente dos utensílios e dos artefatos conduzem a uniformização do planeta: em toda parte os mesmos imóveis com formas geométricas, os mesmos entroncamentos rodoviários, a mesma música; em toda parte jovens modelados nos mesmos jeans! (CLAVAL, 2007, p. 387).

Segundo os entrevistados, o namoro é um exemplo de relação social influenciada pelos meios de comunicação. Para os moradores não há mais respeito entre os jovens namorados e os relacionamentos iniciam-se muito precocemente, na maioria das vezes ainda nas escolas, diferente da maneira que ocorria no passado:

“Não tem diferença da cidade. A televisão influencia e deixa os lugares mais semelhantes.” (informação verbal)¹³

O namoro do passado, segundo os entrevistados, era acompanhado de perto pelos pais que não permitiam que os jovens namorados permanecessem sozinhos no mesmo espaço. As visitas para namoro eram realizadas nos finais de semana. Antes do casamento, não era moralmente permitido contato físico entre os namorados e os jovens tinham mais respeito uns pelos outros. Conforme os entrevistados, depois de casados raramente ocorria o divórcio, porque o casamento era sacralizado e deveria durar por toda a vida do casal.

Embora os moradores tenham reclamações pontuais em relação ao modo de vida, a satisfação das famílias com a vida no meio rural é grande. Todos os entrevistados disseram gostar da vida que tem e que estão muito satisfeitos com o contexto geral do espaço onde vivem:

“Gosto. A vida no meio rural é muito melhor. Aqui é uma delícia, o clima é bom, tem frutas.” (informação verbal)¹⁴

¹³ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

O que os moradores de Guaragi mais valorizam no campo é a segurança, pois se comparado à cidade de Ponta Grossa o distrito é um local de vida seguro e raramente acontecem ocorrências policiais. A preservação do meio-ambiente natural (FOTOGRAFIA 14) e o contato com ele são valorizados pelos moradores, pois gostam de viver em um local com menor poluição do ar, da água, e praticamente sem poluição sonora, já que valorizam também a tranquilidade do local.

FOTOGRAFIA 14 – ÁREA DE VEGETAÇÃO EM PROPRIEDADE DO DISTRITO.



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

O modo de vida rural e o sistema produtivo em que os moradores do campo estão inseridos permitem que realizem suas atividades com calma, tendo mais liberdade de horários, com uma rotina estabelecida. Essas pessoas preferem vivenciar a natureza, a paisagem natural (ou pouco modificada), a tranquilidade e bem-estar. Os moradores do campo gostam do tempo lento e natural, da calma e do silêncio:

¹⁴ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

“Tranquilidade, a gente levanta da cama e respira ar puro, é melhor para a saúde, é mais seguro.” (Informação verbal)¹⁵

“Gosto da natureza, a pessoa fica mais perto da natureza, vê a natureza se transformar, vê a semente virar planta, o capim e a água virarem leite.” (Informação verbal)¹⁶

A cidade pode exercer certa atração aos moradores do campo; é o espaço onde buscam atender as necessidades não supridas no local de vivência, sejam materiais ou imateriais. Mas quando indagados se gostariam de morar na cidade todos os entrevistados foram enfáticos ao dizer que não, apenas mudariam para atender as necessidades educacionais dos filhos, pois na vila os adolescentes e jovens estudam até o ensino médio.

Para cursar ensino superior precisa mudar-se para alguma cidade ou tomar o ônibus todos os dias num movimento pendular entre o distrito e a cidade. Muitas famílias mantem seus filhos morando na cidade de Ponta Grossa. Em sua maioria frequentam ensino superior em faculdades privadas e procuram graduar-se em cursos relacionados com o campo como agronomia, medicina veterinária ou zootecnia.

Os entrevistados disseram que não acostuariam com o modo de vida da cidade, com a poluição sonora, o movimento e a insegurança. São poucos os que relatam desejo em morar em uma cidade. Os mais jovens preservam o desejo em continuar a morar no campo, porém enfatizam que há necessidade de melhorias no campo, sobretudo ao que se refere as condições físicas do local como a melhoria das estradas para escoamento da produção e a necessidade de melhorias na renda do produtor rural:

“Não mudaria, a vida no meio rural é melhor. Mas infelizmente o serviço não é remunerado, você trabalha muito para não receber.” (Informação verbal)¹⁷

¹⁵ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

¹⁶ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

¹⁷ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

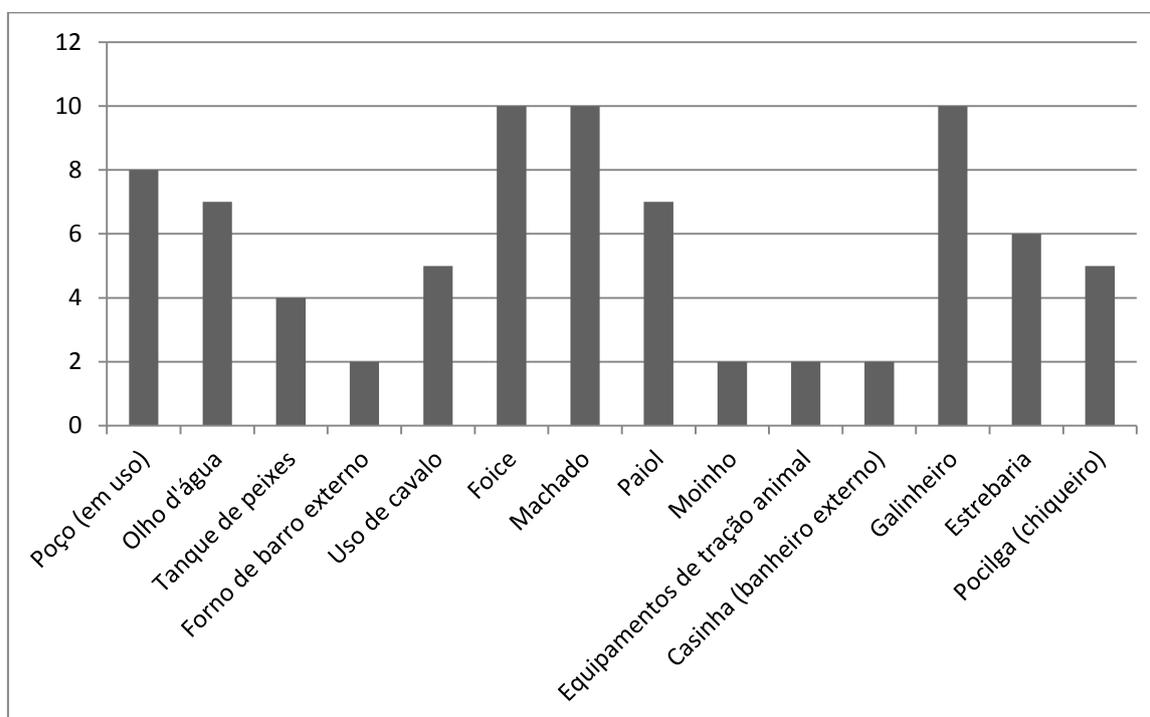
Muitos elementos da paisagem rural são preservados mesmo com o passar do tempo, outros são extintos e novos elementos são inseridos nesse contexto. (GRÁFICO 1). A presença de certas edificações é mantida porque ainda conservam alguma função, mesmo diferentes daquelas usadas no passado, como é o caso do paiol, utilizado no passado para o armazenamento das sementes, da produção de grãos e dos equipamentos agrícolas de tração animal, hoje ainda são preservados, mas armazenam maquinários modernos e insumos químicos.

A água proveniente de poços e olhos d'água ainda é utilizada pela população, apesar de existir em algumas propriedades acesso a água tratada. Os fornos externos e os equipamentos agrícolas de tração animal ainda são encontrados, mas estão gradativamente perdendo seu uso, em substituição aos fogões modernos e maquinários agrícolas motorizados; esses elementos crescem em número e modernidade na paisagem rural.

Os moinhos de processamento de grãos também são pouco utilizados; no passado era comum usar os moinhos para descascar os grãos de arroz e na produção de farinha de milho e fubá para o consumo familiar, na atualidade esses alimentos são comprados prontos. Outros elementos desaparecem da paisagem como as carroças, e as pessoas que utilizam-se de cavalos para locomoção. Contudo, no distrito novos elementos são inseridos como os tanques para a produção de peixes, utilizados para o lazer e consumo familiar e por algumas famílias como forma de complementar a renda.

Quando se analisa as edificações utilizadas na criação e trabalho com animais é possível perceber uma realidade crescente já citada anteriormente pelos entrevistados – sobre o beneficiamento e confecção de alimentos como macarrão – que trata da substituição da produção e beneficiamento na propriedade pela compra de produtos no mercado. Isso pode indicar que o custo da manutenção e o tratamento (alimentos, medicamentos) do rebanho suíno e bovino, se produzido apenas para consumo familiar é maior que o valor de compra dos produtos, carne e leite, no mercado. Ainda pode indicar que o tempo utilizado anteriormente com a criação e cuidado com os animais está sendo utilizado em outras atividades.

GRÁFICO 1 – EQUIPAMENTOS E EDIFICAÇÕES QUE COMPÕE A PAISAGEM RURAL E SÃO UTILIZADOS PELOS MORADORES



Fonte: Pesquisa de campo realizado pela autora. (2013).
Org.: PRETTO, F. M.

Muitos itens do gráfico 1 tem relação com trabalhos e conhecimentos práticos comuns no meio rural e se relacionam com outros elementos presentes nos hábitos e nos utensílios domésticos. Os entrevistados que possuem machado o usam para cortar a madeira utilizada no fogão a lenha ou no forno externo, para isso é necessário saber utilizar a ferramenta.

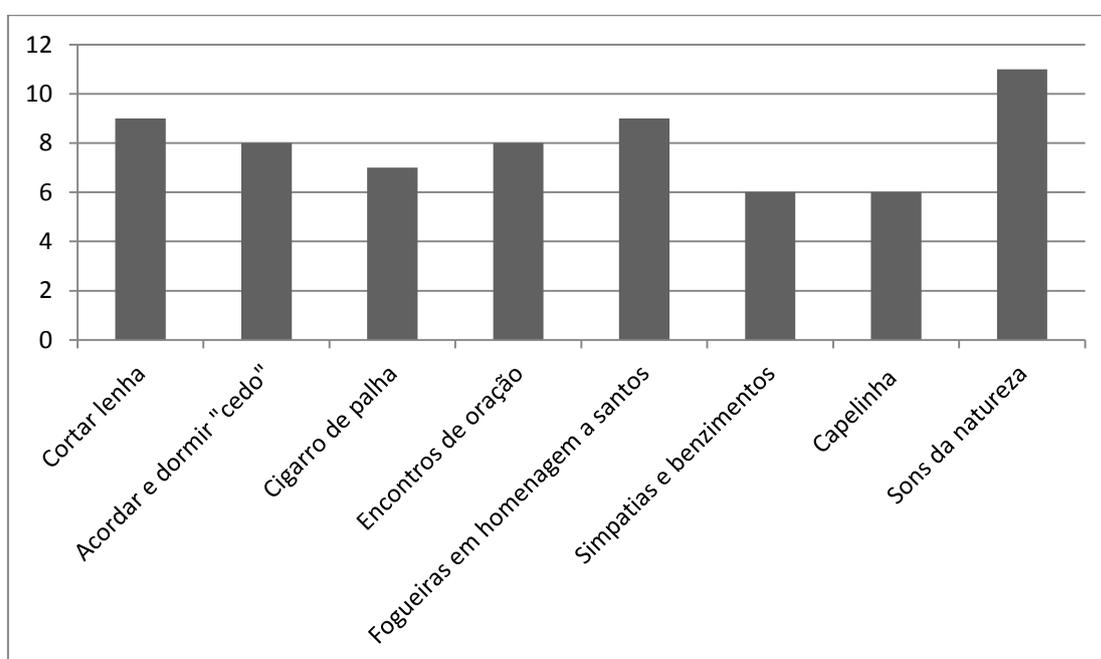
Edificações como as estrebarias são usadas por aqueles que trabalham com rebanho bovino de leite, o conhecimento das técnicas de ordenha se fazem necessários. Dessa maneira percebe-se que as edificações e utensílios carregam consigo um saber-fazer característico desse grupo social.

No gráfico 1 são apresentados as edificações, utensílios e elementos da paisagem característicos do campo e utilizados, sobretudo nas atividades de trabalho. Os valores apresentados levam a refletir que as modificações no modo de vida rural estão se intensificando e se refletem mais fortemente nas formas de

trabalho e no espaço. Muitos elementos já não estão mais tão presentes na paisagem rural e tendem a desaparecer gradativamente.

Com os hábitos e as tradições (GRÁFICO 2) ocorre o mesmo que a paisagem rural: alguns são mantidos, outros se perdem e dão lugar as novidades. Todavia, hábitos e tradições parecem ser elementos culturais mais estruturados e parecem permanecer mais intensamente no cotidiano dos entrevistados que os elementos edificados ou naturais da paisagem.

GRÁFICO 2 – HÁBITOS E TRADIÇÕES



Fonte: Pesquisa de campo realizado pela autora. (2013).

Org.: PRETTO, F. M.

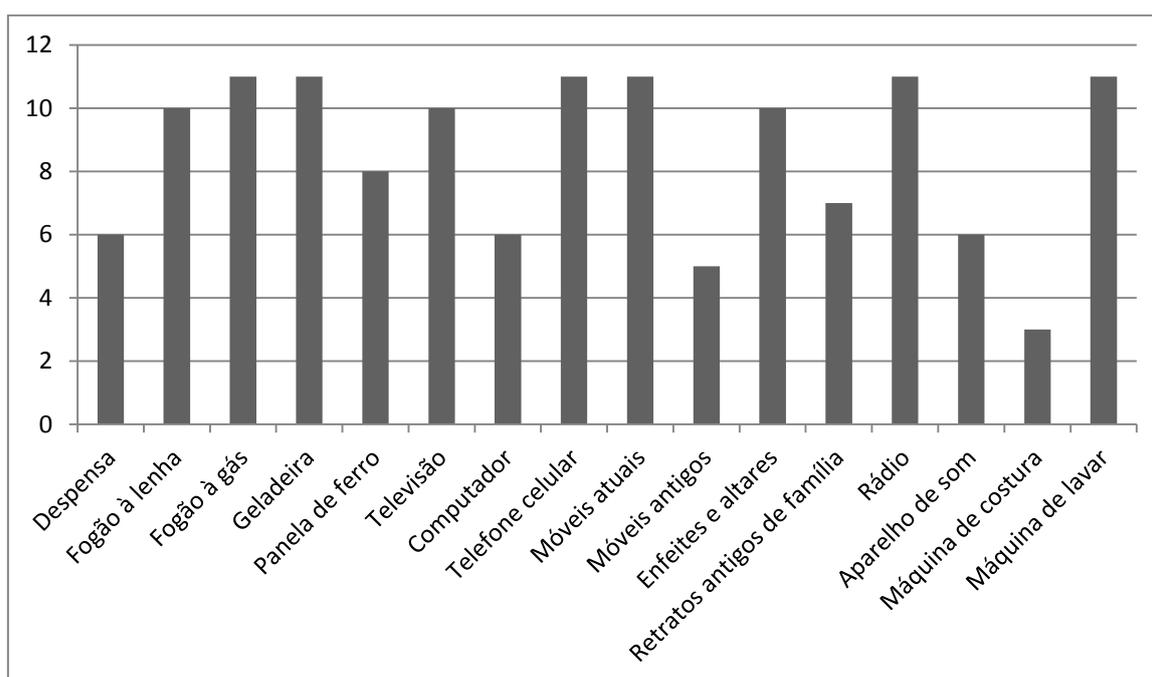
O gráfico 2 trata de hábitos e tradições. Os costumes dos moradores, citados no gráfico, estão relacionados com a sua religiosidade, com os conhecimentos de trabalho e a proximidade com a natureza. Esse conjunto de elementos ainda não se perdeu e parece estar mais estruturado por ser construído pelo grupo, como é a religiosidade. A manutenção ocorre porque o grupo preserva esses comportamentos. Muitas famílias são mobilizadas para

organizar as fogueiras e os encontros de oração, e essa religiosidade é transmitida entre as gerações, como um 'missão' familiar. Com o estabelecimento de certas relações sociais como os casamentos essas tradições se expandem às outras famílias e são mantidos.

Dentro das casas ocorre o mesmo que com as paisagens, hábitos e tradições, muitos itens são preservados, outros novos itens inseridos no cotidiano (GRÁFICO 3). Quanto aos móveis e eletrodomésticos, seria uma análise muito superficial afirmar que esses são itens de modernidade ou de urbanização do modo de vida rural; esses são itens que, de maneira geral, trazem melhoria na qualidade de vida dos moradores e são inseridos no cotidiano por necessidade.

Na casa dos entrevistados alguns itens permanecem presentes como os pequenos altares aos santos, reforçando a prática religiosa dos moradores. O uso do fogão a lenha também é expressivo e todos os entrevistados ressaltam que gostam muito desse utensílio, porque segundo eles além de aquecer a casa nos dias frios a comida preparada nesse fogão é mais saborosa por ser cozida lentamente.

GRÁFICO 3 – ITENS E UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS



Fonte: Pesquisa de campo realizado pela autora. (2013).
Org.: PRETTO, F. M.

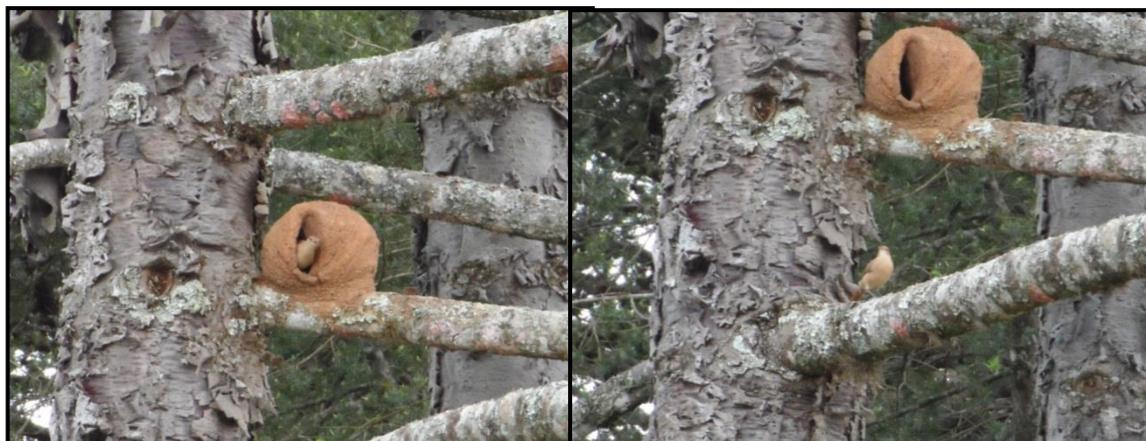
Quando discute a intensa relação entre tempo e espaço Tuan (1983, p. 132) afirma que “O espaço arquitetônico, porque parece refletir os ritmos do sentimento humano, tem sido denominado de “música congelada” – tempo especializado”; dessa forma é possível perceber que existe um jogo de tempos que marca a paisagem rural congregando estruturas, símbolos e objetos do passado que permanecem no presente – por vezes com funções diferentes e/ou adaptando-se as novidades integradas ao cotidiano.

O gráfico 3 retrata os utensílios e equipamentos usados dentro da casa dos moradores. Os equipamentos e utensílios citados também são comuns na casa de citadinos – com algumas ressalvas como o fogão à lenha. Isso pode apontar a melhoria na renda dos moradores do campo, que podem adquirir mais equipamentos eletrônicos e de conforto.

Quando comparados os três gráficos é possível afirmar que alguns elementos do cotidiano rural estão perdendo seu uso e presença na vida dos moradores do campo, que há a manutenção de hábitos, tradições e equipamentos e que novos bens de consumo são empregados às suas vidas, integrando o conjunto cultural desse espaço. Ocorre um processo dinâmico de renovação que, contudo, mantém vínculos no passado.

A paisagem rural é parte do dia-a-dia de quem vive no campo. Os elementos mais marcantes para os entrevistados estão relacionados à fauna e flora sendo os mais citados da fauna os pássaros (FOTOGRAFIA 15) e da flora nenhum dos entrevistados especificou uma espécie arbórea ou vegetal, mas o contexto geral da paisagem como o verde das árvores. Para os moradores esses elementos são os mais marcantes na paisagem rural. Os entrevistados relataram que gostam de andar na mata e sentir o ar puro, a noite apreciar as estrelas e o luar, de estar em contato com o sol apreciar a natureza e seus sons.

FOTOGRAFIA 15 – NINHO DE JOÃO-DE-BARRO EM RESIDÊNCIA DO DISTRITO



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Todos os entrevistados relataram gostar da vida no campo. Mas disseram haver necessidades de mais médicos para atender a população e de melhorias no atendimento da saúde:

“O que mais prejudica é a estrada ruim, o que existe na cidade já pode ter no interior.” (informação verbal)¹⁸

Também referiram-se a necessidade de melhoria nas estradas, da implantação de uma farmácia na vila, de melhorias no policiamento e acesso ao uso de *internet* e celular com mobilidade, porque apesar de que todas as famílias entrevistadas possuam um ou mais aparelhos de celular, para funcionar necessitam estar conectados a antenas fixas nas residências. Todavia, num contexto geral, as famílias de moradores entrevistados afirmam gostar da vida como está, das atividades que desenvolvem e do modo de vida rural:

“Não falta nada, já é movimentado demais. Aqui já está mais moderno, está tudo mais moderno, tem mais conforto hoje em dia.” (informação verbal)¹⁹

¹⁸ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

Parece que há certo romantismo quando se discute o modo de vida rural e as transformações pelas quais esse espaço e os seus moradores vem passando. Não apenas nos discursos acadêmicos, mas também no discurso social tendem a esperar que nada mude, que as pessoas mantenham padrões de vida do passado e que esses sujeitos preservem todos ou a maioria dos elementos da paisagem, hábitos e tradições e vida cotidiana sem alterações esperando que o campo se torne um espaço petrificado, um 'museu' vivo. Todavia, isso seria querer privar os indivíduos que vivem no campo de ter uma vida mais confortável com mais qualidade e conforto.

As mudanças ocorreram e estão em processo, em alguns lugares com maior intensidade, em outros de maneira ainda lenta. Mas não se pode negar que apesar da intensificação das relações, sobretudo culturais entre esses espaços, o modo de vida rural é preservado e permanecerá dessa maneira por muito tempo, conservado pelas novas gerações, nas suas formas e funções, absorvendo parte das novidades, deixando velhos conceitos e recriando novas formas, funções, espaços, relações e novos atores sociais.

¹⁹ Informação fornecida por morador permanente à autora durante entrevista, no distrito de Guaragi, no primeiro semestre de 2013.

CAPÍTULO 3: O PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL: VIVÊNCIAS URBANAS E PATRIMÔNIO IMATERIAL

Entre campo e cidade existe uma rede de relações caracterizadas na contemporaneidade pela dinâmica nos processos de modificação das relações e desses espaços - sociais, econômicos, políticos e culturais. Embora as mudanças, que ocorrem de forma gradativa, muitas características culturais relacionadas ao modo de vida rural são preservadas. Essas mudanças não denotam que o campo ou o modo de vida rural deixarão de existir, mas sim que estão passando por um processo de ressignificação e revalorização.

Esse terceiro capítulo apresenta elucidações sobre o patrimônio cultural rural do distrito de Guaragi, por meio da análise das respostas dadas pelos cidadãos diante de questões como, o que buscam no campo, o que é para esse grupo social o modo de vida rural e o que integra esse patrimônio característico do espaço rural, no ponto de vista de quem procura vivenciá-lo. Esse grupo social foi escolhido para constituir essa pesquisa porque são sujeitos sociais que buscam experimentar e apropriar-se dos patrimônios culturais rurais.

Os cidadãos identificam as diferenças que existem entre campo e cidade, entre o modo de vida rural e urbano e ao identificarem a existência dessas diferenças buscam vivenciar experiências ligadas ao campo e por isso valorizam o que pode ser considerado patrimônio cultural rural. A visão externa à vida diária do campo dá ao morador de veraneio a capacidade de relatar e qualificar essa realidade como sujeitos que observam a ação e procuram integrar-se a ela, o que os moradores do campo não fazem, pois estão integrados a realidade diária e não percebem a importância desse patrimônio por ser intrínseco aos seus cotidianos.

Também apresenta reflexões sobre o patrimônio cultural imaterial, pois segundo o que foi levantado até o momento, esse conjunto patrimonial contempla o modo de vida rural, que faz parte do conjunto de patrimônios materiais e imateriais do campo. Através da relação das respostas dadas pelos atores sociais que estão cotidianamente construindo e vivenciando o espaço rural, das respostas dadas pelos atores que buscam vivenciar esse modo de vida e da construção teórica até o momento, se pretende consolidar o conceito do que é o patrimônio cultural rural do distrito de Guaragi.

3. 1 VIVÊNCIAS URBANAS NO CAMPO: A EXPERIÊNCIA DO MODO DE VIDA RURAL DOS MORADORES DA CIDADE

Na contemporaneidade, o estilo de vida agitado dos centros urbanos, leva os moradores das cidades a procurarem no campo um subterfugio. O distrito de Guaragi está se tornando um espaço de consumo para os cidadãos que procuram experimentar o modo de vida rural. Pela facilidade de acesso – boa conservação das vias de acesso – e pela infraestrutura disponível no distrito – boa qualidade das estradas rurais, energia elétrica em todos os pontos, mercadinhos e bares abertos inclusive aos domingos – o distrito está recebendo um número crescente de moradores de veraneio (aqueles moradores que possuem casa no espaço rural do distrito de Guaragi e se deslocam até essas casas para passar fins de semana, feriados e férias sem manter residência fixa no distrito).

As propriedades dos moradores de veraneio são geralmente adquiridas por eles através de compra ou herdadas de familiares que moravam na região. São casas com boa infraestrutura, possuem água encanada, energia elétrica, antenas externas para recepção de sinal televisivo e comumente são de alvenaria ou mistas (madeira e alvenaria).

Dez famílias que possuem casa de veraneio no distrito de Guaragi foram entrevistadas (APÊNDICE B). Em visita ao distrito nos fins de semana e feriados é possível encontrar muitas famílias que possuem casa de veraneio. Todas tem suas propriedades a no mínimo oito anos e algumas famílias tem casa no local há pelo menos duas gerações. Todas residem atualmente na cidade de Ponta Grossa e aproximadamente oitenta por cento dos entrevistados – exceto os adolescentes e jovens que acompanham familiares - já residiu no campo, mudou-se para a cidade para estudar ou trabalhar, constituiu família e quando possível volta ao distrito. Muitas famílias entrevistadas tem parentesco no distrito; alguns entrevistados cresceram no local, e por isso adquirem (ou recebem como herança) propriedades próximas a de seus familiares.

Como ocorreu com as entrevistas realizadas com os moradores permanentes, o intuito inicial era entrevistar apenas um membro de cada família. Todavia, quando se apresentou a proposta da pesquisa, as pessoas ficaram interessadas em relatar as suas experiências. Dessa forma o total de pessoas

entrevistadas é de trinta e sete pessoas. Acredita-se que os relatos familiares enriquecem o resultado final da pesquisa, porque é possível observar pontos de vista distintos vindos de diferentes atores. Adolescentes, adultos e idosos, mulheres e homens, com diferentes escolaridades expuseram suas opiniões sobre o que vivenciam no campo. A idade dos entrevistados está entre dez e setenta e dois anos e com relação à escolaridade, sessenta por cento dos entrevistados tem formação superior completa ou está cursando.

Nas visitas ao distrito, os moradores de veraneio realizam diversas tarefas relacionadas à manutenção da propriedade e procuram vivenciar experiências que consideram tipicamente rurais como os trabalhos na horta, atividades relacionadas à silvicultura e agricultura (cultivam pequenos lotes de terra com eucaliptos, milho e feijão para o consumo da família) e os cuidados com o pomar; também realizam atividades relacionadas à limpeza e conservação da propriedade (capinar, roçar, cortar lenhas). Os que possuem animais como cavalos e galinhas cuidam desses animais e utilizam o que é produzido para consumo e lazer, também costumam descansar e fazer caminhadas para desfrutar da natureza.

Uma das atividades que as famílias citadinas praticam no distrito é o cuidado com os pássaros. As famílias tem atenção especial com essa fauna local, providenciando locais para os animais beberem água, se alimentarem e alguns até ‘ajudam’ os pássaros no preparo de materiais para os ninhos (FOTOGRAFIAS 16.a, 16.b e 16.c).

FOTOGRAFIA 16.a – NINHOS DE GUACHOS²⁰ EM ARAUCÁRIA



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

FOTOGRAFIA 16.b – MORADORA DE VERANEIO EXIBE CORDAS DESFIADAS POR ELA PARA ‘AJUDAR’ NA CONFECÇÃO DE NINHOS DE GUACHOS



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

²⁰ Espécie de pássaros encontrados na região de Guaragi.

FOTOGRAFIA 16.c – LOCAL DE ALIMENTAÇÃO DOS PÁSSAROS



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

As famílias entrevistadas discorrem sobre quanto gostam das visitas ao distrito, mas acrescentam que o local antigamente era mais tranquilo e nos dias atuais a violência no local aumentou - pequenos furtos, perturbações sonoras. Não obstante, o distrito é considerado um bom local para descanso, onde as famílias se sentem acolhidas pelos moradores locais, e é comum o bom relacionamento com os vizinhos.

Para as visitas ao distrito, as famílias costumam levar os alimentos que não são produzidos no local (café, açúcar, arroz, materiais de limpeza e higiene, ervamate, remédios, repelentes, carnes, bebidas entre outros produtos). Também levam da cidade ferramentas e materiais de construção usados na manutenção das chácaras, adubos e herbicidas. Os entrevistados utilizam esses produtos tóxicos, contudo procuram não fazer com frequência tratamentos químicos – preferem tratamentos e adubos orgânicos como os moradores permanentes e outras formas de manejo de pragas aprendidas com os familiares mais velhos, vizinhos ou pela televisão. Também levam para o local ração para os animais, sementes e mudas –

por não permanecer muito tempo nas chácaras, não tem tempo para produzir as próprias mudas e sementes como fazem os moradores permanentes – e equipamentos para lazer como bicicletas, motocicletas – e também os celulares. Os alimentos para o período de estadia são comprados em supermercados da cidade de Ponta Grossa. Não é comum para os moradores de veraneio comprar produtos na vila do distrito - exceto as necessidades pontuais.

As visitas às chácaras são feitas semanalmente, rotineiramente nos finais de semana. A duração da estadia é de dois a três dias. Todavia, os idosos e as famílias com filhos no período de férias escolares, tem maior frequência nas visitas, indo para as chácaras todos os dias, ou permanecendo mais tempo no local.

Para se deslocar até Guaragi, os entrevistados utilizam carro e ônibus – há duas opções para as pessoas que vão de ônibus até o distrito, umas delas é ir com o circular de transporte urbano da cidade de Ponta Grossa, com ponto final na vila do distrito, e outro é o intermunicipal que transporta passageiros entre Ponta Grossa e Teixeira Soares. Para os deslocamentos dentro do distrito os moradores de veraneio costumam andar a pé ou de carro.

Durante as refeições na visita ao distrito, as famílias costumam preparar em casa seus alimentos, consomem o que compram para a estadia e também aquilo que produzem. Quando estão no distrito, as famílias procuram vivenciar ao máximo as experiências que consideram tipicamente rurais, entre elas preparar a comida no fogão à lenha. Em propriedades visitadas é possível encontrar o fogão à lenha ainda em uso – muito utilizado no inverno, segundo os entrevistados, para ‘sapecar’ pinhões. (FOTOGRAFIA 17).

FOTOGRAFIA 17 - FOGÃO À LENHA UTILIZADO EM UMA DAS RESIDÊNCIAS DE VERANEIO



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Os citadinos apreciam formas de expressão que fazem referência ao campo, sobretudo, a música caipira e sertaneja de raiz e também fotografias das pessoas e da propriedade no passado, nelas podem ver familiares e as paisagens que perpetuam na memória – em situações vividas no campo. As famílias conhecem muitas lendas e superstições locais, inclusive as citadas pelos moradores permanentes, ensinadas pelos pais e avós, como a lenda da mula sem cabeça que percorre o lugar à noite na forma de uma bola de fogo; a lenda da assombração da igreja de uma fazenda na comunidade de Roxo Roiz; os presságios da “assundáia” e “anú preto”²¹, que quando voam sobre uma residência são presságios de morte; a superstição de que quando alguém viaja, as pessoas que permanecem em casa não podem varrer o domicílio depois do viajante sair, porque põe a vida dessa pessoa em risco. Essas são histórias contadas geralmente pelos avós - que residem ou tem casa no distrito - aos netos e aos jovens. Dessa forma divulgam e perpetuam essas lendas e superstições para os moradores permanentes e de veraneio. Todavia, esses encontros onde há conversas sobre lendas e superstições se reservam ao

²¹ Espécies de pássaros encontrados na região de Guaragi. A assundáia é também conhecida como tesoura, espécie já citada na fala dos moradores permanentes.

convívio familiar, pois segundo os entrevistados não há o costume de vizinhos ou famílias se reunirem e conversar sobre as lendas e as histórias locais.

Nas visitas ao campo, os moradores de veraneio não participam com frequência das reuniões sociais. As famílias entrevistadas relataram participar, eventualmente, de celebrações religiosas e festas tradicionais. Apenas uma família entrevistada relatou ir a Festa do Colono, tradicional em Guaragi. Contudo, afirmam frequentemente conversar com os vizinhos sobre o cotidiano.

Os moradores de veraneio costumam fazer e receber visitas durante a estadia no campo. Para os moradores de veraneio não há um dia específico para essas atividades sociais, mas como a sua permanência no local é nos finais de semana, aproveitam esse tempo para essa atividade e também recebem pessoas da cidade de Ponta Grossa e de outros locais que passam algum tempo no campo com eles.

Esses moradores costumam participar de questões da política local - ao menos um membro de cada família relatou fazer pedidos à Prefeitura ou a políticos conhecidos por eles, com certa constância - e reivindicar benfeitorias para o distrito junto à Prefeitura Municipal, especialmente para pedir melhorias para as estradas rurais, usadas também para acesso às chácaras.

Os moradores de veraneio sentem-se integrados e participantes das dinâmicas sociais locais e da paisagem rural durante suas permanências no distrito. Segundo eles, sentem-se bem recebidos, suas presenças não modificam significativamente a vida cotidiana dos moradores permanentes, caracterizando sua relação com a sociedade local como tranquila e normal. No entanto, relatam que a presença de muitas pessoas de fora pode atrapalhar o sossego do local.

Quando os cidadãos vão para o campo, realizam diversas atividades de lazer relacionadas à realidade física e social que encontram. Aproveitam a tranquilidade do meio ambiente local para observar a natureza enquanto fazem passeios e caminhada ao ar livre, plantar e realizar os afazeres da propriedade, conversar com os conhecidos com calma, utilizam as estradas locais para praticar trilha de motocicleta e algumas famílias têm piscina para os dias de calor. Também são atividades de lazer praticadas pelos moradores os jogos de raciocínio e jogos de carta em família. As visitas ao distrito são para essas famílias momentos de encontro e convivência, quando podem conversar com calma e passar mais tempo juntos, diferentemente do que ocorre no cotidiano urbano.

Para os entrevistados, vivenciar dias no campo é uma experiência ligada também a recordações do passado, momentos em família, parte da sua história. Nos discursos dos entrevistados mais velhos, sempre há um sentimento nostálgico que permeia a fala. No campo, segundo os entrevistados, as pessoas se sentem mais a vontade e podem expressar-se com mais espontaneidade.

Os vínculos com a propriedade são grandes e se refletem em constantes investimentos e melhoria na qualidade da chácara. O grau de satisfação dos entrevistados é pouco menos que unanime em relação a total satisfação com a vida que experimentam quando estão no campo. Para aqueles que relatam alguma insatisfação, são relacionadas a problemas na estrada de acesso a chácara ou alguma insatisfação com vizinhos.

As suas propriedades são vinculadas a lembrança dos pais, dos avós. O campo é reconhecido como lugar de pessoas boas e honestas, que ainda preservam comportamentos tradicionais como ‘cumprir a palavra’, ajudar o próximo. Os motivos apontados pelos moradores de veraneio para procurar vivenciar o campo são a tranquilidade, o sossego, o silêncio e a paz.

Quando vão para o campo procuram realizar atividades diferentes da rotina urbana. O campo é espaço de refúgio da agitação, de contato com a natureza, onde se respira ar puro e as atividades são realizadas por prazer, para relaxar. A casa de campo é para os entrevistados como a segunda residência, ‘um lar’.

Embora apreciem a vida no campo, os moradores de veraneio reconhecem as dificuldades relacionadas a viver permanentemente nesse espaço, sobretudo o trabalho que exige grande esforço físico, a rentabilidade para atividades desempenhadas é pouca, dificuldades de acesso à prestação de serviços especializados de saúde e educação e bens de consumo. Dessa forma, houve divergência entre as respostas sobre o desejo em morar permanentemente no distrito. Os entrevistados afirmaram que mudariam para o campo, mas no momento não podem fazê-lo por causa dos estudos e trabalho. Outros preferem o agito da cidade e preferem ter apenas momentos de sossego no campo. Outros não abririam mão das facilidades da vida urbana, como acesso rápido a espaços de consumo e atendimento rápido e diversificado na prestação de serviços especializados.

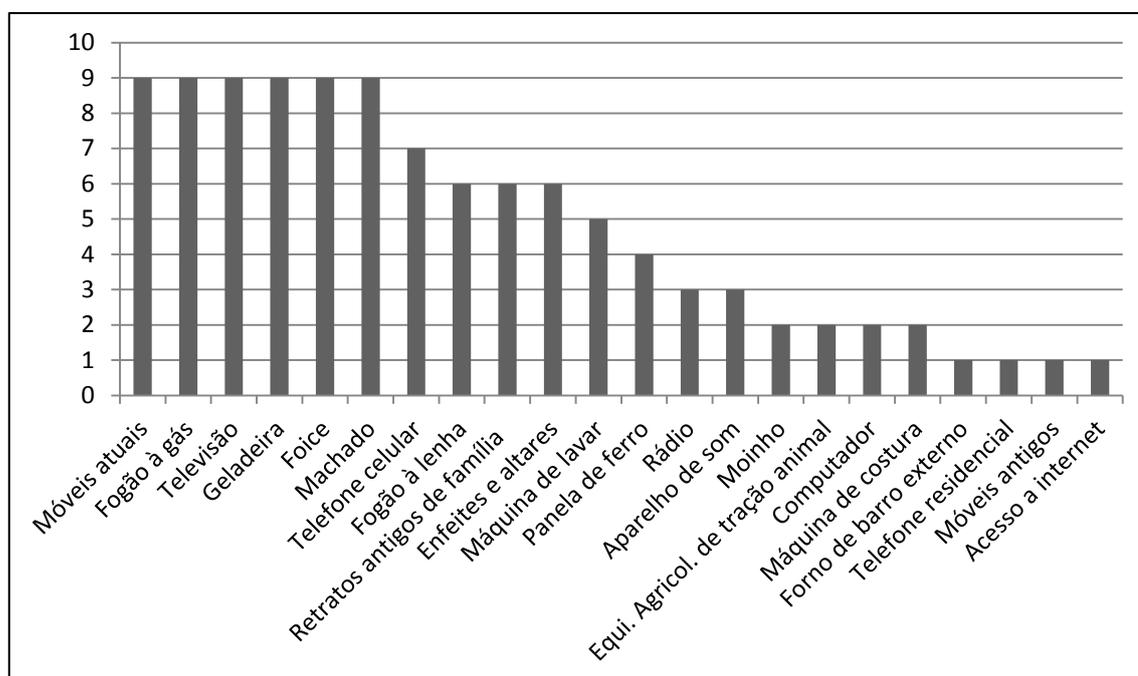
Os moradores possuem nas casas de veraneio equipamentos e mobiliários utilizados durante a sua estadia (GRÁFICO 4). Os móveis, eletrodomésticos e ferramentas são, segundo os entrevistados, praticamente os mesmos que possuem

nas casas da cidade, porém são menos sofisticados e também não há nas casas de veraneio computadores e equipamentos tão modernos quanto aqueles da residência urbana. Na chácara também possuem ferramentas utilizadas no trabalho do campo como foice e machado.

As famílias entrevistadas costumam manter na propriedade utensílios recebidos de presente de moradores ou como herança de familiares que moravam no local, como as panelas de ferro e os retratos antigos de família preservados em molduras trabalhadas com fotos dos avós, ou pessoas mais velhas da família. Também costumam ter no local pequenos altares para os santos de devoção e enfeites feitos com materiais encontrados na propriedade – ninhos de pássaros, cascas de árvore, sementes - e levados da cidade.

Muitos desses patrimônios podem ter um sentido pessoal de conservação. Entretanto, a existência desses bens materiais e rituais preservados em várias propriedades visitadas, aponta para a existência da preocupação comunitária em zelar por esses patrimônios. São parte da história familiar e heranças, mas também são reconhecidos comunitariamente como parte integrante da história do grupo social.

GRÁFICO 4 - EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIOS DOS MORADORES DE VERANEIO



Fonte: Pesquisa de campo realizado pela autora. (2013)

Org.: PRETTO, F. M.

Algumas famílias fazem questão de manter na propriedade fogões à lenha e forno externo e outras edificações como paióis utilizados no passado pela família ou por antigos moradores do local. Nas propriedades é possível encontrar pequenos museus particulares de equipamentos de trabalho e utensílios domésticos e estruturas como o forno externo (FOTOGRAFIAS 18.a e 18.b), preservados mesmo quando não são mais utilizados para a função inicial. Os entrevistados relatam que no passado percebiam a existência de mais moinhos - de milho e arroz – no campo, mas atualmente esses produtos deixaram de ser produzidos e/ou beneficiados pelos moradores permanentes e são comprados prontos na cidade.

Os proprietários afirmam que acham muito importante a atitude de preservar esse conjunto de objetos, edificações e estruturas e até mesmo os ritos, conhecimentos, histórias que os envolvem, mesmo quando não há mais uso, pois são herança do passado. Por meio delas, revivem histórias contadas pelos mais velhos e mostram aos mais jovens como era a vida no campo. Sentem-se

responsáveis por guardar essas memórias e transmitem aos mais jovens essa responsabilidade de respeitar e zelar pela memória não apenas familiar, mas do conjunto social do campo. Esses locais de salvaguarda são repletos de saudosismo e remetem a sentimentos bucólicos. São espaços de memória das famílias, do passado no campo, mas preservados também com função de ensino.

FOTOGRAFIA 18.a – FORNO EXTERNO UTILIZADO NO PASSADO



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

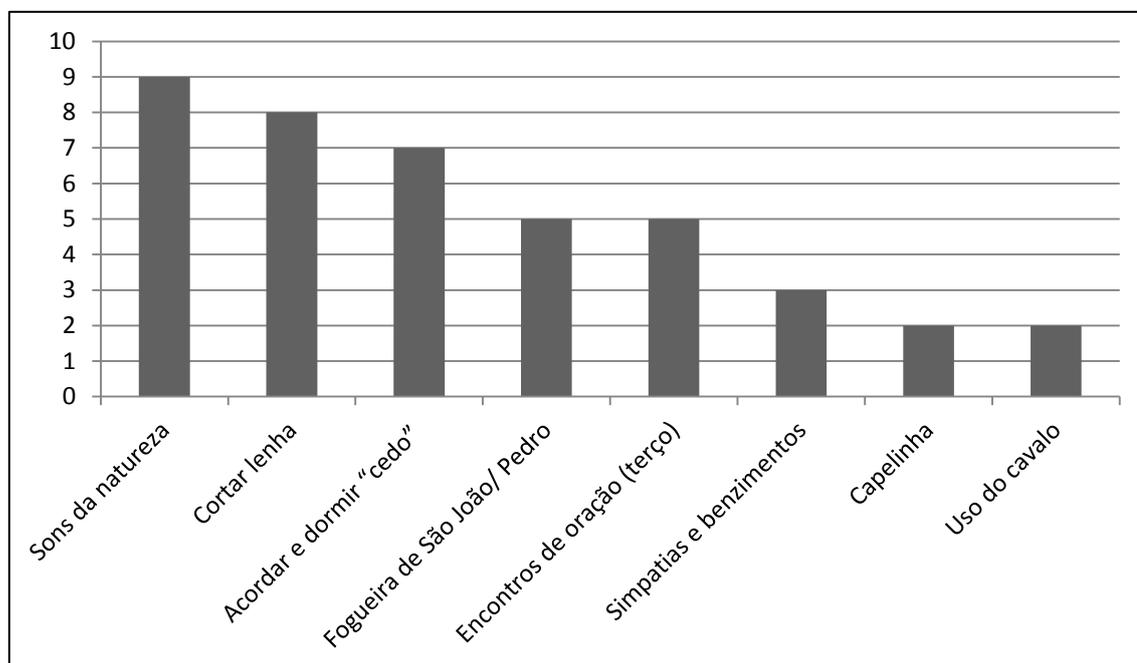
FOTOGRAFIA 18.b - EQUIPAMENTOS DE TRABALHO E UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS DE DIVERSAS ÉPOCAS PRESERVADOS POR UMA FAMÍLIA



Fonte: Trabalho de campo (2013)
Autora: PRETTO, F. M.

Na estadia na casa de campo, os moradores de veraneio procuram vivenciar muitas experiências consideradas por eles como tipicamente rurais e também observam o comportamento dos moradores permanentes mesmo quando não estão totalmente integrados as ações realizadas (GRÁFICO 5).

GRÁFICO 5 - HÁBITOS DOS MORADORES DE VERANEIO E OBSERVAÇÕES FEITAS POR ELES SOBRE OS MORADORES PERMANENTES.



Fonte: Pesquisa de campo realizado pela autora. (2013)
Org.: PRETTO, F. M.

Na chácara, os moradores de veraneio costumam dormir e acordar mais cedo, pois afirmam gostar de ver o nascer e o pôr do sol no campo. Realizam atividades como cortar lenha para o fogão e churrasqueira, atividades não praticadas na cidade.

Mesmo quando não há participação nas atividades, os moradores de veraneio costumam observar as práticas sociais dos moradores permanentes. Os entrevistados observam que é costume entre os moradores permanentes realizar reuniões para oração de terços e novenas e a existência no local de fogueiras e festejos em homenagem aos santos de devoção. Observam que no campo é costume dos moradores de religião católica trocar visitas para levar as capelinhas com imagens de santos. Também ressaltam a crença dos moradores permanentes em simpatias e benzimentos, mas percebem a diminuição do número de pessoas que praticam essas curas espirituais e afirmam não ter o hábito de buscar esse tipo de cura, mas que não desacreditam.

Poucos moradores de veraneio têm cavalos em suas propriedades, e percebem que mesmo entre os moradores permanentes, o uso desses animais para trabalho e como meio de transporte decresceu, sobretudo nas duas últimas décadas. Conforme a observação e relato dos moradores de veraneio no presente, a equitação tornou-se atividade de lazer, e os deslocamentos são realizados pelos moradores permanentes com motocicletas e carros. A tração animal usada nas plantações também foi substituída por maquinários agrícolas. Contudo, os moradores de veraneio afirmam ver, não frequentemente, os moradores permanentes utilizando arados e plantadeiras manuais para pequenas áreas de cultivo – no quintal de casa.

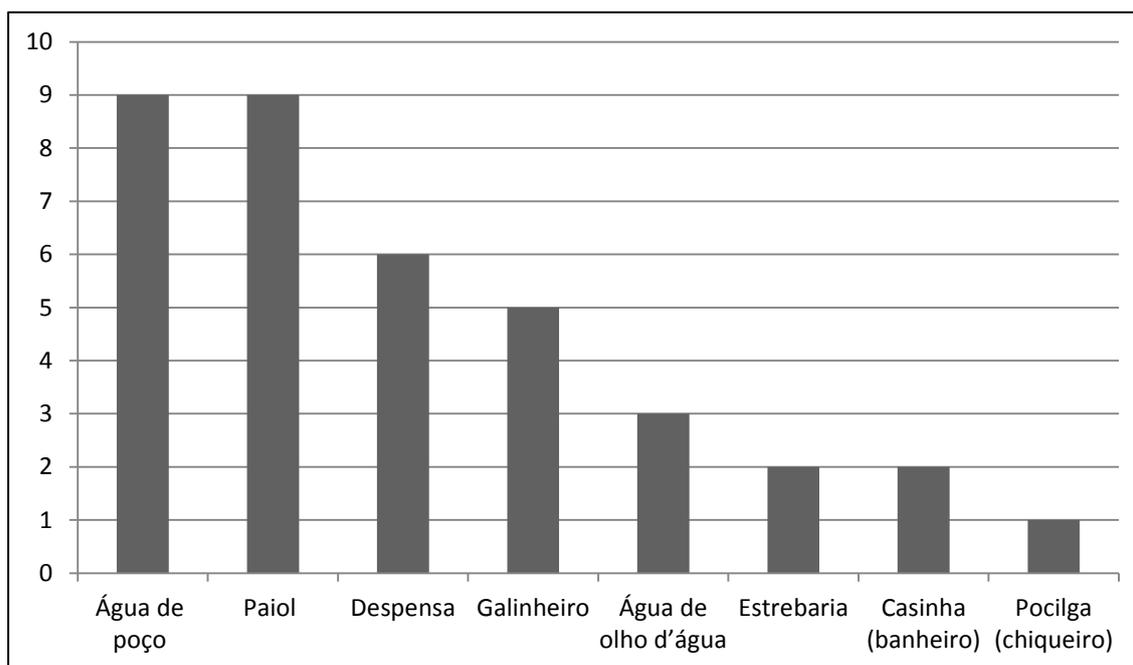
Além de residência de veraneio, é comum encontrar edificações anexas ou próximas às casas (GRÁFICO 6). O paiol é utilizado para guardar ferramentas e equipamentos utilizados na manutenção da propriedade e milho e rações utilizados na alimentação dos animais. Os citadinos têm em suas propriedades espaços de criação de animais como os galinheiros. Entretanto, a estrabaria e a pocilga, locais utilizados no manejo de bovinos e suínos, se ainda existem na propriedade, receberam função de armazenamento de equipamentos ou estão em desuso.

É comum a existência de um cômodo reservado como despensa de alimentos, e os entrevistados admitem não ter esses mesmos espaços nas casas da cidade. As ‘casinhas’ utilizadas como banheiros externos já não são mais usadas, segundo os moradores, porque oferecem muito risco de contaminação ao lençol freático – também associado a pouca praticidade e conforto; atualmente todas as casas são ligadas a fossas sépticas. As nascentes e olhos d’água são mantidos pelos moradores de veraneio nas propriedades com finalidade de preservação ambiental e para ‘embelezar’ a propriedade, mas não são utilizadas para consumo; já a água de poço é consumida e muito apreciada pelos moradores de veraneio pelo sabor – sem adição de cloro e outros produtos químicos – e pela temperatura fria. Algumas casas são ligadas a sistemas comunitários de abastecimento de água.

Os moradores citadinos gostam de explicar sobre a maneira como são construídos os poços de água no campo – considerada por eles muito interessante. Explanam sobre o dom que algumas pessoas têm de achar ‘as veias de água’,

utilizando uma forquilha²² de madeira – há madeiras específicas, mas nenhum dos entrevistados soube especificar - que aponta para onde deve ser cavado o poço.

GRÁFICO 6 – EDIFICAÇÕES MANTIDAS NAS PROPRIEDADES DOS MORADORES DE VERANEIO



Fonte: Pesquisa de campo realizado pela autora. (2013)
Org.: PRETTO, F. M.

Os entrevistados relatam gostar de tudo na paisagem do campo, mas apreciam, especialmente elementos que estimulam os sentidos – visão, olfato, audição e tato – como o cheiro das árvores floridas, observar os pássaros cantar, as flores e vegetação e o ar puro. A fenomenologia permite que a partir da vivência e da subjetividade na percepção dos fenômenos, o conhecimento seja construído e validado, pois a aproximação entre o sujeito e o objeto analisado é também um processo de conhecimento. (PEREIRA et. al., 2010). A percepção da realidade baseada no discurso daqueles que buscam vivenciar experiências no campo denota o conhecimento que é construído e sentido pelo sujeito. Esse conhecimento é pautado nas experiências e no mundo vivido pelo sujeito – o morador de veraneio -

²² Pedaco de madeira do galho de árvore em formato da letra Y.

que pela sua identidade ora se integra aos processos, ora os assiste como espectador da realidade que se apresenta.

Questionados sobre o que para eles pode ser considerado patrimônio cultural rural, os moradores citadinos são plurais na quantidade de suas respostas. Para esses sujeitos o modo de viver, que contempla as práticas diárias relacionadas ao campo, ao trabalho, aos conhecimentos da natureza, as tradições e ensinamentos que perpassam as gerações congregam o que pode ser considerado patrimônio cultural rural. A maneira de falar das pessoas, a religiosidade expressa nas festas religiosas, também são citados pelos citadinos como partes desse patrimônio como a originalidade dos moradores na expressão da sua amizade e simpatia. As plantações, criação de animais e comidas são expressões menos significativas de patrimônio cultural para os moradores de veraneio. Destarte, é possível afirmar que o patrimônio cultural rural se reflete tanto nas construções edificadas e na paisagem rural quanto no comportamento, nos hábitos e nas formas da vida cotidiana dos moradores do campo.

3. 2 PALCO E AÇÃO: A PAISAGEM E O MODO DE VIDA

Quando os moradores do campo entram em contato com o modo de vida urbano, podem permitir que alguns ou muitos símbolos, valores, hábitos e rituais da vida urbana passem a fazer parte do cotidiano, mas são mantidas as suas especificidades. A relação que se estabelece entre o urbano e o rural pode resultar em novas práticas e representações para todos os sujeitos que vivenciam esse contato, sobretudo no que diz respeito às formas de ocupar e viver o espaço, as temporalidades, as condições e características do trabalho, os valores familiares.

Mesmo que o contato entre a cidade e o campo tenha se intensificado com o acesso facilitado pela evolução dos meios de transporte e acesso aos meios de telecomunicação, e o consumo de bens e serviços urbanos pela população rural tenha aumentado levando à difusão de técnicas e de hábitos de origem urbana, as características rurais do campo não se perdem nesse contato, mas podem modificar-se ou ainda ser fortalecidas.

A busca pelo contato com a natureza e com o modo de vida rural e todo o conjunto de elementos que constitui esse modo de vida, incluindo a paisagem, a tranquilidade, os hábitos diários e os saberes do campo, tem dado um novo enfoque

ao espaço rural. Os cidadãos buscam vivenciar o modo de vida desse espaço e com as novas configurações do campo, podem desfrutar de 'comodidades urbanas' ao mesmo tempo em que vivenciam o rural. O reconhecimento e a preservação das características rurais – da memória, paisagem e modo de vida dos moradores do campo - permite ao indivíduo que vive no campo o reconhecimento de sua participação efetiva na vida da sociedade que está inserido.

O conceito de patrimônio se instituiu com a criação de um discurso sobre a perda de vínculos com o passado e a necessidade de preservar a história da sociedade. Com o desenvolvimento do conceito, a preservação passou a atentar para a necessidade de preservar os bens materiais e imateriais importantes para a memória dos grupos sociais.

O processo de globalização promove uma transformação social que se reflete nas formas de apropriação do espaço e nas novas relações entre grupos distintos e espaços diferenciados como campo e cidade. Com essas mudanças, o campo e o modo de vida rural passam por um processo de reestruturação produtiva, não somente ao que concerne a economia, mas também a produção cultural e as relações sociais.

O reconhecimento de que existe um conjunto de especificidades no campo, relativos a sua cultura e ambiente pode promover a preservação do patrimônio cultural material e imaterial. Por meio do reconhecimento desse patrimônio se reconhece também a participação desse grupo social como produtor cultural, contribuindo para o enriquecimento da diversidade cultural e capacidade criativa desse grupo em manter seus patrimônios perante as modificações que o campo recebe e a constante influência do modo de vida urbano.

Para Silva (2009) quando se trata sobre os patrimônios do modo de vida rural a discussão é simples, mas também complexa porque integra uma gama de fatores que inclui a paisagem, os valores, o próprio modo de vida, o ambiente (natural ou modificado) e a cultura desenvolvida pelos atores sociais na apropriação desse espaço como um todo.

Desde que foi pensado até o presente, o conceito de patrimônio passou por intensas modificações na sua concepção, leitura e consolidação. Esteve a princípio vinculado as estruturas jurídicas, econômicas e familiares, aos grandes monumentos erigidos por reis e soberanos, em escalas de nações e territórios grandiosos. Era ligado a sociedade mais estável no tempo e no espaço. O conceito de patrimônio

perpassou as décadas e teve agregado novos adjetivos, os bens materiais e posteriormente imateriais de diversas escalas, acrescentando também as escalas locais. (CHOAY, 2006).

As discussões sobre o patrimônio são mundiais. Cada país dá a seus patrimônios históricos e culturais distintos tratamentos. Contudo, para que o patrimônio fosse democratizado, algumas normativas tem âmbito internacional e são fundamentadas a partir da reunião de estudos e contribuições feitas por diversos países. As Cartas Patrimoniais são documentos, cartas e recomendações elaborados em diferentes épocas e lugares do mundo concernentes a salvaguarda do patrimônio cultural. Existe um conjunto desses documentos que trata das diferentes categorias de patrimônio, referindo-se a elas segundo o contexto histórico e social em que essas Cartas foram elaboradas.

A memória social das pessoas que vivem no campo, estruturada nas suas experiências e hábitos e sua identidade rural não está mais baseada apenas na relação de produção agropecuária, mas também numa amalgama de traços culturais referentes ao vínculo dos habitantes com a paisagem rural, com a terra e relações de amizade e confiança com os demais membros da comunidade.

O patrimônio cultural imaterial é dentre todos – patrimônio cultural, histórico e natural - uma categoria recente. Uma das dificuldades em se propor a salvaguarda desse patrimônio é a falta de um instrumento abrangente vinculado a preservação dessa categoria patrimonial. Segundo a Recomendação de Paris (2003) esse patrimônio se constitui das:

[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (RECOMENDAÇÃO DE PARIS, 2003, p 2/3).

O conjunto de patrimônios culturais rurais contempla os saberes utilizados no cotidiano - o conjunto do saber-fazer relacionado ao cotidiano rural – que podem ser considerado patrimônio cultural imaterial; esse conjunto perpassa as gerações e

se mantem mesmo com as modificações do modo de vida, são recriados e adaptados às novas necessidades que se impõe aos sujeitos do campo, mas preservados em sua essência.

Esses saberes - como a ordenha, o trato com os animais, a relação com a natureza, a análise das mudanças climáticas, fases da lua – contemplam conhecimentos e práticas ligadas às atividades de trabalho e lazer e são formados na observação da natureza e do universo, no dia-a-dia, nas atividades cotidianas dos moradores de Guaragi. Muitos desses conhecimentos são tão significativos e representativos do espaço rural que são reproduzidos em espaços voltados para o turismo rural onde o intuito é oferecer ao visitante a experiência do contato e vivência da ‘realidade’ rural.

A religiosidade, representada principalmente pela manutenção do catolicismo e suas práticas e dos costumes locais referentes à conservação de determinadas atividades como as fogueiras e festividades em homenagem aos santos também são patrimônios da cultura local, mantidas e até mesmo fortalecidas com a presença crescente de cidadãos nesses eventos de cunho religioso.

Os valores - seriedade, amizade, “cumprimento da palavra”, fidelidade e os padrões de moralidade – também estão subentendidos nas respostas dadas pelos moradores do distrito. Apesar de ocorrer uma aproximação e assimilação do modo de vida urbano pelos moradores, sobretudo os mais jovens, os valores são preservados. Ocorreram modificações nos padrões de comportamento social, todavia, os mais velhos presam pelo conjunto de comportamentos mais rígidos e procuram ensinar aos mais jovens esses valores.

A religiosidade – de maneira mais expressiva - e os valores, aproximam os indivíduos do espaço rural de Guaragi tornando o grupo mais homogêneo, quando ainda compartilham das mesmas expressões religiosas e padrões de comportamento. Os encontros religiosos são além de reproduções culturais, espaços de encontro, interação, discussão sobre o distrito, sobre as famílias, sobre economia e política.

Outro conjunto de técnicas, conhecimentos e objetivos significativos e representativos para os moradores de Guaragi são relacionados à culinária. Os alimentos produzidos por eles nas propriedades, depois processados e/ou preparados para o consumo da família no fogão a lenha são ressaltados durante as entrevistas. Os conhecimentos referentes ao cultivo e a criação de animais; as

técnicas de preparo dos alimentos e o cozimento lento no fogão a lenha são sempre citados com ênfase como característicos do campo pelos moradores entrevistados.

Para cada técnica ou conhecimento um conjunto de outros conhecimentos se relaciona. Para cada espécie cultivada há uma época específica do ano para o plantio e uma fase lunar; para o fogão a lenha é necessário ter habilidade com o machado e reconhecer qual tipo de madeira é melhor para a queima; para o preparo existem diversas técnicas passadas entre as mulheres de geração em geração.

A paisagem rural também é importante para os moradores do campo, pois reflete a ligação com a natureza, a história construída, o novo e o tradicional se encontram nesse espaço visto e sentido. A paisagem é descrita pelos moradores como sendo o palco das ações características do campo, onde o modo de vida se estabelece onde está a tranquilidade e o sossego. Na paisagem estão presentes elementos da fauna e flora do local, muito apreciados não apenas por quem vive no campo como também por aqueles que procuram vivenciá-lo esporadicamente.

Este conjunto caracterizado pelo modo de vida e pela paisagem do espaço rural é palco e resultado de produção cultural, de vida, de transformação e de preservação. Ocorre um movimento dialético causado pela aproximação com o modo de vida urbano que redefine as configurações dessa relação – entre campo e cidade - e transcorre entre a mudança e a manutenção dos espaços, da economia das relações políticas e da cultura.

É possível apontar com base nas pesquisas realizadas que o patrimônio cultural rural do distrito de Guaragi consiste, sobretudo, na valorização e vivência da paisagem e do modo de vida - que inclui os conhecimentos, técnicas, hábitos, expressões de fé e os valores. Esse resultado, mesmo que prévio, vai de encontro com pesquisas realizadas no Brasil que apontam a paisagem rural e o modo de vida dos moradores do campo como seu mais significativo patrimônio cultural. Esse conjunto expresso pela paisagem e o modo de vida, o palco das ações dos sujeitos e o resultado das suas ações, são responsáveis pela manutenção de uma identidade singular desse espaço.

O modo de vida típico rural pode ser apontado como um patrimônio cultural imaterial desse espaço – e é reafirmado pelo turismo que vende como produto de consumo esse modo de viver característico do campo. Todavia, mesmo com a evolução na discussão dessa categoria do patrimônio ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas. De certa forma as Cartas Patrimoniais que fazem alusão a

categoria imaterial do patrimônio tratam da viabilização da salvaguarda, o que consiste em um conjunto de ações para sua institucionalização e conservação:

Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam garantir a viabilidade da patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, preservação, a proteção, a PROMOÇÃO, a valorização, a transmissão essencialmente por meio da educação formal e não-formal e revitalização deste patrimônio em diversos aspectos. (RECOMENDAÇÃO DE PARIS, 2003, p. 3).

Não existem ainda instrumentos de caráter vinculante destinado a salvaguardar o patrimônio cultural imaterial e como tal, os elementos que fazem parte desse conjunto ainda vagam pelas discussões políticas, acadêmicas e sociais. Nesse contexto podem ser incluídos os patrimônios rurais, que tem aumentado em número de pesquisas e ações de promoção de valorização.

Como as demais categorias patrimoniais, uma das ações mais efetivas sobre os patrimônios é por meio da educação e da exposição da produção intelectual sobre o tema. Como foi apontado nas entrevistas com os moradores de Guaragi, a consideração pelo trabalho e da cidadania do morador do campo pode começar pelo reconhecimento de sua realidade, do seu modo de vida e da sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os 'conceitos' de campo e cidade, rural e urbano são desde muito tempo discutidos dentro das diversas áreas da ciência e cada disciplina os modela a partir das suas formas de análise da realidade. Mesmo sendo antiga e permeando diversas ciências, essa é uma discussão que merece ser aprofundada e constantemente revisada já que a configuração desses espaços e dos seus grupos sociais é muito dinâmica na atualidade, influenciado também pelo processo de globalização. Essa discussão é importante não apenas para delimitação de territórios – seja para cobrança de impostos ou pela simples definição e caracterização dos sujeitos – mas, sobretudo para que a partir do entendimento do que é campo e cidade, rural e urbano, possam ser elaborados projetos e realizadas ações que propiciem a melhoria na qualidade de vida dos cidadãos.

Os sujeitos que vivem no campo compartilham a cultura formada a partir das práticas sociais nesse espaço e das relações que são estabelecidas com a cidade. O processo de globalização leva mudanças a todos os locais de formas diferenciadas e essas mudanças chegam também ao campo. A cultura dos sujeitos que vivem nesse espaço é dinâmica e passa por transformações ocasionados por movimentos internos do grupo ou por receber essas influências externas.

Apesar desse espaço receber modernidades e ser por elas influenciado, ainda preserva suas especificidades, na maneira de vida, trabalho e na paisagem do campo. O que é preservado é aquilo que se mostra útil para a produção e para a base cultural dessa sociedade – conhecimentos, tradições – mas também aquilo que faz parte da memória dos moradores do campo. O patrimônio cultural é aquele nem sempre reconhecido pelos moradores, mas também aquele oculto no modo de vida e na paisagem. Essa paisagem é construída ao longo da história e é impregnada de significações e sentimentos, de diferentes tempos em uma mesma cena.

O conceito de patrimônio, desde que foi pensado até a contemporaneidade, passou por uma série de mudanças, encerrando inicialmente apenas os grandes bens materiais representativos de poder e soberania e com o passar das décadas e aprofundamento da compreensão sobre sua importância, abrangendo agora a herança cultural, não só material como imaterial de diversas classes sociais. Mesmo com muitos avanços, a conceituação de patrimônio a ser salvaguardado ainda necessita de aprimoramentos intelectuais e práticos e de maior abrangência dos

seus bens, pois ainda há muitas categorias patrimoniais não desveladas ou ignoradas.

O levantamento do patrimônio cultural rural através da vivência dos sujeitos esclarece quais são as representações que expressam o espaço vivido dos moradores do campo, nesse caso, o distrito de Guaragi, revelando que os elementos mais representativos são aqueles que fazem parte da experiência que as pessoas possuem com o seu espaço e permanecem mesmo com as modificações trazidas pela integração com o modo de vida urbano. Esses elementos tanto estão presentes nos hábitos diários desses moradores no tempo presente, quanto nos elementos da memória social desse grupo social.

A aproximação dos moradores do espaço rural do distrito de Guaragi com os centros urbanos é intensa e se deve principalmente a dependência de bens de consumo e serviços que não são encontrados no distrito. Mas a intensa ligação com a cidade e o modo de vida urbano não assinala o desapego ao modo de vida rural ou ao campo. Pelo contrário, reforça os sentimentos de apego ao local e ao espaço de vida. Ao ter contato com os problemas urbanos (violência, desemprego, poluição, stress entre outros) os moradores reforçam a afeição pelo campo onde esses problemas ainda não são tão intensos, e pelo modo de vida rural, caracterizado por eles pela tranquilidade, o contato com a natureza, os horários mais livres.

A partir da análise da realidade estudada por essa pesquisa, percebeu-se que a identidade rural dos sujeitos não está baseada apenas na relação de produção agropecuária, mas também na amalgama de traços culturais referentes ao vínculo dos habitantes com a paisagem rural, com a terra, às relações de amizade e confiança com os demais membros da comunidade e que denota a memória social desse grupo numa história conjunta.

A preservação das características rurais permite ao indivíduo que ocupa o campo o reconhecimento de sua participação efetiva na vida da sociedade. Através da preservação das memórias coletivas e individuais, o modo de vida rural e o campo podem se tornar espaço de produção econômica através do turismo rural como foi visto no distrito, pois os moradores são empregados nas casas de veraneio, chácaras e fazendas. Todavia, torna-se importante o reconhecimento desse patrimônio e a sua valorização pelas diversas escalas de poder, para que seja conhecido, reconhecido, preservado e respeitado.

A intensificação e a dinamização na relação entre o campo e a cidade podem resultar em alterações na estrutura da identidade do sujeito rural. Novos bens de consumo e serviços que representam simbolicamente o espaço urbano chegam ao campo, causando a reestruturação dos hábitos e da vivência dos sujeitos. No entanto, apesar de que o espaço urbano exerça um encantamento sobre os moradores do rural, existem elementos simbólicos característicos do espaço rural que são mantidos não apenas na memória como também no cotidiano dos moradores do campo.

Na vida diária, os moradores de Guaragi incorporam bens e serviços modernos ao cotidiano para facilitar o trabalho, aumentar a renda familiar – da mesma forma que também realizam trabalhos fora da propriedade para complementar a renda - e melhorar a qualidade de vida. As novas ideias e formas de comportamento não substituem aquelas herdadas das gerações do passado: os valores, a religiosidade, os conhecimentos sobre a natureza. A paisagem do campo pode receber constantemente novas formas e equipamentos, mas é preservada a sua essência produtiva e os vínculos com a terra, a flora e a fauna locais. Tamanha é a representatividade dos adjetivos contidos na paisagem e no modo de vida do campo que os cidadãos buscam vivenciá-los e os reconhecem como patrimônios culturais desse espaço e da população que ali reside e a medida do possível empenham-se para vivenciar e preservar esse patrimônio.

Quanto maior a carga simbólica e o sentimento de pertencimento que um patrimônio proporciona aos indivíduos, maior é o valor sentimental atribuído a ele – daí a importância em levantar os patrimônios a serem preservados a partir da experiência e vivência dos sujeitos e não simplesmente pela sua estética, ou pela representatividade econômica e política, o que prioriza a seleção parcial do que será lembrado.

Como o espaço reflete a sociedade que o ocupa, as formas edificadas garantem que seja mantida a constância temporal e a subjetividade da sociedade nas dinâmicas que se estabelecem pelas diversas mudanças ocorridas nos mais variados âmbitos – econômico, político, cultural. Essas mudanças ocorrem pelas novas necessidades e valores que refletem na forma de apropriação do espaço. O que bem representa esse espaço de produção e reprodução da cultura do campo é a paisagem, construída na relação subjetiva e objetiva do sujeito com o seu entorno. De tal modo, é possível perceber que há uma relação intrínseca entre os patrimônios

culturais rurais imateriais e materiais: um comporta os saberes, as ideias, os sentimentos que se refletem nas práticas, nas edificações e utensílios e sempre coexistem paralelamente na paisagem e no cotidiano dos moradores do campo.

No rural, existe uma riqueza que trata das relações sociais específicas desse espaço e da relação do indivíduo com o meio. Mesmo que com o processo de globalização, o campo seja invadido por uma carga de elementos simbólicos característicos do espaço urbano, suas especificidades são preservadas junto à memória coletiva e individual e pela manutenção e preservação de um conjunto de significados peculiares desse espaço. A “memória rural” poderia ser também apontada como um patrimônio cultural, pois além de guardar fragmentos da história desse grupo social também leva a ações concretas de conhecimento e valorização do passado e do atual contexto do campo – tendo como exemplo os moradores que mantem em suas casas, conscientemente, espaços com registros de marcas do passado e edificações que remetem a história das suas famílias e de toda a sociedade local.

Os moradores do distrito mantem laços de identificação com o modo de vida rural. Os elementos simbólicos representativos da vida urbana que chegam ao campo são incorporados, rejeitados ou readaptados ao modo de vida, pois como cidadãos ativos, os moradores do campo têm direito ao acesso a bens que lhes tragam melhorias na qualidade de vida, no entanto, preservam as características bucólicas que são expressas nos hábitos, costumes, cotidiano, relações sociais e nas formas de apropriação do espaço.

Mediante o que foi apresentado pelos moradores do distrito de Guaragi entende-se que os elementos escolhidos para representar a história dos indivíduos que vivem no campo são aqueles reconhecidos e apontados pelos sujeitos que o vivenciam nas suas experiências cotidianas e que pela sua importância são preservados mesmo com as mudanças que ocorrem na configuração do espaço rural.

As discussões sobre os patrimônios culturais do campo estão progredindo, mas ainda precisam de avanços tanto nas pesquisas quanto nas ações. A informação vinda por meio da educação, formal ou não, pode ser uma forma de reconhecimento e valorização do morador do campo e do seu modo de vida.

Em face do exposto até o momento é possível perceber que os resultados obtidos vão ao encontro a pesquisas realizadas em outros estados do Brasil e no

mundo: o patrimônio cultural rural congrega o modo de vida rural - que inclui os conhecimentos, as técnicas, hábitos, expressões de fé e os valores que estão relacionados à estreita relação dos moradores com o espaço que vivem e com a natureza, com a vivência e preservação da paisagem natural tão estimada por quem vive e procura o espaço rural.

Outro elemento que pode ser considerado patrimônio rural é a paisagem, natural e a construída, pois representa o espaço onde está materializado o modo de vida do campo. Percebe-se que está ocorrendo um processo de redefinição de funções da paisagem rural; essa paisagem é historicamente construída por populações rurais, entretanto está sendo gradativamente ocupada pela população urbana, que também agrega a paisagem suas características culturais próprias. Contudo, esse conjunto de patrimônios se mantém mesmo com as mudanças ocorridas no espaço e é procurado pelos cidadãos que buscam experimentá-lo e se apropriar dele.

Mesmo com a integração cada vez mais dinâmica e intensa entre cidade e campo, os moradores do campo mantêm muitas características culturais e identificação com o espaço que habitam. Esses sujeitos compartilham uma série de similaridades que estruturam o cotidiano tornam o grupo coeso, diferenciando-o de outros grupos pelas suas características culturais.

Esses patrimônios rurais elucidam a memória social e a identidade desse grupo social, fazem parte da história do país e da herança cultural da nação. Um dos caminhos para o (re)conhecimento e a valorização cultural dos patrimônios culturais rurais pode ser a educação patrimonial, voltada ao reconhecimento das diferenças que existem entre os espaços do campo e da cidade e sobretudo pautada na valorização do sujeito que vive no campo e no seu modo de vida singular. O reconhecimento da existência desse patrimônio cultural rural é importante ao passo que garante a promoção da diversidade cultural despontando a realidade do campo, com as modificações e novas configurações que se estabelecem nesse espaço e a manutenção de especificidades rurais.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W.; LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ANTONELLO, Ideni Terezinha. Reestruturação produtiva no espaço rural: forjando mutações nas relações urbano – rurais. **Temas & Matizes**, Cascavel, ano 9, n.16., p. 19-37, jun./dez. 2009.

ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERTH, Rogério. **Identidades e Territórios**: Questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007.

BAGLI, Priscilla. Rural e Urbano: Harmonia e Conflito na Cadência da Contradição. *In.*: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.9-31.

BASTOS, Sênia. Ativação do patrimônio nas práticas de hospitalidade. *In.*: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo; (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo**: limiar entre, história, território e poder. São Paulo: Outras expressões, 2012.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. *In.*: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.33 - 52.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. *In.*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BLAZZO, Pedro Paulo. **Campo e Rural, Cidade e Urbano**: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. 4º ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA – ENGRUP, São Paulo, p. 132-150, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Tradução de Fernando Tomaz. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998. Disponível em: <<http://r1.ufrrj.br/esa/index.php?cA=db&al=120&vT=da&vA=281>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

CARVALHO, Antonio Carlos. **Preservação do patrimônio histórico no Brasil**: estratégias. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, n. 1, v. 4, p. 117-126. Disponível em:

<<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>> . Acesso em 3 de nov. 2013.

CASTRO, Bernadete. Patrimônio cultural plural e singular: a dupla face da mesma moeda. *In.*: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo; (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo**: limiar entre, história, território e poder. São Paulo: Outras expressões, 2012.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**: o direito a cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHRISTLIEB, Federico Fernández. Geografía Cultural. *In.*: HIERAUX, Daniel; LIDÓN, Alicia (Orgs.). **Tratado de Geografía Humana**. México: Anthropos, 2006.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade – UNESP, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Dimensão Cultural do Espaço: Alguns Temas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n.1, p. 1-21, out. 1995.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. *In.*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CUCHE, Dennis. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Lisboa, Editora Fim de Século, 1999.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Valor patrimonial: memória social e poder. *In.*: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo; (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo**: limiar entre, história, território e poder. São Paulo: Outras expressões, 2012.

DRSKA, Maria Angélica Marcondes. Memória e Mudança espacial – migrantes nordestinos no Rio de Janeiro. *In.*: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; ORRICO, Evelyn Goyannes. (Orgs.). **Memória, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o Rural. *In.*: SPOSITO SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.9-31.

FAJARDO, Sérgio. A questão locacional na relação campo-cidade. **Temas & Matizes**, Cascavel, ano 9, n.16., p. 65-75, jun./dez. 2009.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, Antônio Márcio (org.). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 173-224.

FÖETSCH, Alcimara Aparecida. Paisagem, Cultura e Identidade: Os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet – PR. In SAHR, Cicilian Luiza Löwen (Org.). **A paisagem como patrimônio cultural: Campos Gerais e Matas com Araucárias no Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010. p. 19-37.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de dados agregados. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em março de 2013.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Valoração de paisagens: campos de visibilidades e de significâncias. In.: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo; (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre, história, território e poder**. São Paulo: Outras expressões, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAURESKO, Cecilia. **Lugares e Tradições: As comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros**. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cartas Patrimoniais. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12372&sigla=Legislacao&retorno=paginaLegislacao> >. Acesso em: 13 jun. 2013.

RECOMENDAÇÃO DE PARIS. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=271>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

KLOSTER, Silvana. **Riscos e potencialidades da atividade de turismo rural na Microrregião de Ponta Grossa**. Ponta Grossa, 2013 - Dissertação (Mestrado em Geografia - Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA-GUIMARÃES, Solange T. de. Valoração de paisagens: campos de visibilidades e de significâncias. In.: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo; (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre, história, território e poder**. São Paulo: Outras expressões, 2012.

MAZUEL, Luc. Patrimônio cultural e turismo rural: o exemplo francês. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário. **Turismo Rural**. São Paulo: EDUSC, 2000.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, v.1, n.13, p. 35-46, jan./jun. 2002.

MENESES, José Newton Coelho. A patrimonialização da vida: vivências, memória social e interpretação do patrimônio cultural. *In.*: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo; (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre, história, território e poder**. São Paulo: Outras expressões, 2012.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. ESPAÇO URBANO: memória social e patrimônio cultural. **Revista Terra Plural**, Ponta Grossa, UEPG, v.3, n.2, p. 323-334, jul./dez. 2009.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOREIRA, Roberto José. Cultura, política e o mundo rural na contemporaneidade. *In.*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 11., 2003, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: UNICAMP, 2003. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1222&Itemid=171>.

NETO, Helena Brum; BEZZI, Meri Lourdes. Região, identidade cultural e regionalismo: a campanha gaúcha frente às novas dinâmicas espaciais e seus reflexos na relação campo-cidade. **Temas & Matizes**, Cascavel, ano 9, n.16., p. 47-64, jun./dez. 2009.

NITSCHKE, Leticia Bartoszeck. **Desvendando o Espaço Vivido da Comunidade de Guajuvira e sua Relação com o Turismo, em Araucária, Paraná (PR)**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2012.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia. UNI-RIO: memória, discurso oficial e formação da identidade. *In.*: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; ORRICO, Evelyn Goyannes. (Orgs.). **Memória, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

PANIS, Marcelo. O patrimônio cultural e as novas territorialidades turísticas em comunidades rurais: uma realidade emergente no Distrito de Rincão da Cruz – Município de Pelotas/RS. **RAÍE GA**, Curitiba, n. 17, p. 77-92, 2009.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; OLIVEIRA, Anelito Pereira de. Geografia fenomenológica: espaço e percepção. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, vol. 11, n. 35, Set/2010, p. 173 – 178. Disponível em <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em 23 set. 2013.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3 - 15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 25 maio 2013.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200 – 221, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira (Org.). **Turismo, Memória e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Roca, 2004.

PRETTO, Fabelis Manfron. **Reflexões sobre os conflitos entre a manutenção da cultura local rural e o anseio por “modernidades” na vila do distrito de Guaragi - Ponta Grossa (PR)**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Geografia), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - PR.

ROCHA, Márcio Mendes. A relação cidade/campo no contexto de uma sociedade global: alguns limites e horizontes. **Temas & Matizes**, Cascavel, v. 9, n. 16, p. 39-46, jul./dez. 2009.

ROSAS, Celso Antonio da Fonseca. **A (des)construção da dicotomia rural-urbano no Extremo Noroeste Paulista**. Uberlândia, 2010 - Tese (Doutorado em Geografia – Gestão do Território). Uberlândia – MG, 2010.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____. **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SANTOS, Clélio. Geografia e Fenomenologia: Algumas aproximações a partir da Geografia Humanista e da Geografia das Representações. **Revista Diálogos**. Garanhuns, n. 5, p. 72-83, jan./dez. 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. Cidade e Memória: dimensões da vida urbana em Caetité (1940- 1960). *In*: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; ORRICO, Evelyn Goyannes. (Orgs.). **Memória, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

SAUER, Carl. A Morfologia da Paisagem. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

SILVA, Karen Melo da. **Patrimônio cultural, ruralidade e identidade territorial: diversidade na Colônia de Pelotas – RS**. 2009. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SOUZA, Marcelo Lopes de. A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou: sobre a necessidade de uma "teoria aberta" do desenvolvimento sócio-espacial. **Revista TERRITÓRIO**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-22 1996.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TIRAPELI, Percival. Prefácio. *In.*: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Beneditini; PIRES, Maria do Carmo; (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo**: limiar entre, história, território e poder. São Paulo: Outras expressões, 2012.

TOGNON, Marcos. **Patrimônio Cultural Rural Paulista**: Espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo. Disponível em: <[http://foruns.bc.unicamp.br/Arquivos%20Biblioteca%20Virtual/Palestras/19-10/MarcosTognon2011-Forum%20do%20Patrimonio%20Cultural%20no%20CDC-UNICAMP%20\[Modo%20de%20Compatibilidade\].pdf](http://foruns.bc.unicamp.br/Arquivos%20Biblioteca%20Virtual/Palestras/19-10/MarcosTognon2011-Forum%20do%20Patrimonio%20Cultural%20no%20CDC-UNICAMP%20[Modo%20de%20Compatibilidade].pdf)>. Acesso em: 17 dez. 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VILLASCHI, Juca. Requalificação da cidadania pela interpretação sensorial: direito ao patrimônio. *In.*: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Beneditini; PIRES, Maria do Carmo; (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo**: limiar entre, história, território e poder. São Paulo: Outras expressões, 2012.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 87-145, out. 2000. Disponível em: <<http://r1.ufrjr.br/esa/index.php?cA=db&al=163&vT=da&vA=18>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

_____. **A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural**. ¿Una nueva ruralidad en América Latina? Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em 28 de out. 2013.

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da cultura**. São Paulo: Edusc, 2000.

WILKINSON, John. Distintos enfoques e debates sobre a produção familiar no meio rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, n. 3, Jul./Set. 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In.*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 7-72.

**APÊNDICE A– Questionário de coleta de dados
Moradores Permanentes**

Os dados a seguir são resultado de entrevistas realizadas com parte da população rural do distrito de Guaragi, no município de Ponta Grossa- Pr, no primeiro semestre de 2013.

Os questionários foram aplicados pela autora e contam com 39 questões, apresentadas em forma de tópico guia, procurando reconhecer o que é o patrimônio cultural rural para a população residente no espaço rural do distrito.

Foram entrevistadas 11 famílias que residem em diferentes localidades rurais do distrito para abranger todo o espaço rural de Guaragi. A autora tinha inicialmente a intenção de entrevistar uma pessoa de cada família, mas logo que se apresentava a proposta da pesquisa toda à família demonstrava interesse em participar. A participação familiar possibilitou atingir várias categorias de idade, gênero, e escolaridade, pessoas que vivenciaram experiências distintas e paradoxalmente semelhantes.

As famílias contam com, em média, 5 integrantes. Essa interação do grupo enriqueceu o conteúdo da pesquisa porque os entrevistados vivenciam o mesmo modo de vida construído cotidianamente, e a partir da sua vivência suas crenças, hábitos e valores é possível reconhecer os símbolos do patrimônio cultural rural.

Em determinado momento das entrevistas as respostas apresentaram respostas comuns para o grupo, o que revelou uma realidade semelhante entre o grupo entrevistado, e por se tratar de pesquisa qualitativa seguiu-se o ponto de saturação das respostas. (BAUER; GASKELL, 2005).

ENTREVISTA

Número de famílias entrevistadas: 11.

Equipamentos utilizados: caderno de campo para anotações complementares, questionário com 39 perguntas, termo de uso da imagem e entrevistas.

Local: distrito rural de Guaragi.

A entrevista foi organizada atendendo as seguintes exigências:

- 1 – Identificar através das vivências o patrimônio cultural ligado ao modo de vida rural;
- 2 - Considerar as reações sentimentais e emocionais dos entrevistados;

3 – Assegurar-se de que os entrevistados são capazes de compreender as questões e as informações pertinentes à pesquisa.

4 – Considerar a opinião dos moradores entrevistados sobre sua forma de pensar e compreender o espaço do campo e o modo de vida rural

6 - Evitar influenciar as respostas dos entrevistados.

Tópico guia:

QUESTIONÁRIO– PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL

Entrevistador: _____ Data:...../...../. Local:.....

Tipo de construção:

madeira alvenaria mista

1 Há quanto tempo o (a) senhor(a) vive aqui?

2 Antes de morar aqui, onde o (a) senhor(a) residia? Sempre morou na zona rural?

3 O (A) senhor(a) ou alguém de sua família (na residência) desenvolve alguma das Habilidades (culinária, manufaturas, construção, confecção, c/animais etc).

Produto	
Pães	
Bolachas	
Bolos	
Vinho	
Licores/ Pinga	
Cerveja	
Sucos	
Geleias	
Doces	
Conservas / compotas	
Embutidos / defumados	
Banha / Torresmo	
Crochê	
Tricô	
Bordado	
Pintura	
Costura	
Marcenaria/ carpintaria	
Ordenha	
Castração	
Montaria	
Trabalho em couro	

3.1 Quem ensinou?

4 Quais atividades o (a) senhor(a) realiza no cotidiano que considera tipicamente rurais.?

5 O (A) senhor(a) ou outro membro de sua família desenvolve alguma atividade agrícola? Qual ou quais as técnicas utilizadas?

6 Qual é o grau de satisfação do(a) senhor(a) e de sua família em relação a atividade agrícola?

7 O que o (a) senhor(a) compra ou utiliza da cidade (zona urbana)?

8 Com que frequência?

9 O fornecimento dos mantimentos para casa costuma ser feito?

() no próprio distrito

() mercearia () mercadinho () outro _____

() na cidade mais próxima

() supermercados () hipermercados

10 O (A) senhor (a) prepara alimentos? Como?

11 Culinária: durante as refeições semanais, o que costuma consumir no dia-a-dia?

12 Que tipo de bebidas consomem:

() chás caseiro

() chás medicinais

() café

() sucos naturais

() pingas

() vinho

() chás industrial

() chimarrão

() leite

() refrigerantes

() cervejas

() outros. Quais?

13 Têm horários para:

a) Refeições?

b) Assistir TV, ouvir rádio?

c) Afazeres domésticos?

14 O que o (a) senhor (a) utiliza para se deslocar? Dentro e fora da propriedade.

15 Formas de expressão:

(Poesias, contos, música (que estilo?), canto, dança, escultura, pintura, fotografia, Teatro (escolar, religioso, comunitário), piadista. Outra Qual?)

16 Religião: qual religião? É praticante?

16.1 Participa de algum grupo de estudos religiosos?

16.2 Participa de Celebrações?

Missa Culto Novena

Outros. Quais?

17 Modos curativos:

a) Remédios: quais usa, quem indica, quem prepara?

b) Modos curativos espirituais

c) Costuma ir à benzedeira?

Sim Não

18 Participação social da família na comunidade local e/ou no município:

a) Associação comunitária de produtores e/ou agricultores Sim Não

b) Cooperativas (créditos, eletrificação, produção, etc.) Sim Não

c) Sindicato de trabalhadores. Sim Não

d) Associação de mulheres/clube de mães. Sim Não

e) Associação vinculada à igreja (pastoral, canto, etc.) Sim Não

f) Clube de futebol, ou outro esporte ligado ao lazer Sim Não

g) Grupo de Jovens Sim Não

h) Outros tipos de entidade? (especificar)

19 Participa de algum tipo de festividade? No local ou fora? Quais?

20 Se reúnem para conversas? Contar histórias? Lendas? Quais?

21 Costuma fazer visitas no distrito? Quando? Tem dias específicos?

22 Qual a opção de lazer que se tem no distrito?

pescar

caçar

futebol

Outros. Quais?

23 Quais as brincadeiras das crianças daqui?

24 Costumam comprar ou fazer os brinquedos? Quais

25 Sobre a educação, onde estudam as crianças e adolescentes?

25.1 Você percebeu se a escola influenciou seus filhos com novos hábitos e ideias?

não sim

Quais?

26 Afazeres domésticos:

O que as meninas fazem?

O que os meninos fazem?

27 Na sua opinião, como deveria ser o ensino e a educação fornecidos às crianças e jovens, filhos e filhas, de agricultores:

28 Namoro: Como está o namoro atualmente?

29 Qual é o grau de satisfação do(a) senhor(a) e de sua família em relação AO MEIO RURAL (sobre espaço/ambiente e a comunidade onde vive)?

30 Quando o(a) senhor(a) pensa no meio rural em que vive, o que mais valoriza, o que mais gosta?

31 O (A) senhor (a) mudaria para a cidade? Por quê?

32 Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui ou faz:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Água de poço | <input type="checkbox"/> capelinha |
| <input type="checkbox"/> fogão à lenha | <input type="checkbox"/> Encontros de oração (terço) |
| <input type="checkbox"/> forno de barro externo | <input type="checkbox"/> Equipamentos agrícolas tração animal |
| <input type="checkbox"/> uso do cavalo | <input type="checkbox"/> casinha (banheiro) |
| <input type="checkbox"/> retratos de família na parede | <input type="checkbox"/> estrebaria |
| <input type="checkbox"/> uso de carroça | <input type="checkbox"/> galinheiro |
| <input type="checkbox"/> simpatias e benzimentos | <input type="checkbox"/> fogão à gás |
| <input type="checkbox"/> acordar e dormir “cedo” | <input type="checkbox"/> panela de ferro |
| <input type="checkbox"/> tanque de peixes | <input type="checkbox"/> TV |
| <input type="checkbox"/> cortar lenha | <input type="checkbox"/> computador |
| <input type="checkbox"/> Água de olho d’água | <input type="checkbox"/> telefone residencial |
| <input type="checkbox"/> Sons da natureza (grito de sapo) | <input type="checkbox"/> máquina de lavar |
| <input type="checkbox"/> Paiol de milho | <input type="checkbox"/> móveis antigos |
| <input type="checkbox"/> Cigarro de palha | <input type="checkbox"/> enfeites (toalhas, vasos, enfeites...) |
| <input type="checkbox"/> Foice | <input type="checkbox"/> despensa |
| <input type="checkbox"/> Machado | <input type="checkbox"/> pocilga |
| <input type="checkbox"/> Fogueira de São João/ Pedro | <input type="checkbox"/> chiqueiro |
| <input type="checkbox"/> moinho de arroz | <input type="checkbox"/> telefone celular |
| <input type="checkbox"/> Aparelho de Som, | <input type="checkbox"/> costura |
| <input type="checkbox"/> rádio | <input type="checkbox"/> móveis atuais |
| <input type="checkbox"/> geladeira | |
| <input type="checkbox"/> acesso a internet | |

Outros?

33 Na paisagem o que é mais marcante para o senhor?

34 O que seria preciso acontecer para melhorar a qualidade de vida do(a) senhor (a) e de sua família?

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

35 Nome:

36 Sexo:

Feminino

Masculino

37 Idade:

38 Escolaridade:

analfabeto – nunca estudou

apenas lê e escreve

1ª a 4ª série incompleto

1ª a 4ª série completo

5ª a 8ª série incompleto

5ª a 8ª série completo

2º grau incompleto

2º grau completo

nível técnico

superior incompleto

superior completo

pós-graduação

Síntese das respostas transcritas

- (*) citadas com alguma frequência;
 (**) citadas com muita frequência e/ou com muita ênfase;
 (○) respostas mais significativas.

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto
 Local: Distrito rural de Guaragi

Data: 1º semestre 2013

Tipo de construção:

(8) madeira (2) alvenaria (1) mista

1 Há quanto tempo o (a) senhor(a) vive aqui?

- Menos de 1 ano *
- De um ano a 10 anos *
- De 10 anos a 20 anos **
- De 20 anos a 30 anos **
- De 30 anos a 40 **
- Mais de 40 anos *

2 Antes de morar aqui, onde o (a) senhor(a) residia? Sempre morou na zona rural?

- Morava em Ponta Grossa **
- Sempre morei no interior **

3 O (A) senhor(a) ou alguém de sua família (na residência) desenvolve alguma das Habilidades (culinária, manufaturas, construção, confecção, c/animais etc).

Produto	Faz/ Alguém sabe fazer
Pães	**
Bolachas	**
Bolos	**
Vinho	
Licores/ Pinga	*
Cerveja	*
Sucos	**
Geleias	**
Doces	**
Conservas / compotas	**
Embutidos / defumados	*
Banha / Torresmo	*
Crochê	*
Tricô	*
Bordado	*
Pintura	*
Costura	*
Marcenaria/ carpintaria	**
Ordenha	**
Castração	**
Montaria	**
Trabalho em couro	*

3.1 Quem ensinou?

- Com a vida **
- Com a família **
- Cursos
- Com os pais *
- Com o marido
- Aprendeu sozinha*
- Com o pai

4 Quais atividades o (a) senhor(a) realiza no cotidiano que considera tipicamente rurais?

- Cuidar do quintal**
 - Capinar*
 - Plantar**
 - Cuidar da horta*
 - Cuidar da chácara;
 - Manutenção da propriedade*
 - Cuidar dos animais**
 - Colher*
 - Serviços braçais
 - Trabalhar muito
 - Tirar leite
 - Não existe mais atividade tipicamente rural
- **“Não existe mais atividade tipicamente rural; da pra fazer todas as atividades do sítio na cidade e vice-versa, tem animais pequenos que da para criar no quintal. A agricultura está também no perímetro urbano”. (M. P.)**

5)a) O (A) senhor(a) ou outro membro de sua família desenvolve alguma atividade agrícola?

- Produtor integrado (granja)
- Horta
- Pecuária
- Agricultura **
- Não**

b)Qual ou quais as técnicas utilizadas?

- Segue as técnicas que o veterinário ensina*
- Maquinário **
- Defensivos químicos **
- Plantio direto
- Adubo

5.1 A única renda da família provém da atividade agropecuária ou há outra fonte de renda?

- Salário da filha que trabalha na cidade *

- Trabalha em fazenda*
- Bolsa família
- Aposentadoria
- Granja *
- Agricultura *
- Leiteria *
- Professora

6 Qual é o grau de satisfação do(a) senhor(a) e de sua família em relação a ATIVIDADE AGRÍCOLA?

- Não comentou
 - Gosta, gosta muito de trabalhar com gado
 - Não pratica atividades agropecuárias *
 - Gosta, porque cresceu no campo
 - Gosta do trabalho **
 - Gosta, mas acha que as atividades deveriam ser mais lucrativas
- **“Trabalha até aos domingos por gostar demais das atividades.” (M. P.)**
- **“Feliz com a pecuária e a agricultura, porque as duas se complementam. Mas deveriam ser mais lucrativas porque exigem muito trabalho.” (M. P.)**

7 O que o (a) senhor(a) compra ou utiliza da cidade (zona urbana)?

- Comida **
- Roupa**
- Médico**
- Farmácia *
- Contas **
- Dentista **
- Material de limpeza **
- Eletrodomésticos
- Compra pouca coisa *
- Compras em lojas
- Serviços bancários
- Praticamente tudo
- Verduras

Alguns tipos de atendimento à saúde são prestados na vila do distrito, como o atendimento médico e a distribuição gratuita de alguns medicamentos, todavia, a população reclama da falta de mais médicos e dentistas para atendimento e da falta de uma farmácia, onde poderiam ser realizados serviços bancários.

8 Com que frequência?

- Uma vez por mês*
- Duas vezes por mês **
- Três vezes por mês
- Uma vez por semana **
- Mais de uma vez por semana **

9 O fornecimento dos mantimentos para casa costuma ser feito?

(5) no próprio distrito

(1) mercearia (3) mercadinho (1) outro _____

(11) na cidade mais próxima

(11) supermercados (0) hipermercados

10 O (A) senhor (a) prepara alimentos? Como?

- Sim**
- A esposa**

- Nos dois fogões
- No fogão a lenha**
- No fogão a gás**
- A maior parte dos produtos consumidos é produzida na propriedade**
- São consumidos apenas produtos comprados*

11 Culinária: durante as refeições semanais, o que costuma consumir no dia-a-dia?

- | | |
|------------------|--------------------------|
| • Feijão** | • Saladas* |
| • Arroz** | • Embutidos* |
| • Pão** | • Produtos produzidos na |
| • Café** | propriedade* |
| • Verduras** | • MandiocaBatata-doce |
| • Carnes** | • Ovos |
| • Leite** | • Sopa |
| • Chá** | • Margarina |
| • Suco natural** | • Refrigerantes |
| • Macarrão* | • Frutas |
| • Batata* | • Salgados. |
| • Bolo* | |

Muitos produtos para o consumo familiar são, segundo os moradores, produzidos e/ou beneficiados na propriedade.

12 Que tipo de bebidas consomem:

(5) chás caseiro

(8) chás industrial

(8) chás medicinais

(9) chimarrão

(11) café

(10) leite

(11) sucos naturais

(9) refrigerantes

(1) pingas

(2) cervejas

(2) vinho

(2) outros. Quais?

- água.

13 Têm horários para:

a) Refeições?

- Café da manhã cedo*
- Café da manhã entre 6:00 e 7:00 horas*
- Lanche matinal 11:00 horas almoço
- 12:00 horas almoço**
- 11:30 horas almoço*
- Lanche as 15:00 horas**
- Jantar a noite
- Jantar 18:00
- Jantar 19:00 horas*
- Procura fazer as refeições em família, mas depende das atividades*
- Não

b) Assistir TV, ouvir rádio?

- Rádio o dia inteiro**
- Não assiste televisão*
- Rádio pela manhã*
- Televisão à noite**
- Televisão a qualquer hora*
- Televisão na hora do almoço e à noite
- Apenas as crianças assistem televisão
- Quando tem tempo
- Rádio à noite

c) Afazeres domésticos?

- Não tem horário**
- Quando da certo*
- À noite
- Pela manhã

14 O que o (a) senhor (a) utiliza para se deslocar? Dentro e fora da propriedade.

Fora da propriedade:

- Automóvel **
- Ônibus**

Dentro do distrito:

- A pé**
- Automóvel**
- Moto
- Trator

15 Formas de expressão:

(Poesias, contos, música (que estilo?), canto, dança, escultura, pintura, fotografia, Teatro (escolar, religioso, comunitário), piadista. Outra Qual?)

- Fotografia**

- Contos/ histórias**
- Música sertaneja**
- Piadas**
- Música antiga**
- Dançar*
- Música popular*
- Música gospel*
- Música moderna*
- Pintura*
- Cantar*
- Música gaúcha*
- Televisão
- Desenho
- Não respondeu

16 Religião: qual religião? É praticante?

- Católica**
- Congregação Cristã
- Adventista
- Praticante**

16.1 Participa de algum grupo de estudos religiosos?

- Não **
- Apenas em casa*
- Sim, bíblico
- Não respondeu

16.2 Participa de Celebrações?

(8) Missa (9) Culto (5) Novena
(1) Outros.

Quais?

Pela televisão.

17 Modos curativos:

a) Remédios: quais usa, quem indica, quem prepara?

- Chás **
- Remédios industrializados**

(camomila, cidreira, hortelã, erva-cidreira, melissa, boldo, cânfora, abacate, unha-de-gato)

- Aprendeu com a mãe**
- Aprendeu com a família**
- Escolhe para si*
- Com outras pessoas*
- Com os mais velhos

- Com a avó
- Com o médico
- Tradição
- Prepara os chás para si**
- A esposa prepara
- Prepara para a família

b) Modos curativos espirituais

- Não acredita**
- Costureira de “rendiduras”***
- Benzimentos**
- Curador*
- Acredita**
- É mais para criança*
- Espíritas
- Não respondeu

c) Costuma ir à benzedeira?

(5) Sim (6) Não

18 Participação social da família na comunidade local e/ou no município:

- a) Associação comunitária de produtores e/ou agricultores Sim (1) Não (9)
 b) Cooperativas (créditos, eletrificação, produção, etc.) Sim (3) Não (7)
 c) Sindicato de trabalhadores. Sim (3) Não (7)
 d) Associação de mulheres/clube de mães. Sim(0) Não (10)
 e) Associação vinculada à igreja (pastoral, canto, etc.) Sim (2) Não (8)
 f) Clube de futebol, ou outro esporte ligado ao lazer Sim (0) Não (10)
 g) Grupo de Jovens Sim (1) Não(9)
 h) Outros tipos de entidade? (especificar) Sim (0) Não(0)

19 Participa de algum tipo de festividade? No local ou fora? Quais?

- Aniversário**
- Festa de igreja**
- Festa em homenagem aos santos**
- Festa Junina
- Festas em família
- Casamento
- Baile
- Não participa
- No lugar/ na comunidade**
- Fora*
- Na vila

As pessoas consideram ser mais seguro participar de festividades familiares e relacionadas às igrejas, pois são ambientes privados ou com policiamento.

20 Se reúnem para conversas? Contar histórias? Lendas? Quais?

- Não muito**
- Sim, sempre*
- Nos finais de ano
- No dia das mães
- Nos finais de semana
- Nas novenas

(Conversam sobre o dia-a-dia, sobre religião, sobre leiteria, sobre os animais, mentiras, fofocas)

21 Costuma fazer visitas no distrito? Quando? Tem dias específicos?

- | | |
|----------------------------|-----------------------|
| • Não tem dia específico** | • Não faz visitas** |
| • Finais de semana* | • Recebe visitas** |
| • Domingo | • Sim* |
| • Dias santos | • Não recebe visitas* |
| • À tarde | • Gosta de passear |
| • À noite | |

22 Qual a opção de lazer que se tem no distrito?

(7) pescar

(1) caçar

(5) futebol

(3) Outros. Quais?

Segundo os moradores, não há muitas atividades de lazer no local. São realizados churrascos, festas e bailes e as pessoas que tem piscina a usam como lazer. Uma das famílias entrevistadas relatou a ocorrência de cavalgadas, realizadas por pequenos grupos, geralmente quando se deslocam até rios da região para pescaria.

23 Quais as brincadeiras das crianças daqui?

- Bicicleta**
- Balanço**
- Com brinquedos*
- Pega-pega*
- Correm atrás dos animais*
- Peteca
- Bola
- Meninos brincam com trator
- Meninas casam cedo
- Boneca*
- Rede

- Brincam em casa
- Pular corda
- Amarelinha
- Desenhos
- Carrinho
- Conversam
- Casinha
- Televisão
- Música

24 Costumam comprar ou fazer os brinquedos? Quais?

- Compram**
- Fazem*

25 Sobre a educação, onde estudam as crianças e adolescentes?

- Na vila, no Guaragi**
- Vão de ônibus*

25.1 Você percebeu se a escola influenciou seus filhos com novos hábitos e ideias?
(2) não (9) sim

Quais?

- Mais educados**
- Mais tranquilos
- Mais obedientes
- Mais responsáveis
- Mais interessados
- Estudo é tudo para melhorar na vida
- Aprendem coisas ruins
- Mais mal-educados
- Ficam mais inteligentes
- As crianças gostam

- **“Hoje em dia mudou muito, eles pensam diferente” (M. P.)**
- **“O grande ensinamento vem de casa, a escola muda para pior” (M. P.)**

26 Afazeres domésticos:

O que as meninas fazem?

O que os meninos fazem?

- Está tudo igual**
- Existem diferenças, mas as mulheres ajudam em tudo*
- As meninas ajudam a mãe
- As meninas ajudam a lavar roupa
- As meninas ajudam a limpar a casa
- As meninas ajudam no serviço de casa

- Os meninos ajudam no serviço do pai

27 Na sua opinião, como deveria ser o ensino e a educação fornecidos às crianças e jovens, filhos e filhas, de agricultores:

- Precisam aprender mais coisas do dia-a-dia rural**
 - Tinha de ser voltada para a agricultura**
 - Acredita que seja necessário oportunidades de estudar a noite para aqueles que trabalham durante o dia, tem pouco estudo, e querem voltar a estudar
 - Não sabe dizer
 - Buscar um futuro melhor
 - É diferente quando escolhe a profissão
 - O ensino, de forma geral, é ruim
 - O que aprendem está bom
 - Tem que estudar bastante
- **“A escola deveria se modernizar; quem mora na cidade tem que saber como é o dia-a-dia do agricultor para valorizar o produto e o serviço” (M. P.)**

28 Namoro: Como está o namoro atualmente?

- Não há mais respeito**
 - Ocorre muito precocemente*
 - Hoje é muito diferente*
 - Não tem diferença da cidade*
 - Na escola
 - Vergonhoso
 - Não tem amor
 - Não há mais, vão morar juntos
- **“Não tem diferença da cidade. A televisão influencia e deixa os lugares mais semelhantes.” (M. P.)**

29 Qual é o grau de satisfação do(a) senhor(a) e de sua família em relação AO MEIO RURAL (sobre espaço/ambiente e a comunidade onde vive)?

- Gosta**
 - Gosta de morar no local e se sente bem
 - Está muito satisfeito
- **“Gosto. A vida no meio rural é muito melhor. Aqui é uma delícia, o clima é bom, tem frutas.”(M. P.)**

30 Quando o(a) senhor(a) pensa no meio rural em que vive, o que mais valoriza, o que mais gosta?

- Segurança**
- Menos poluição**
- Tranquilidade*

- Calma*
 - Liberdade*
 - Sossego
 - Rotina
 - Natureza
 - Se sente melhor
- **“Tranquilidade, a gente levanta da cama e respira ar puro, é melhor para a saúde, é mais seguro.” (M. P.)**
 - **“Da natureza, a pessoa fica mais perto da natureza, vê a natureza se transformar, vê a semente virar planta, o capim e a água virarem leite.” (M. P.)**

31 O (A) senhor (a) mudaria para a cidade? Por quê?

- Não**
 - Sim *
- Sim, precisa de estudo para os filhos*
 - Não, a vida no campo é melhor*
 - Não se acostumaria na cidade*
 - Não acostumaria com o barulho e insegurança*
 - Não por causa do movimento
 - Não, por causa do silêncio e segurança
 - Não porque no campo é melhor
- **“Não mudaria, a vida no meio rural é melhor. Mas infelizmente o serviço não é remunerado, você trabalha muito para não receber.” (M. P.)**

32 Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui ou faz:

- | | |
|--|---|
| (8)Água de poço | (10)Foice |
| (10) fogão à lenha | (10)Machado |
| (2) forno de barro externo | (9) Fogueira de São João/ Pedro |
| (5) uso do cavalo | (2) moinho de arroz |
| (7) retratos de família na parede | (6) capelinha |
| (0)uso de carroça | (8) Encontros de oração (terço) |
| (6)simpatias e benzimentos | (2) Equipamentos agrícolas tração animal |
| (8)acordar e dormir “cedo” | (2) casinha (banheiro) |
| (4)tanque de peixes | (6) estrebaria |
| (9)cortar lenha | (10) galinheiro |
| (7)Água de olho d’água | (11) fogão à gás |
| (11)Sons da natureza (grito de sapo) | (8) panela de ferro |
| (7)Paiol de milho | (10) TV |
| (7)Cigarro de palha | (10) enfeites (toalhas, vasos, enfeites...) |
| (6) computador | (6) despensa |
| (0) telefone residencial | (5) pocilga (chiqueiro) |
| (11) máquina de lavar | (6) Aparelho de Som, |
| (5) móveis antigos | |

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| (11) rádio | (11) telefone celular |
| (11) geladeira | (3) costura |
| (0) acesso a internet | |
| (11) móveis atuais | |

Outros?

- Maquinário agrícola, trator, moinho de milho, água da rua.

33 Na paisagem o que é mais marcante para o senhor?

- | | |
|--------------|--------------------|
| • Pássaros** | • Natureza |
| • Árvores** | • Sol |
| • Ar puro* | • Matas |
| • Estrelas* | • Vento no rosto |
| • Luar* | • Caminhar na mata |
| • Sons* | • Rios |
| • Flores* | • Animais |

34 O que seria preciso acontecer para melhorar a qualidade de vida do(a) senhor (a) e de sua família?

- Médico**
 - Está bom**
 - Estradas*
 - Farmácia na vila*
 - Posto de saúde*
 - Não falta nada
 - Policiamento
 - *Internet*
 - Sinal de celular
- **“O que mais prejudica é a estrada ruim, o que existe na cidade já pode ter no interior.” (M. P.)**
- **“Não falta nada, já é movimentado demais. Aqui já está mais moderno, está tudo mais moderno, tem mais conforto hoje em dia.” (M. P.)**

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

35 Nome:

- Moradores permanentes (M. P.)

36 Sexo:

- (8) Feminino
(4) Masculino

37 Idade do entrevistado principal:

- Entre 19 e 87 anos

38 Escolaridade:

- (*) analfabeto – nunca estudou
- () apenas lê e escreve
- (**) 1ª a 4ª série incompleto
- (*) 1ª a 4ª série completo
- () 5ª a 8ª série incompleto
- (*) 5ª a 8ª série completo
- () 2º grau incompleto
- (**) 2º grau completo
- () nível técnico
- () superior incompleto
- () superior completo
- () pós-graduação

APÊNDICE B– Questionário de coleta de dados
Moradores veraneio

Os dados a seguir são resultado de entrevistas realizadas com moradores que possuem residência de veraneio no distrito de Guaragi, no município de Ponta Grossa- Pr, no segundo semestre de 2013.

Os questionários foram aplicados pela autora e contam com 29 questões, apresentadas em forma de tópico guia, procurando reconhecer o que é o patrimônio cultural rural para os moradores de veraneio com residência no distrito.

Foram entrevistadas 10 famílias com residências em diferentes localidades do distrito procurando abranger todo o espaço rural de Guaragi. A autora tinha inicialmente a intenção de entrevistar uma pessoa de cada família, mas logo que se apresentava a proposta da pesquisa toda à família demonstrava interesse em participar. A participação familiar possibilitou atingir várias categorias de idade, gênero, e escolaridade, pessoas que vivenciaram experiências distintas e paradoxalmente semelhantes.

As famílias contam com, em média, 4 integrantes. Essa interação do grupo enriqueceu o conteúdo da pesquisa porque os entrevistados vivenciam o mesmo modo de vida construído cotidianamente, e a partir da sua vivência suas crenças, hábitos e valores é possível reconhecer os símbolos do patrimônio cultural rural.

Em determinado momento das entrevistas as respostas apresentaram respostas comuns para o grupo, o que revelou uma realidade semelhante entre o grupo entrevistado, e por se tratar de pesquisa qualitativa seguiu-se o ponto de saturação das respostas. (BAUER; GASKELL, 2005).

ENTREVISTA

Número de famílias entrevistadas: 10.

Equipamentos utilizados: caderno de campo para anotações complementares, questionário com 29 perguntas, termo de uso da imagem e entrevistas.

Local: distrito rural de Guaragi.

A entrevista foi organizada atendendo as seguintes exigências:

- 1 – Identificar através das vivências o patrimônio cultural ligado ao modo de vida rural para os moradores de veraneio;
- 2 - Considerar as reações sentimentais e emocionais dos entrevistados;

3 – Assegurar-se de que os entrevistados são capazes de compreender as questões e as informações pertinentes à pesquisa.

4 – Considerar a opinião dos moradores entrevistados sobre sua forma de pensar e compreender o espaço do campo e o modo de vida rural.

6 - Evitar influenciar as respostas dos entrevistados.

QUESTIONÁRIO PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL – Não-Permanentes

Entrevistador:

Data: 2013.

Local:

1) Tipo de construção:

() madeira () alvenaria () mista

2) Há quanto tempo o (a) senhor(a) tem casa aqui?

3) Onde o (a) senhor(a) reside? Já morou na zona rural? Aqui ou em outro lugar?

4) Quando vem para o distrito, quais atividades o (a) senhor(a) realiza (no cotidiano) que considera tipicamente rurais?

5) Qual é o grau de satisfação do(a) senhor(a) com o distrito? (gosta, acha tranquilo, acha que era melhor antes...)

6) O que o (a) senhor(a) trás ou utiliza da cidade quando está no distrito?

7) Com que frequência visita o distrito? Permanece quanto tempo?

8) O fornecimento dos mantimentos para casa (no distrito) costuma ser feito?

() no próprio distrito

() mercearia () mercadinho () outro. Qual?

() na cidade mais próxima

() supermercados () hipermercados

- 9) Culinária: durante as refeições, na visita ao distrito, costuma preparar/consumir alimentos produzidos aqui?
- 10) O que o (a) senhor (a) utiliza para se deslocar? Para vir até aqui e dentro do distrito.
- 11) Formas de expressão: poesias, contos, música, canto, dança, pinturas, fotografias...
Que tragam lembranças relacionadas ao modo de vida rural, ao campo?
- 12) Quando está no distrito participa de alguma reunião social em clubes, bares, associações(...) ? Quais?
- 13) Quando está no distrito participa de alguma celebração religiosa? Quais?
- 14) Participa de algum tipo de festividade? No local ou fora? Quais?
- 15) Se reúnem para conversas? Contar histórias? Lendas? Quais?
- 16) Costuma fazer visitas no distrito? Quando? Em dias específicos?
- 17) O (a) senhor (a) costuma participar da política local e/ou reivindicar por melhorias para o distrito junto à Prefeitura ou outra entidade?
- 18) O (a) senhor (a) acha que sua presença e de sua família interferem na paisagem (considere paisagem tudo que pode ser apreendido pelos sentidos: visão, olfato, audição) e/ou na vida social (na vida cotidiana) dos moradores do distrito?
- 19) O (a) senhor (a) sente que interfere na vida cotidiana como um intruso ou sente que participa dos processos que ocorrem no espaço rural do distrito?
- 20) Qual a opção de lazer que se tem no distrito?
- | | |
|---------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> pescar | <input type="checkbox"/> futebol |
| <input type="checkbox"/> caçar | <input type="checkbox"/> Outros. Quais? |

21)Qual é o grau de satisfação do (a) senhor(a) e de sua família em relação AO ESPAÇO RURAL do distrito onde tem sua casa (sobre espaço/ambiente e a comunidade)?

22)Quando o (a) senhor(a) vai para o espaço rural, o que procura?

23)O que mais gosta no espaço rural?

24)O (A) senhor (a) mudaria para o distrito? Por quê?

25)Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> água de poço | <input type="checkbox"/> casinha (banheiro) |
| <input type="checkbox"/> fogão à lenha | <input type="checkbox"/> estrebaria |
| <input type="checkbox"/> forno de barro externo | <input type="checkbox"/> galinheiro |
| <input type="checkbox"/> uso do cavalo | <input type="checkbox"/> fogão à gás |
| <input type="checkbox"/> retratos de família na parede | <input type="checkbox"/> panela de ferro |
| <input type="checkbox"/> uso de carroça | <input type="checkbox"/> televisão |
| <input type="checkbox"/> simpatias e benzimentos | <input type="checkbox"/> computador |
| <input type="checkbox"/> acordar e dormir “cedo” | <input type="checkbox"/> telefone residencial |
| <input type="checkbox"/> tanque de peixes | <input type="checkbox"/> máquina de lavar |
| <input type="checkbox"/> cortar lenha | <input type="checkbox"/> móveis antigos |
| <input type="checkbox"/> água de olho d’água | <input type="checkbox"/> enfeites e altares |
| <input type="checkbox"/> sons da natureza | <input type="checkbox"/> despensa |
| <input type="checkbox"/> paiol | <input type="checkbox"/> pocilga (chiqueiro) |
| <input type="checkbox"/> cigarro de palha | <input type="checkbox"/> aparelho de som |
| <input type="checkbox"/> foice | <input type="checkbox"/> rádio |
| <input type="checkbox"/> machado | <input type="checkbox"/> geladeira |
| <input type="checkbox"/> fogueira de São João/ Pedro | <input type="checkbox"/> acesso a <i>internet</i> |
| <input type="checkbox"/> moinho | <input type="checkbox"/> telefone celular |
| <input type="checkbox"/> capelinha | <input type="checkbox"/> máquina de costura |
| <input type="checkbox"/> encontros de oração (terço) | |
| <input type="checkbox"/> equipamentos agrícolas tração animal | |
| <input type="checkbox"/> móveis atuais | |

Outros?

26)Na paisagem o que é mais marcante para o (a) senhor (a)? O que mais gosta de sentir na paisagem rural? (o que na paisagem estimula sua audição, olfato, visão...)

27)O que o (a) senhor (a) considera como patrimônio cultural rural?

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome:

28) Idade:**29)** Escolaridade:

- analfabeto – nunca estudou
- apenas lê e escreve
- 1ª a 4ª série incompleto
- 1ª a 4ª série completo
- 5ª a 8ª série incompleto
- 5ª a 8ª série completo

- 2º grau incompleto
- 2º grau completo
- nível técnico
- superior incompleto
- superior completo
- pós-graduação

Síntese das respostas transcritas

- (*) citadas com alguma frequência;
(**) citadas com muita frequência e/ou com muita ênfase;
(○) respostas mais significativas.

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto
Local: Distrito rural de Guaragi

Data: 2º semestre 2013

1) Tipo de construção:

(3) madeira (6) alvenaria (1) mista

2) Há quanto tempo o (a) senhor (a) tem casa aqui?

- Menos de 10 anos
- Entre 10 e 20 anos
- Entre 20 e 30 anos
- Entre 30 a 40 anos
- Mais de 50 anos

3) Onde o (a) senhor(a) reside? Já morou na zona rural? Aqui ou em outro lugar?

- Ponta Grossa**
- Já morou**
- Nunca morou**
- Já morou em Guaragi**
- Já morou em São Paulo*

4) Quando vem para o distrito, quais atividades o (a) senhor(a) realiza (no cotidiano) que considera tipicamente rurais?

- Trabalhos na horta**
- Agricultura**
- Limpeza da propriedade**
- Manutenção da chácara**
- Cuidar dos animais**
- Cuidar dos pássaros**

- Roçar*
- Caminhada para curtir a natureza*
- Capinar*
- Cortar lenha*
- Andar a cavalo*
- Pomar*
- Descansar*
- Silvicultura
- Passeio
- Todas as atividades

5) Qual é o grau de satisfação do(a) senhor(a) com o distrito? (gosta, acha tranquilo, acha que era melhor antes...)

- Acha bom**
- Gosta, mas antigamente era mais tranquilo, hoje tem muita violência**
- Gosta, acha tranquilo e bom para dormir*
- Gosta, porque conhece todos, as famílias
- Não gosta, prefere a cidade

6) O que o (a) senhor(a) trás ou utiliza da cidade quando está no distrito?

- Somente os alimentos que não são produzidos no local**
- Alimentos**
- Ferramentas**
- Material de construção**
- Adubos e herbicidas*
- Ração para animais
- Sementes
- Bicicleta
- Celular
- Motocicleta
- Tudo

7) Com que frequência visita o distrito? Permanece quanto tempo?

- Toda a semana**
- Uma vez por semana*
- Quase todos os dias*
- Todo o final de semana

- Permanece 3 a 4 dias**
- Permanece 2 dias**
- O dia inteiro**

8) O fornecimento dos mantimentos para casa (no distrito) costuma ser feito?

- (1) no próprio distrito
 (1) mercearia () mercadinho (1) outro. Qual? Bares e verdureiros.
- (10) na cidade mais próxima
 (8) supermercados (2) hipermercados

9) Culinária: durante as refeições, na visita ao distrito, costuma preparar/consumir alimentos produzidos aqui?

- O que compram e o que produzem**
- Sim**
- Não consome alimentos produzidos na propriedade

10) O que o (a) senhor (a) utiliza para se deslocar? Para vir até aqui e dentro do distrito.

- Para vir carro**
- Para vir ônibus e carro**
- Para vir ônibus

- No distrito a pé**
- No distrito carro**

11) Formas de expressão: poesias, contos, música, canto, dança, pinturas, fotografias...

Que tragam lembranças relacionadas ao modo de vida rural, ao campo?

- Gosta de música caipira**
- Gosta de música sertaneja**

- Gosta de expressões artísticas que lembram o campo**
- Gosta de fotografias

12) Quando está no distrito participa de alguma reunião social em clubes, bares, associações(...) ? Quais?

- Não**
- Celebrações da igreja católica*
- Associação de moradores

13) Quando está no distrito participa de alguma celebração religiosa? Quais?

- Não**
- Sim, vai a festas, missas e novenas na comunidade**

14) Participa de algum tipo de festividade? No local ou fora? Quais?

- Festas da igreja**
- Não**
- Sim, Festa do Colono
- Sim, familiares

15) Se reúnem para conversas? Contar histórias? Lendas? Quais?

- Sim**
- Não*
- Conversa com os vizinhos do dia-a-dia
- Sim, com a família sobre coisas do dia-a-dia
- Recebem visitas de Ponta Grossa

16) Costuma fazer visitas no distrito? Quando? Em dias específicos?

- Sim**
- Não**
- Não faz visitas, mas recebe*
- Para a família
- Finais de semana**

- No campo não tem dia específico**

17)O (a) senhor (a) costuma participar da política local e/ou reivindicar por melhorias para o distrito junto à Prefeitura ou outra entidade?

- Sim**
- Sim, junto a Prefeitura Municipal, para pedir melhorias para as estradas**
- Não*
- Não, mas algum membro da família sim
- Sim, junto a Prefeitura Municipal, para pedir melhorias para a água

18)O (a) senhor (a) acha que sua presença e de sua família interferem na paisagem (considere paisagem tudo que pode ser apreendido pelos sentidos: visão, olfato, audição) e/ou na vida social (na vida cotidiana) dos moradores do distrito?

- Não **
- Sente que não interfere, mas acha que é bom não existir muitas pessoas de fora, porque esses fazem muito barulho e atrapalham o sossego dos moradores *
- Sim, sente-se presente na visão e audição*

19)O (a) senhor (a) sente que interfere na vida cotidiana como um intruso ou sente que participa dos processos que ocorrem no espaço rural do distrito?

- Não interfere**
- Sente que participa dos processos**
- Acha sua presença indiferente
- Se sente bem recebido
- Convivência normal

20)Qual a opção de lazer que se tem no distrito?

- (3) pescar
- (0) caçar
- (1) futebol
- (9) Outros. Quais?

Observar a natureza; plantar e realizar os afazeres da propriedade; caminhada; não faz nada; passeio; conversar; trilha de motocicleta; aeróbica; dançar; cantar;

caminhada; piscina; palavras cruzadas; jogos de carta em família; jogos de raciocínio.

21) Qual é o grau de satisfação do (a) senhor(a) e de sua família em relação AO ESPAÇO RURAL do distrito onde tem sua casa (sobre espaço/ambiente e a comunidade)?

- Gosta muito da casa no campo**
- Gosta muito porque a chácara é lembrança dos pais, da relação com a família**
- Gosta do lugar e das pessoas que são boas**
- Gosta porque tem familiares no local**
- Bom*
- Grau médio
- Não gosta muito, vai para companhia a família

22) Quando o (a) senhor(a) vai para o espaço rural, o que procura?

- | | |
|-------------------|----------------------------|
| • Tranquilidade** | • Ar puro* |
| • Sossego** | • Natureza* |
| • Relaxar** | • Se desligar de tudo |
| • Silêncio** | • Mudar o tipo de trabalho |
| • Paz** | • Levar a filha brincar |
| • Descanso* | • Pássaros |

23) O que mais gosta no espaço rural?

- O ar**
- A tranquilidade**
- Tudo é bom**
- A natureza*
- Os animais
- Os pássaros
- Paz
- Silêncio

24) O (A) senhor (a) mudaria para o distrito? Por quê?

- No momento não, mais tarde sim**
- Sim, adoraria morar lá**
- Não**
- Ainda não*

25) Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

(9) água de poço	(2) casinha (banheiro)
(6) fogão à lenha	(2) estrebaria
(1) forno de barro externo	(5) galinheiro
(2) uso do cavalo	(9) fogão à gás
(6) retratos de família na parede	(4) panela de ferro
(0) uso de carroça	(9) televisão
(3) simpatias e benzimentos	(2) computador
(7) acordar e dormir “cedo”	(1) telefone residencial
(0) tanque de peixes	(5) máquina de lavar
(8) cortar lenha	(1) móveis antigos
(3) água de olho d’água	(6) enfeites e altares
(9) sons da natureza	(6) despensa
(9) paiol	(1) pocilga (chiqueiro)
(0) cigarro de palha	(3) aparelho de som
(9) foice	(9) rádio
(9) machado	(9) geladeira
(5) fogueira de São João/ Pedro	(1) acesso a <i>internet</i>
(2) moinho	(7) telefone celular
(2) capelinha	(2) máquina de costura
(5) encontros de oração (terço)	(9) móveis atuais
(2) equipamentos de tração animal	

Outros? No passado existia moinho de arroz e milho; antigamente usava água de poço, hoje não usa mais porque usa a água encanada; costuma conversar com as pessoas.

26) Na paisagem o que é mais marcante para o (a) senhor (a)? O que mais gosta de sentir na paisagem rural? (o que na paisagem estimula sua audição, olfato, visão...)

- Gosta de tudo**
- O cheiro das árvores floridas**
- Os pássaros**
- As flores*

- Vegetação*
- Sons da natureza*
- Ar puro*
- Dias ensolarados
- Da paisagem
- Os animais
- Pôr-do-sol
- Silêncio

27) O que o (a) senhor (a) considera como patrimônio cultural rural?

- O modo de viver**
- As práticas diárias relacionadas ao campo, ao trabalho, e aos conhecimentos da natureza**
- As tradições, ensinamentos e práticas diárias**
- A maneira de falar das pessoas*
- Festas religiosas*
- A originalidade dos moradores
- A amizade
- A simpatia
- Plantações
- Criação de animais
- Comida

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

28) Idade: Entre 10 e 72 anos

29) Escolaridade:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> analfabeto – nunca estudou | <input type="checkbox"/> 2º grau incompleto |
| <input type="checkbox"/> apenas lê e escreve | <input type="checkbox"/> **) 2º grau completo |
| <input type="checkbox"/> *) 1ª a 4ª série incompleto | <input type="checkbox"/> nível técnico |
| <input type="checkbox"/>) 1ª a 4ª série completo | <input type="checkbox"/> superior incompleto |
| <input type="checkbox"/>) 5ª a 8ª série incompleto | <input type="checkbox"/> **) superior completo |
| <input type="checkbox"/>) 5ª a 8ª série completo | <input type="checkbox"/> *) pós-graduação |

